



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS
PROGRAMA STRICTO SENSU DE MESTRADO PROFISSIONAL EM
PSICOLOGIA, DESENVOLVIMENTO E POLÍTICAS PÚBLICAS

IRLÂNDIA OLIVEIRA ALMEIDA

A RELAÇÃO MATERNO-FILIAL E SUAS REPERCUSSÕES NO
DESENVOLVIMENTO INFANTO JUVENIL EM CONTEXTO DE
VULNERABILIDADE

SANTOS - SP

2024

IRLÂNDIA OLIVEIRA ALMEIDA

**A RELAÇÃO MATERNO-FILIAL E SUAS REPERCUSSÕES NO
DESENVOLVIMENTO INFANTO JUVENIL EM CONTEXTO DE
VULNERABILIDADE**

Dissertação e Produto Técnico apresentada à Banca Examinadora da Universidade Católica de Santos, como exigência parcial obtenção do título de Mestre em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas.

Orientadora: Prof.^a Dra. Hilda Rosa Capelão Avoglia.

SANTOS - SP

2024

[Dados Internacionais de Catalogação]
Departamento de Bibliotecas da Universidade Católica de Santos
Viviane Santos da Silva - CRB 8/6746

A447r

Almeida, Irlandia Oliveira

A relação materno- filial e suas repercussões no desenvolvimento infanto juvenil em contexto de vulnerabilidade/ Irlândia Oliveira Almeida ; orientadora Hilda Rosa Capelão Avoglia. -- 2024.

152 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Católica de Santos, Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas, 2024.

1. Relação mãe-filho. 2. Vulnerabilidade social.
3. Saúde mental infanto-juvenil. I. Avoglia, Hilda Rosa Capelão. II. Título.

CDU: Ed. 1997 -- 159.9(043.3)

IRLÂNDIA OLIVEIRA ALMEIDA

**A RELAÇÃO MATERNO-FILIAL E SUAS REPERCUSSÕES NO
DESENVOLVIMENTO INFANTO JUVENIL EM CONTEXTO DE
VULNERABILIDADE**

Dissertação e Produto Técnico apresentada à Banca Examinadora da Universidade Católica de Santos, como exigência parcial obtenção do título de Mestre em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas.

Orientadora: Prof.^a Dra. Hilda Rosa Capelão Avoglia.

Aprovado em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.^a Dra. Hilda Rosa Capelão Avoglia (Presidente - membro nato)
Universidade Católica de Santos (UNISANTOS).

Prof.^a Dra. Miria Benincasa Gomes (Titular – membro interno) Universidade Católica de Santos (UNISANTOS).

Prof. Dr. Pablo Mateus dos Santos Jacinto (Titular – membro externo) Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

AGRADECIMENTOS

Nada é tão nosso quanto nossos sonhos (Nietzsche), pois, quem acredita sempre alcança. Acreditar é preciso! Foi acreditando no passo a passo, no pouco a pouco que o caminho foi se fazendo.

Bendigo ao amado e bondoso Deus, por ter conduzido os meus passos até aqui, por ser meu refrigerio nos momentos difíceis, mediante trabalho, noites sem dormir, feriados e fins de semana comprometidos com os estudos! Sigo acreditando que daqui para frente o Senhor continuará me conduzindo.

Todo esforço vale a pena, quando o que está em jogo é a realização da nossa felicidade e concretude de sonhos. Por trás das realizações estão pessoas que fizeram o caminho comigo, os quais sou grata.

Gratidão à minha família por toda sintonia e apoio, aos meus amigos: João, Analice, Helô, Angélica e Fernanda Psi, por acreditarem em mim e incentivarem na trajetória como pesquisadora. Assim como, à minha família religiosa da CICAF, por todo cuidado e compreensão no cotidiano da vida-missão.

Gratidão ao Núcleo de Convivência para Adultos em situação de vulnerabilidade por aceitar a pesquisa no espaço, assim como, imensa gratidão as nossas amadas mães e crianças que vivem em situação de vulnerabilidade e colaboraram com o desenvolvimento desse trabalho tão cheio de ricas experiências e resiliência, e que, poderá ajudar na criação de políticas públicas para essa realidade gritante.

Gratidão também a todos os docentes que contribuíram com este processo formativo durante esses dois anos, pela dedicação e empenho a profissão, assim como, minha querida orientadora Prof^ª Dra. Hilda Rosa Capelão Avoglia, que com tanto cuidado e ética norteou-me para melhor construção do trabalho, fazendo as observações necessárias para o êxito do mesmo.

E, não poderia deixar de agradecer aos colegas parceiros de sala onde aconteciam nossas trocas de saberes e construção de consciência crítica visando a vida dos mais vulneráveis por carência de políticas públicas efetivas.

A todas as pessoas de perto e de longe com quem convivi ao longo desses anos, e que me incentivaram a agregar mais valores e conhecimento na minha trajetória acadêmica e possibilitou o meu crescimento como humana nesse universo. Minha eterna gratidão!

MÃES E FILHOS DAS CALÇADAS

Olhares entristecidos, corpos sofridos, sorrisos guardados, mãos machucadas, pés que andam sem descanso.

Calçadas, praças, becos e muros são os ambientes das tantas vidas maltratadas, excluídas e marginalizadas.

Andam, vão e vêm sem ter para onde, há tão somente as ruas, os escombros e o lixo largado pelas multidões que passam.

Elas, mulheres Mães das calçadas, têm seus sonhos brutalizados, os desejos bloqueados e as esperanças desfeitas pela dor do abandono e solidão.

Carregam os filhos e filhas sabendo que não há um amanhã seguro, nascem condenados a uma existência sem lar, uma cama, sem horizontes.

Elas, as Mães das calçadas, sabem dos perigos em cada esquina, conhecem a violência institucionalizada pelo estado e suas forças repressoras.

Elas sentem nos corpos violados, abusados e brutalizados pelo agressor, em geral homens, a angústia e desespero de não ter segurança de deitar, dormir e acordar.

As Mães e os filhos das calçadas são repelidos e desumanizados por culturas de dominação constituídas por dentro das entranhas do machismo e das mais diversas expressões de intolerância.

As Mães das calçadas são - na quase totalidade - mulheres jovens e negras, marcadas, portanto, pelo que há de mais perverso nas sociedades contemporâneas: o racismo.

- Roberto Liebgott

“O importante e bonito do mundo é isso: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas, mas que elas vão sempre mudando. Afinam e desafinam”.

Guimarães Rosa

ALMEIDA, I. O. **A relação materno-filial e suas repercussões no desenvolvimento infantil juvenil em contexto de vulnerabilidade.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas. Universidade Católica de Santos. Santos, SP, 2024.

RESUMO

A presente pesquisa aborda o vínculo mãe-filho em contexto de vulnerabilidade social. Assim, apresenta como objetivo analisar a relação mãe-filho e seus desdobramentos para o desenvolvimento infanto-juvenil em contexto de vulnerabilidade. O estudo se justifica na medida em que se vislumbra o fortalecimento do vínculo materno filial nesse segmento da população. Apresenta como um desenho metodológico observacional e qualitativo, de caráter descritivo e exploratório, na qual foi utilizado Questionário Sociodemográfico, Entrevista de Anamnese, Observação Participante conjunta com as mães e seus filhos em Oficina de Sucatas. Participaram da pesquisa cinco mães e seus filhos, participantes do Núcleo de Convivência para Adultos em situação de Rua, em São Paulo-SP. A partir dos resultados analisados observou-se que as mães tinham idades entre 22 e 38 anos, solteiras, com filhos, em situação de rua e em ocupações de moradias, com escolaridade no nível fundamental incompleto, além de baixa condição socioeconômica. Identificou-se o predomínio do não planejamento da gravidez, sendo esse ponto influenciador no desenvolvimento dos filhos. As mães relataram que almejam ofertar uma condição de vida melhor aos filhos e frequentar a escola aparece como elemento predominante para ter um futuro promissor. No que se refere aos filhos, foi analisada a necessidade de mais atenção e reconhecimento por parte das mães, sendo percebidas como fonte de segurança. A Observação Participante na Oficina de Sucatas permitiu identificar sinais de retraimento e sentimentos de insegurança dos filhos na relação com suas mães. A participação na Oficina de Sucatas possibilitou às mães reconhecerem seu posicionamento diante das demandas emocionais dos filhos. Conclui-se, assim, que a relação materno-filial se mostrou impactada pelo contexto de vulnerabilidade com o qual convivem, sendo relevante a proposição de ações promotoras do fortalecimento do vínculo materno-filial. A partir desta pesquisa se propôs uma cartilha que busca dar voz aos filhos de mães em situações de vulnerabilidade, com o intuito de favorecer a relação com seus filhos.

Palavras-chave: Relação Mãe - Filho. Vulnerabilidade Social. Saúde Mental Infanto-Juvenil.

ALMEIDA, I. O. **The maternal-branch relationship and its repercussions on childhood development in vulnerability settings**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas. Universidade Católica de Santos. Santos, SP, 2024.

ABSTRACT

This research addresses the mother-child bond in contexts of social vulnerability. Thus, the objective is to analyze the mother-child relationship and its implications for child and adolescent mental health in vulnerable contexts. The study is justified as it envisages the strengthening of mental health in this segment of the population. The research had an observational and qualitative methodological design, of a descriptive and exploratory nature, in which a Sociodemographic Questionnaire, Anamnesis Interview, and joint Participant Observation with mothers and their children in a Scrap Workshop were used. Five mothers and their children participated in the research, participants of the Coexistence Center for Homeless Adults, in São Paulo-SP. From the results analyzed, it was observed that the mothers were aged between 22 and 38 years old, single, with children, homeless and in housing occupations, with incomplete primary education, in addition to low socioeconomic status. The predominance of non-planning of pregnancy was identified, with this point influencing the development of children. Mothers reported that they want to offer their children a better living condition and attending school appears to be the predominant element for having a promising future. With regard to children, the need for more attention and recognition from mothers was analyzed, as they are perceived as a source of security. The Workshop Participant Observation made it possible to identify signs of withdrawal and feelings of insecurity among children in their relationships with their mothers. Participation in the Scrap Workshop enabled mothers to recognize their position in the face of their children's emotional demands. It is concluded, therefore, that the mother-child relationship was impacted by the context of vulnerability in which they live, making it important to propose actions that promote the strengthening of the mother-child bond. Based on this research, a booklet was proposed that seeks to give a voice to the children of mothers in vulnerable situations, with the aim of promoting relationships with their children.

Keywords: Mother - Child Relationship. Social vulnerability. Child and Adolescent Mental Health.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Perfil sociodemográfico das participantes da pesquisa	50
Tabela 2: Planejamento de gravidez.....	55
Tabela 3: Cuidados Maternos com a Prole	57
Tabela 4: Desejos maternos para os filhos	60
Tabela 5: Fatores que influenciam na relação mãe-filho.....	62
Tabela 6: Situação de vulnerabilidade e relação mãe-filho	66
Tabela 7: Perfil dos filhos das participantes do estudo.....	69
Tabela 8: Atividades realizadas pelos filhos das participantes em casa.	70
Tabela 9: Posicionamento dos filhos sobre as mães	71
Tabela 10: Dificuldades de convivência com a mãe	72
Tabela 11: Sensação dos filhos com as mães	74

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
CREAS	Centro de Referência Especializado de Assistência Social
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCT	Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
PAISM	Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher
SEADE	Sistema Estadual de Análise de Dados
SUS	Sistema Único de Saúde
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 PROBLEMA DE PESQUISA	19
3 OBJETIVOS	19
3.1 OBJETIVO GERAL.....	19
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	19
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
4.1 VULNERABILIDADE SOCIAL E AS FAMÍLIAS BRASILEIRAS: CONHECENDO O CONCEITO E A REALIDADE.....	20
4.2 A MÃE SUFICIENTEMENTE BOA DE ACORDO COM WINNICOTT	21
4.3 VÍNCULO AFETIVO MATERNO, UM PROCESSO FUNDAMENTAL PARA A SAÚDE MENTAL E O DESENVOLVIMENTO INFANTO-JUVENIL	24
4.4 COMO UMA RELAÇÃO MATERNO-FILIAL PROBLEMÁTICA PODE IMPACTAR NEGATIVAMENTE A SAÚDE MENTAL DA CRIANÇA	26
4.5 A IMPORTÂNCIA DAS POLÍTICAS PÚBLICAS VISANDO AO CUIDADO COM A MÃE	28
4.6 A RELAÇÃO MÃE-FILHO: ASPECTOS PSICOSSOCIAIS	35
5 METODOLOGIA	41
5.1 TIPO DE PESQUISA.....	41
5.2 LOCAL DE ESTUDO.....	41
5.3 PARTICIPANTES	42
5.4 INCLUSÃO NA AMOSTRA.....	43
5.5 EXCLUSÃO DA AMOSTRA	43
5.6 INSTRUMENTOS DA PESQUISA	43
5.6.1 Questionário Sociodemográfico	43
5.6.2 Entrevista de anamnese com a mãe e com a criança	44
5.6.3 Observação participante e oficina de sucata.....	44
5.7 PROCEDIMENTO.....	45
5.8 PROCEDIMENTO PARA COLETA DE DADOS	46
5.9 PROCEDIMENTO PARA ANÁLISE DE DADOS.....	46
5.10 PRODUTO TÉCNICO	47
5.11 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA	47

5.12RISCOS	48
5.13BENEFÍCIOS	49
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	50
6.1 PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DAS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	50
6.2 ENTREVISTA COM AS MÃES PARTICIPANTE.....	54
6.2.1 A Gestação e o Vínculo afetivo com o Filho.....	54
6.2.2 Cuidados Maternos com a Prole.....	56
6.2.3 Desejos Maternos para o Futuro	59
6.2.4 Fatores que influenciam na relação mãe-filho.....	62
6.2.5 Influência da situação de vulnerabilidade na relação mãe-filho.....	66
6.3 ENTREVISTA COM OS FILHOS DAS PARTICIPANTES	69
6.4 OBSERVAÇÃO DA RELAÇÃO MÃE-FILHO OFICINA DE SUCATAS.....	75
6.4.1 Relação mãe-filho – Participante Flor	76
6.4.2 Relação mãe-filho – Participante Margarida	77
6.4.3 Relação mãe-filho – Participante Rosa.....	77
6.4.4 Relação mãe-filho – Participante Jasmim	78
6.4.5 Relação mãe-filha – Participante Violeta	79
6.5 ANÁLISE DA OFICINA DE SUCATAS COMO ESTRATÉGA PROMOTORA DA RELAÇÃO MATERNO FILIAL.....	79
7 A RELAÇÃO MATERNO-FILIAL NO CONTEXTO DE VULNERABILIDADE E SEUS IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO INFANTO-JUVENIL.....	84
APÊNDICE L- PRODUTO TÉCNICO – CARTILHA COMO PROPOSTA DE ESTRATÉGA PROMOTORA PARA O DESENVOLVIMETNO INFANTO JUVENIL.....	87
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
REFERÊNCIAS.....	122
APÊNDICE A – Instrumento 1: Questionário de perfil sociodemográfico	130
APÊNDICE B – Instrumento 2: Roteiro de entrevista de Anamnese	131
APÊNDICE C – Instrumento 3: Barema de observação participante	133
APÊNDICE D – Roteiro de oficina de sucatas.....	134
APÊNDICE E – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).....	135
APÊNDICE F – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	137
APÊNDICE G – Termo de anuência da instituição concedente	139
APÊNDICE H - DECLARAÇÃO DOS PESQUISADORES E COLABORADORES..	140

APÊNDICE I – Termo de Anuência da Instituição Concedente.....	141
APÊNDICE J – FOTOGRAFIAS DA OFICINA COM SUCATAS	143

APRESENTAÇÃO

Quando a vocação para o serviço e a paixão pela saúde se encontram nascem histórias de dedicação e amor ao próximo. Muito prazer, chamo-me Irlândia Oliveira Almeida, mulher parda, nascida em Ipirá, Bahia, filha de família simples e muito alegre. Encontrei meu propósito no chamado a vida religiosa consagrada e no cuidado com os mais vulneráveis. Minha trajetória começou cedo, desde jovem, inspirada pela área da saúde, tendo apoio caloroso da família, e incentivo a seguir esse caminho. Assim me dediquei ao curso técnico em enfermagem, uma decisão que viria a moldar significativamente meu caminho. Esta base em enfermagem não só me proporcionou habilidades práticas valiosas de cuidado a vida, como também abriu portas para a missão que abracei como religiosa.

Ao entrar na vida religiosa, assumi o serviço na Pastoral da Criança, em Feira de Santana-BA, onde pude dedicar-me ao apoio às mães e crianças em situações de grande vulnerabilidade em uma Ocupação, comunidades desfavorecidas. Contribuir no acompanhamento de puérperas e parturientes em situação de encarceramento, experiência marcante que despertou ainda mais meu desejo de servir e ajudar aqueles que mais precisam, especialmente mulheres.

Mas foi em 2021, que dei um passo significativo em minha jornada ao concluir a graduação em Psicologia. Esse marco não apenas aprofundou meu entendimento sobre as complexidades da mente humana, mas também me inspirou a estar junto das mulheres, e fundar o Projeto "A Vida Ouvida", uma iniciativa dedicada a dar voz e apoio às mulheres em situação de vulnerabilidade em Feira de Santana-BA. Esta experiência foi profundamente transformadora e reafirmou minha vocação para trabalhar com mulheres em situações de vulnerabilidade.

O ano de 2022, marcou outro ponto de viragem em minha vida-missão quando fui enviada para São Paulo para uma missão especial: trabalhar como psicóloga social com a população em situação de calçada. Este desafio não só ampliou minha compreensão das complexidades enfrentadas por esses indivíduos, mas também despertou meu desejo de buscar mais conhecimento e aprimorar minhas habilidades.

Foi assim que o mestrado em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas na Universidade Católica de Santos (Unisantos), surgiu como uma oportunidade para expandir meus horizontes acadêmicos e práticos. A partir das experiências do Projeto "A Vida Ouvida" e do trabalho com a população em situação de calçada, moldaram minha visão, e a levaram a explorar as interseções entre gênero, vulnerabilidade e relação materno filial e como as

experiências das mulheres afetam suas identidades, relações, saúde mental e o bem-estar de suas famílias.

Ao longo desta jornada, tenho sido constantemente inspirada pela resiliência e coragem daquelas que enfrentam adversidades. Minha esperança é que este trabalho possa contribuir para uma compreensão mais profunda e empática das realidades enfrentadas por essas mulheres, mães e possuidoras de sonhos, e que possamos encontrar maneiras mais eficazes de apoiá-las em sua jornada rumo à dignidade e ao bem-estar. Que políticas públicas sejam despertadas mediante essa temática tão importante atualmente. Agradeço a todos pelo apoio e pela oportunidade de compartilhar minha história e minha pesquisa.

1 INTRODUÇÃO

A vulnerabilidade social de indivíduos, grupos e famílias é realidade no Brasil, já que fatores materiais, humanos e sociais atingem a população do país em diferentes intensidades provocando exposição a riscos, afetando o nível de bem-estar e, por consequência, os processos de desenvolvimento.

Desde a década de 90, o conceito acerca de vulnerabilidade e de maneira especial, o conceito de vulnerabilidade social tem ganhado uma grande proporção no meio científico, no tangente às produções e no discurso das pessoas que trabalham com a área da saúde ou assistência social.

Figueiredo e Noronha (2008) relatam que existem poucos estudos, discussões e debates acerca do que realmente se caracteriza vulnerabilidade e prescrevem que o conceito de vulnerabilidade vem sendo discutido e sendo atrelado ao termo “minorias”, pois, compreende-se que as populações consideradas vulneráveis fazem parte de um respectivo grupo de menor dominância social. Desta maneira, percebe-se que ser ou não vulnerável está relacionado a ideias de precariedade de condições de vida.

O conceito de vulnerabilidade surge por volta da década de 1980 como uma resposta à epidemia *Human Immunodeficiency Virus* (HIV) Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), fazendo referência às pessoas que possuíam uma maior gama de fatores relacionados à ação patogênica do vírus. Diante disto, começou-se a ter a percepção de que este conceito estava intimamente relacionado à saúde, resultante de um processo de interseções entre o ativismo suscitado pela epidemia do HIV/Aids e o movimento dos direitos humanos. Mediante esta situação, a vulnerabilidade começou a ser inserida em discussões da área da saúde pública, ganhando assim maior notoriedade e espaço (Ayres; França Junior; Calazans e Saletti Filho, 2009).

O conceito de vulnerabilidade, inicialmente associado ao contexto da epidemia de HIV/Aids, expandiu-se com o passar dos anos para abarcar uma compreensão mais ampla sobre as desigualdades sociais e de saúde. A partir das discussões geradas por essa epidemia, o termo ganhou espaço na saúde pública, incorporando não apenas fatores biológicos, mas também sociais e políticos que influenciam a capacidade dos indivíduos de enfrentar doenças e condições adversas. Assim, a vulnerabilidade foi progressivamente sendo associada às condições estruturais que afetam determinados grupos sociais, incluindo minorias e populações marginalizadas, resultando na percepção de que as fragilidades de uma sociedade se manifestam

tanto na saúde física quanto nas condições socioeconômicas. Em países como o Brasil, essa perspectiva se reflete em situações concretas de vulnerabilidade social, como a crescente população em situação de rua, composta em grande parte por grupos já historicamente vulneráveis, como mulheres e crianças.

A vulnerabilidade social no Brasil afeta diversos segmentos da população, sendo mulheres e crianças particularmente suscetíveis, dada sua inclusão em grupos minoritários sob a perspectiva do poder social. Essa realidade se reflete nas estatísticas alarmantes de pessoas em situação de rua. No ano de 2023, 36.475 indivíduos passaram a viver nas ruas, alcançando um total de 221.113 em julho do mesmo ano. O destaque é para o estado de São Paulo com o maior número de pessoas em situação de rua, totalizando 95.195, sendo 54.812 somente na capital paulista (Relatório Preliminar PSR – MDHC, 2023).

A condição de vulnerabilidade das famílias está intrinsecamente ligada a fatores como pobreza, exploração, desemprego, violências, fome e falta de moradia, que afetam diretamente sua qualidade de vida e capacidade de superar adversidades. Esses fatores, em grande parte estruturais, agravam a exclusão social e colocam essas famílias em situações de maior risco e privação. No entanto, o conceito de vulnerabilidade, originalmente formulado no campo da saúde pública, também reconhece que esses fatores sociais influenciam diretamente a saúde física e mental dos indivíduos. A partir das discussões sobre o HIV/Aids, foi percebido que a exposição a doenças e a capacidade de enfrentamento delas, dependem não apenas de aspectos biológicos, mas também das condições sociais e econômicas dos indivíduos. Assim, o conceito de vulnerabilidade, além de referir-se à suscetibilidade a doenças, abrange uma perspectiva mais ampla que inclui as interações entre contextos sociais adversos e a saúde, refletindo na forma como políticas públicas devem ser desenhadas para lidar com as desigualdades que afetam populações marginalizadas.

A complexidade desses elementos, aliada a aspectos psicossociais e culturais, contribui para uma dinâmica de vida familiar extremamente desafiadora. A pobreza, em suas diversas manifestações, expõe os indivíduos a condições de vida frequentemente abaixo dos padrões de dignidade humana. Essa exposição constante a riscos e adversidades interfere de maneira significativa na dinâmica familiar, afetando o bem-estar e os processos de desenvolvimento (Micheletti *et al.*, 2011). Nesse contexto, surge o conceito de fatalismo, como discutido por Martín-Baró (2017a), que se refere à percepção de que os eventos adversos são inevitáveis e que as pessoas não possuem controle sobre suas próprias vidas. Esse sentimento de impotência pode ser visto como uma resposta às condições estruturais de opressão e exclusão, nas quais a pobreza e a vulnerabilidade se tornam constantes na vida das famílias. O fatalismo, assim,

consolida-se como um mecanismo de enfrentamento psicológico frente à impossibilidade percebida de mudança, reforçando ciclos de privação e dificuldades, enquanto enfraquece a capacidade de ação coletiva e individual para superar essas adversidades.

Na trajetória profissional e acadêmica da autora pesquisadora em questão, as experiências de atuar com pessoas em situação de vulnerabilidade, sobretudo mulheres, propiciaram interesse por esse tema de pesquisa. Assim, é primordial investigar as condições deste grupo e colaborar com seu bem-estar a partir de iniciativas micro e macropolíticas.

Do ponto de vista da saúde, a literatura acadêmica é vasta, pois antes mesmo da década de 80 e da construção do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM), que tratava do impacto das condições de vida da mulher no desenvolvimento da sua prole, convida para um olhar alargado a respeito da relação mãe e filho. O documento "Assistência Integral à Saúde da Mulher: bases de ação programática" serviu de apoio para o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM), que foi elaborado pelo Ministério da Saúde em 1983 e publicado em 1984 (Biblioteca Virtual em Saúde, 2005).

Tendo como público-alvo as mães e filhos em situação de vulnerabilidade social, o presente estudo se justifica na medida em que se compreende a relevância desse assunto para o contexto da sociedade atual. Abordar o tema da maternidade e do vínculo mãe-filho é essencial para ampliação dos conhecimentos no campo da Psicologia, especialmente da Psicologia do Desenvolvimento e Psicologia Social. Da forma como a sociedade se desenvolve, no contexto sócio histórico cultural, visando possibilidades de mudanças nas formas de relacionamento entre pais e filhos, assim como, na formação de vínculos futuros.

O Ministério do desenvolvimento social e combate à fome por meio de sua norma técnica nº001/2016, pontuou que o governo federal do Brasil reconhece os desafios enfrentados por mães em situação de rua e os impactos dessa vulnerabilidade no desenvolvimento dos seus filhos (BRASIL, 2016a). Mães em situação de rua enfrentam problemas diretamente relacionado ao bem-estar das suas crianças, diante da falta de acesso adequado a saúde, alimentação adequada e condições mínimas de higiene.

O desenvolvimento infantil é profundamente influenciado pelo ambiente em que vive, sendo a relação mãe e filho um dos principais fatores para a formação de vínculos emocionais, desenvolvimento cognitivo e socialização. Em contextos de vulnerabilidade, essa relação pode ser agravada pelas condições adversas vivenciadas, tal situação impõem obstáculos não só quanto ao desenvolvimento da criança, mas também frente a criação de laços afetivos. Segundo teóricos com John Bowlby (1989), a formação de vínculos afetivos seguros nos primeiros anos de vida é crucial para o desenvolvimento de um adulto emocionalmente estável. No entanto,

em situações de vulnerabilidade, esses vínculos podem ser enfraquecidos, repercutindo em traumas e dificuldades que afetam o desenvolvimento integral da criança.

A relevância deste estudo se destaca ao considerar o impacto significativo que o contexto de vulnerabilidade social exerce sobre a formação de vínculos materno-filiais e o desenvolvimento emocional das crianças. De acordo com Sroufe (2005), a qualidade do apego formado na infância está intimamente ligada à segurança emocional e ao suporte recebido, sendo diretamente influenciada por fatores como estabilidade econômica, acesso a recursos e suporte social. Em contextos de vulnerabilidade, onde esses fatores são escassos, a formação de vínculos saudáveis pode ser prejudicada, comprometendo o desenvolvimento psicológico e social das crianças ao longo da vida. Portanto, ao abordar essa questão, este estudo busca não apenas aprofundar a compreensão dos impactos desses contextos adversos, mas também fornecer subsídios para intervenções que promovam a resiliência e o bem-estar nas relações familiares.

Pesquisas sobre as dinâmicas familiares em contextos de vulnerabilidade são de suma importância para o aprimoramento de políticas públicas voltadas a infância e a proteção social. Há uma lacuna significativa nos estudos que abordam a intersecção entre a relação mãe-filho e os impactos das condições de vulnerabilidade. Compreender como essas famílias experienciam a maternidade e o desenvolvimento infantil podem fornecer subsídios para a criação de políticas sensíveis e eficazes, que promovam a saúde e o bem-estar dessas crianças e suas mães.

2 PROBLEMA DE PESQUISA

Assim, surge a indagação: como ocorre a relação materno-filial em contexto de vulnerabilidade e quais os seus possíveis impactos no desenvolvimento infanto juvenil?

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a relação mãe-filho e seus desdobramentos para o desenvolvimento infanto-juvenil em contexto de vulnerabilidade.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Descrever o perfil sociodemográfico das mães e filhos participantes;
- b) Relatar e analisar a história de vida das mães das crianças participantes;
- c) Analisar aspectos psicossociais da relação materno-filial em crianças em contexto de vulnerabilidade social;
- d) Identificar fatores de risco e proteção da relação mãe-filho para saúde mental infanto-juvenil;
- e) Propor estratégias promotoras de relação materno filial, subsidiadas pelos resultados da pesquisa.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 VULNERABILIDADE SOCIAL E AS FAMÍLIAS BRASILEIRAS: CONHECENDO O CONCEITO E A REALIDADE

Não se pode falar de “família”, mas de “famílias”, para que se possa tentar contemplar a diversidade de relações que convivem na sociedade”. No imaginário social, a família seria um grupo de indivíduos ligados por laços de sangue e que habitam a mesma casa. Pode-se considerar a família um grupo social composto de indivíduos que se relacionam cotidianamente gerando uma complexa trama de emoções. Entretanto, há dificuldade de se definir família, cujo aspecto vai depender do contexto sociocultural em que ela está inserida (Gomes; Pereira, 2005).

A família é, portanto, uma construção social que varia segundo as épocas, permanecendo, no entanto, aquilo que se chama “sentimento de família”, que se forma a partir de um emaranhado de emoções e ações pessoais, familiares e culturais, compondo o universo do mundo familiar (Amaral, 2001; Gomes; Pereira, 2005).

A família é influenciada por diversos fatores de ordem social, cultural, econômica, e política, o que vem determinando transformações em sua configuração e dinâmica. Ao mesmo tempo, é no seu interior que os processos de subjetivação e interação social que promovem a incorporação e reprodução de valores e padrões socioculturais, bem como o cuidado à saúde acontecem, determinando o desenvolvimento biopsicossocial de seus membros e influenciando a formação das futuras gerações. Ao considerar a saúde como um processo de subjetivação influenciado por determinantes sociais, culturais e históricos, a situação de vulnerabilidade em que vive um grande conjunto de famílias brasileiras está associada ao contexto de pobreza e à desigual distribuição de renda no país (Carinhanha; Penna; Oliveira, 2014).

O estabelecimento de vínculos é próprio do ser humano e, desse modo, a família, enquanto grupo primário é o *locus* para a concretização desta experiência. A confiança que o indivíduo tem de que pode estar no mundo e estar bem entre os outros lhe é transmitida pela sua aceitação dentro do grupo familiar. O sentir-se pertencente a um grupo, no caso, à família, possibilita-lhe no decorrer de sua vida pertencer a outros grupos. Para a família pobre, marcada pela fome e pela miséria, a casa representa um espaço de privação, de instabilidade e de esgarçamento dos laços afetivos e de solidariedade (Gomes; Pereira, 2005).

Segundo Gomes e Pereira (2005), quando a casa deixa de ser um espaço de proteção para ser um espaço de conflito, a superação desta situação se dá de forma muito fragmentada, uma vez que esta família não dispõe de redes de apoio para o enfrentamento das adversidades,

resultando, assim, na sua desestruturação. A realidade das famílias pobres não traz no seu seio familiar a harmonia para que ela possa ser a propulsora do desenvolvimento saudável de seus membros, uma vez que seus direitos estão sendo negados.

Embora a realidade das famílias em situação de pobreza imponha desafios gigantescos para o pleno desenvolvimento de seus membros, é importante ressaltar que isso não significa a ausência de afeto ou de laços familiares fortes. O contexto de vulnerabilidade social muitas vezes coloca essas famílias em situações de negação de direitos, como acesso à saúde, educação e moradia digna, o que pode afetar a harmonia familiar em termos de bem-estar físico e emocional. No entanto, isso não implica que os vínculos afetivos entre os membros da família sejam inexistentes ou menos valiosos. Pelo contrário, em muitos casos, o afeto e a solidariedade entre os membros da família se tornam mecanismos essenciais de enfrentamento das adversidades. O que está em questão, portanto, não é a ausência de afeto, mas sim as condições estruturais que dificultam a criação de um ambiente saudável e estável para o desenvolvimento integral de todos os seus membros.

A vulnerabilidade social e as famílias brasileiras envolvem um conjunto complexo de fatores que afetam os acessos desses a direitos fundamentais, como: educação, saúde, trabalho digno e moradia. O cenário brasileiro das famílias, marcado por desigualdades históricas e estruturais, evidencia que essa temática é um fenômeno multifacetado, em que as relações de poder, questões de gênero, raça e território agravam ainda mais as situações de risco. Dessa maneira, o entendimento da vulnerabilidade social exige uma abordagem interseccional, capaz de identificar os múltiplos eixos de desigualdade que afetam às famílias, com especial atenção às populações mais marginalizadas. Assim, nesse contexto, apesar das falhas e precariedades, a figura materna ainda tenta ofertar um nível de cuidado para seus filhos dentro de suas limitações.

Nesse sentido, abordar-se-á a seguir o conceito de "A mãe suficientemente boa" de acordo com Winnicott, explorando como essa figura materna ideal se relaciona com o desenvolvimento emocional e psicológico da criança, e quais implicações essa teoria traz para a compreensão da parentalidade e do cuidado infantil.

4.2 A MÃE SUFICIENTEMENTE BOA DE ACORDO COM WINNICOTT

O conceito de "mãe suficientemente boa" foi desenvolvido pelo psicanalista britânico Donald Winnicott (1975) para descrever uma mãe que é capaz de prover um ambiente emocionalmente estável e acolhedor, essencial para o desenvolvimento saudável de seu filho.

Essa mãe atende às necessidades básicas da criança de forma consistente, sem ser excessivamente controladora ou intrusiva, o que permite que a criança desenvolva autonomia e um senso de segurança emocional ao longo do tempo. Esse equilíbrio entre cuidados e liberdade é fundamental para que a criança cresça emocionalmente saudável e preparada para lidar com os desafios da vida. Essa mãe compreende as necessidades do bebê, respondendo de maneira afetuosa, promovendo segurança do bebê para a exploração do mundo.

Importante notar que, segundo Winnicott (1975), a “mãe suficientemente” boa não precisa ser perfeita, ela pode cometer erros e ter limitações, desde que os reconheça e busque corrigi-los, mantendo um ambiente saudável. Esse conceito influenciou a psicanálise e a teoria do desenvolvimento infantil, ressaltando a relevância do ambiente emocional na formação da personalidade e na saúde mental.

Winnicott (1975) também aborda a possibilidade de um relacionamento de submissão com a realidade externa, destacando a importância da adaptação ativa e da preocupação fácil e sem ressentimentos por parte da “mãe suficientemente boa”.

O que é remetido, novamente, à história das mulheres, quando submetidas a uma realidade que lhes dificultou ou impediu a descoberta criativa do mundo. Em que condições puderam essas mulheres do passado ser mães suficientes? Com qual autonomia geraram filhos com recursos de criatividade? Que tipo de interlocução encontrou na cultura de seu tempo?

Não colocamos em questão a existência de mães boas e suficientes ao longo de toda a história, contudo pensar na “mãe suficientemente boa” implica concebê-la como mulher, respeitada pela cultura, reconhecida como dona de seu corpo e de sua liberdade, capaz de viver o paradoxo de amar com devoção e alteridade. Daí a proposta de que precisou das transformações do século XX, do movimento feminista, do desenvolvimento da humanidade para se tornar visível. Condições necessárias, ainda que não suficientes (Lobo, 2008).

Assim, a maternidade corresponde não apenas a um “acontecimento biológico, mas a uma vivência inscrita numa dinâmica sócio-histórica” (Correia, 1998, p. 366). Neste sentido, considera-se que o contexto social no qual a maternidade é vivenciada influencia de forma relevante no modo como a mãe desempenha seu papel, assim como nas concepções e significados que ela atribui à sua condição de ser mãe. Portanto, pensar a maternidade em contextos de classe média e/ou média alta e em contextos de vulnerabilidade social implica pensar em realidades distintas, com peculiaridades e significados próprios. Por ser um país de grandes contrastes socioeconômicos, o Brasil ainda possui muitas pessoas vivendo em situação de pobreza e, até mesmo, abaixo da linha desta, de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2017).

Historicamente, tanto em contextos de classe média/alta quanto nas camadas populares, a maternidade esteve tradicionalmente associada a estereótipos de gênero, sendo os cuidados domésticos e a criação dos filhos, atividades consideradas como obrigatoriamente femininas (Sarti, 2011; Bossardi; Vieira, 2015). Nas classes média e alta, todavia, essa concepção foi, gradualmente, sofrendo alterações, principalmente a partir da entrada da mulher no mercado de trabalho e da maior participação do pai na vida doméstica e dos filhos (Souza; Ramires, 2006; Bossardi; Vieira, 2015). Nas camadas populares, por sua vez, a maternidade parece manter-se mais atrelada a concepções tradicionais de gênero.

A ênfase predominante nos estudos acadêmicos sobre a maternidade e sua relação com o desenvolvimento infantil pode, em parte, refletir a realidade social em que o cuidado dos filhos ainda é majoritariamente atribuído às mulheres. No entanto, também revela uma expectativa subjacente no campo científico de que o vínculo materno é fundamental para compreender o desenvolvimento das crianças. Essa tendência pode reforçar concepções tradicionais de gênero, ao priorizar a figura materna como central na parentalidade, deixando em segundo plano o papel dos pais e de outros cuidadores. Embora a relação mãe-filho tenha, de fato, um impacto valioso no desenvolvimento, é importante reconhecer que essa abordagem pode limitar a compreensão mais ampla das diversas formas de parentalidade e de como diferentes figuras de cuidado, incluindo os pais e outros membros da família, também influenciam de maneira decisiva o desenvolvimento infantil. A ciência precisa, portanto, expandir suas perspectivas para incluir a pluralidade das relações familiares e suas diversas dinâmicas.

Conforme Sarti (2011), as tarefas domésticas e o cuidado dos filhos continuam sendo prioritariamente desempenhados pela mãe e, na impossibilidade de fazê-lo, há o deslocamento desta responsabilidade para outras figuras femininas da família. Consoante a tal, o estudo de Muñoz *et al.*, (2013), realizado com nove mães chilenas, assim como o de Cúnico e Arpini (2014), que investigou dez mulheres de periferia urbana de uma cidade do Rio Grande do Sul, identificaram sentimentos de sobrecarga, angústia e resignação em relação à maternidade vivenciada em contextos de vulnerabilidade social.

Os sentimentos de angústia e resignação surgiram pelo fato de que tais mães não possuíam projetos para o futuro, vivendo o momento presente com incerteza, tendo em vista suas condições precárias de sobrevivência. Desta forma, entende-se que a sobrecarga relatada pelas mães reforça a importância da rede de apoio para auxiliá-las no exercício de seu papel (Benatti, *et al.*, 2020).

A mãe suficientemente boa é aquela capaz de oferecer um ambiente seguro e acolhedor, adaptando-se de maneira sensível às necessidades da criança nos primeiros anos de vida. Esse ambiente promove a saúde emocional e psicológica da criança permitindo que ela desenvolva sua capacidade de se sentir segura, explorar o mundo e formar sua própria identidade. Para Winnicott, o papel da mãe suficientemente boa não é ser perfeita, mas sim capaz de atender às necessidades da criança de maneira responsiva, permitindo que ela se desenvolva de forma saudável e progressiva. Esse equilíbrio entre cuidado e frustração moderada é fundamental para que a criança cresça com uma sensação de segurança emocional, autonomia e autenticidade.

Na próxima seção, será discutido o vínculo afetivo materno como um processo fundamental para a saúde mental e o desenvolvimento infanto-juvenil. Analisaremos como a qualidade desse vínculo influencia o bem-estar emocional da criança, suas habilidades sociais e cognitivas, e sua capacidade de formar relacionamentos saudáveis ao longo da vida. A compreensão desse vínculo é essencial para promover intervenções que fortaleçam a saúde mental desde a primeira infância.

4.3 VÍNCULO AFETIVO MATERNO, UM PROCESSO FUNDAMENTAL PARA A SAÚDE MENTAL E O DESENVOLVIMENTO INFANTO-JUVENIL

Saúde mental é um estado de equilíbrio emocional e psicológico que permite às pessoas lidarem com os desafios da vida de forma saudável e produtiva. É um estado de bem-estar mental que envolve a capacidade de lidar com as emoções, pensamentos e comportamentos, bem como de se adaptar às mudanças e lidar com o estresse e a pressão. A saúde mental é um aspecto importante do desenvolvimento humano e está diretamente relacionada à qualidade de vida (Becker, *et al.*, 2020).

O desenvolvimento humano é um processo contínuo e complexo que começa na concepção e continua ao longo da vida. Erik Erikson foi um teórico do desenvolvimento humano que propôs uma teoria psicossocial que descreveu oito estágios do desenvolvimento que as pessoas passam ao longo da vida, até o final dela (Erikson, 1976).

Os estágios do desenvolvimento humano descritos por Erik Erikson são moldados por conflitos psicossociais que devem ser resolvidos para que o indivíduo avance de maneira saudável para o próximo estágio. A resolução bem-sucedida desses conflitos está intimamente ligada à qualidade das interações afetivas e ao suporte emocional recebido durante a infância. O laço afetivo, especialmente o vínculo materno, desempenha um papel crucial nesse processo, pois proporciona a segurança emocional e o suporte necessários para que a criança desenvolva

a confiança e a autoestima essenciais para enfrentar os desafios de cada estágio. Um vínculo afetivo positivo e estável não só facilita a resolução dos conflitos psicossociais descritos por Erikson, mas também contribui para o desenvolvimento de uma identidade forte e coesa, influenciando profundamente a capacidade do indivíduo de enfrentar futuras crises e relacionamentos interpessoais ao longo da vida (Silva, 2019).

O vínculo é um laço afetivo que se estabelece entre duas pessoas e que pode ser fortalecido por meio de interações positivas e de qualidade. O vínculo materno é o laço afetivo que se estabelece entre a mãe e o filho, e é uma das relações mais importantes no desenvolvimento infantil. Esse vínculo é estabelecido nos primeiros anos de vida do bebê e é essencial para o desenvolvimento emocional e cognitivo saudável da criança. A qualidade do vínculo materno pode influenciar diretamente na autoestima, confiança e a capacidade de se relacionar dos filhos na vida adulta (Silva, 2019).

É importante entender a relação entre saúde mental, desenvolvimento humano, vínculo e vínculo materno para promover um desenvolvimento saudável e equilibrado. Uma infância saudável e afetiva é fundamental para o desenvolvimento de uma personalidade forte e resiliente, que possa lidar com os desafios da vida de forma positiva e produtiva. A qualidade do vínculo materno é um fator essencial nesse processo e deve ser cultivado desde os primeiros anos de vida do bebê. Dessa forma, é possível promover uma vida adulta saudável e feliz (Becker *et al.*, 2020).

Tornar-se mãe é um processo de construção que demanda um trabalho de preparação que vai capacitar a mãe a cuidar de seu bebê. Desde a gestação, segundo Winnicott (1956/2000), a mulher entra em um estado especial, em uma condição psicológica por ele denominada "preocupação materna primária". Tal condição se caracteriza por um estado de sensibilidade aumentada, que se desenvolve gradualmente ao longo da gravidez e dura até algumas semanas após o parto. O seu objetivo é capacitar a mulher a se preocupar com seu bebê, permitindo que sejam temporariamente excluídos seus outros interesses, além de possibilitar que a mãe se coloque no lugar do bebê para que possa ser responsiva às necessidades dele.

Para Winnicott (1956/2000), o estabelecimento da preocupação materna primária permite ao bebê revelar suas tendências de desenvolvimento, experimentar um movimento espontâneo e dominar as sensações apropriadas a esta fase de sua vida. Esta condição requer um trabalho psicológico da mãe, pois não é algo natural.

O vínculo afetivo materno constitui uma base fundamental sobre a qual se estrutura a saúde emocional, o desenvolvimento psicológico e as capacidades sociais da criança. A qualidade do apego estabelecido nos primeiros anos de vida é determinante para o

desenvolvimento de uma identidade saudável, da capacidade de autorregulação emocional e da construção de relacionamentos futuros. Dessa forma, o vínculo materno se revela como um processo dinâmico e essencial que demanda não apenas afeto, mas também a criação de um ambiente estável e responsivo às necessidades da criança. Além disso, o fortalecimento desse vínculo é profundamente influenciado por fatores externos, como condições socioeconômicas e o apoio social oferecido a família, destacando a importância de políticas públicas que favoreçam o desenvolvimento saudável da criança.

Assim, o capítulo seguinte discutirá como uma relação materno-filial problemática pode impactar negativamente a saúde mental da criança. Será analisado os efeitos adversos que a falta de um vínculo seguro e saudável pode ter no desenvolvimento emocional, incluindo a propensão a distúrbios de ansiedade, depressão e dificuldades de relacionamento, e a importância de intervenções precoces para mitigar esses impactos e promover um ambiente familiar mais saudável.

Na seção sobre a importância das políticas públicas visando ao cuidado com a mãe, exploraremos como iniciativas governamentais e sociais são fundamentais para garantir o bem-estar materno. Essas políticas desempenham um papel crucial na promoção de suporte emocional, acesso a serviços de saúde e recursos educativos, contribuindo para a saúde mental das mães e, por consequência, para o desenvolvimento saudável de seus filhos. Analisar-se-á ainda como a implementação dessas políticas pode fortalecer as redes de apoio e melhorar a qualidade de vida familiar.

4.4 COMO UMA RELAÇÃO MATERNO-FILIAL PROBLEMÁTICA PODE IMPACTAR NEGATIVAMENTE A SAÚDE MENTAL DA CRIANÇA

A saúde mental é um conceito de difícil definição, pois diferencia-se de acordo com cada cultura, em um dado momento histórico, em uma determinada população, o que servirá de modelo para se considerar o que é um comportamento normal (conduta seguida pela maioria das pessoas que caracterizam essa população) e um comportamento desviante (como indica o próprio nome, conduta explicada pela minoria das pessoas que se destacam por diferir das ditas “normais”). Nota-se aqui, a influência do aspecto cultural e histórico na consideração dos estados de saúde e doença mental (Souza; Baptista; Alves, 2008).

A saúde mental é um conceito complexo e multifacetado que varia conforme o contexto cultural, histórico e populacional, influenciando a percepção do que é considerado comportamento normal ou desviante. Em um dado momento histórico e em uma determinada

população, as definições de saúde mental são moldadas pelas normas e expectativas sociais, refletindo a conduta predominante e a maneira como comportamentos fora dessas normas são interpretados. Dentro desse contexto, a relação materno-filial desempenha um papel crucial. O vínculo afetivo entre mãe e filho é fundamental para o desenvolvimento emocional e psicológico, influenciando como o indivíduo enfrenta e interpreta suas experiências. A qualidade desse vínculo pode impactar diretamente a percepção e a gestão dos estados de saúde mental, tanto para o desenvolvimento saudável da criança quanto para a compreensão das dinâmicas emocionais que definem o que é considerado ajustado ou não dentro de uma dada cultura. Assim, a integração dos aspectos da relação materno-filial é essencial para uma definição contextualizada e abrangente de saúde mental.

Segundo Nascimento e Pamplona (2019), uma boa relação mãe e filho é caracterizada por um vínculo forte e saudável, onde há confiança, respeito, comunicação aberta e afeto mútuo. Nessa relação, a mãe é uma figura protetora, que acolhe e apoia seu filho em momentos de necessidade, mas também o encoraja a buscar sua independência e autonomia.

No entanto, diversos fatores podem contribuir para uma relação conturbada entre mãe e filho, como problemas de saúde mental da mãe, falta de afeto, negligência, abuso físico ou emocional, conflitos conjugais, entre outros. Diante do contexto atual, em que muitas famílias enfrentam dificuldades econômicas, sociais e emocionais decorrentes da pandemia de COVID-19, esses fatores podem ser potencializados, tornando ainda mais desafiadora a tarefa de criar uma relação saudável entre mãe e filho (Winnicott, 1965).

A relação mãe-filho é uma das mais importantes e fundamentais na vida de qualquer ser humano, é crucial para o desenvolvimento emocional e cognitivo saudável, proporcionando segurança e conforto. Em situações de violência, abuso ou negligência, essa relação torna-se ainda mais vital, pois, tais experiências podem impactar negativamente o desenvolvimento de crianças e adolescentes.

A presença de uma mãe acolhedora é um fator de proteção significativo. Para uma relação saudável, é importante que as crianças tenham voz e sejam ouvidas em suas necessidades e desejos, expressando seus pensamentos e sentimentos livremente, o que proporciona suporte emocional, ambiente seguro e amoroso, rotinas consistentes e previsíveis, demonstração de afeto, e estímulo à exploração do mundo ao redor (Suárez, 2005).

Para adolescentes, a relação mãe e filho também é importante para o desenvolvimento de um senso de identidade e independência. A mãe deve ser capaz de oferecer apoio emocional e orientação sem ser excessivamente controladora ou invasiva. Permitir que o adolescente tome decisões e tenha autonomia é fundamental para seu desenvolvimento saudável (Noack, 2007).

Por outro lado, quando a mãe apresenta problemas de saúde mental, a interação pode ser prejudicada, afetando a qualidade do vínculo entre mãe e filho. Transtornos mentais como depressão, ansiedade, estresse pós-traumático e outros podem afetar a capacidade da mãe de interagir com o filho de maneira positiva e nutrir seu desenvolvimento emocional, cognitivo e social (Bordignon, 2007).

A qualidade do vínculo materno é importante para o desenvolvimento infantil, pois está relacionada à formação da autoestima, autoconfiança, habilidades sociais e emocionais da criança. Quando o vínculo materno é positivo, a criança se sente amada, segura e confiante para explorar o ambiente e se desenvolver. Quando o vínculo é negativo, a criança pode sentir-se insegura, ansiosa e ter dificuldade em lidar com as emoções e relações interpessoais (Bordignon, 2007).

É fundamental que esses indivíduos tenham voz e sejam ouvidos, permitindo que expressem seus pensamentos e sentimentos livremente. O vínculo materno-filial é uma das primeiras conexões que a criança estabelece, quando esse relacionamento é marcado por instabilidade, negligência, rejeição ou ausência emocional, os impactos na saúde mental da criança podem ser profundos e duradouros. Crianças que vivem um vínculo materno disfuncional são mais propensas a desenvolver ansiedade, depressão, dificuldades de relacionamento, baixa autoestima, e problemas na regulação emocional. Uma relação entre mãe e filho problemática pode interferir no desenvolvimento da confiança básica, limitando-a ao desenvolvimento de sua autonomia e identidade.

Na seção 4.5, discutiremos o papel essencial das políticas públicas no cuidado da mãe, enfatizando como essas iniciativas são vitais para promover sua saúde e bem-estar. As políticas voltadas para o suporte materno não apenas fortalecem a capacidade das mães de cuidarem de seus filhos, mas também impactam positivamente a dinâmica familiar e a saúde mental das crianças. Analisaremos como essas abordagens podem criar um ambiente mais favorável ao desenvolvimento infantil e à construção de famílias saudáveis.

4.5 A IMPORTÂNCIA DAS POLÍTICAS PÚBLICAS VISANDO AO CUIDADO COM A MÃE

Políticas públicas são ações governamentais que visam solucionar problemas ou atender necessidades coletivas em diversas áreas, como saúde, educação, segurança, meio ambiente, entre outras. Essas ações são planejadas, implementadas e avaliadas pelo Estado e buscam promover o bem-estar social, a justiça e a igualdade. As políticas públicas podem ser criadas

em diferentes esferas de governo, como federal, estadual e municipal, e envolvem diversos atores sociais, como organizações da sociedade civil, empresas, universidades e cidadãos (Brasil, 2020).

As políticas públicas são definidas como um sistema de decisões públicas que visa a ações ou omissões, preventivas ou corretivas, destinadas a manter ou modificar a realidade de um ou vários setores da vida social, por meio da definição de objetivos e estratégias de atuação e da alocação dos recursos necessários para atingir os objetivos estabelecidos (Saravia, 2006).

A interseção entre os conceitos de políticas públicas descritos nos dois parágrafos acima evidencia a complexidade e a importância desses instrumentos na gestão social. Enquanto o primeiro parágrafo destaca que as políticas públicas são ações planejadas e avaliadas pelo Estado para promover o bem-estar social e envolver uma ampla gama de atores sociais, o segundo parágrafo detalha como essas políticas são estruturadas como um sistema de decisões estratégicas voltadas para modificar ou manter aspectos da realidade social. A relação entre essas ideias mostra que, para que as políticas públicas sejam eficazes, elas devem não apenas atender às necessidades coletivas e promover justiça e igualdade, mas também ser baseadas em uma definição clara de objetivos e estratégias, com alocação adequada de recursos. Dessa forma, a integração dos diferentes níveis de planejamento e a participação de múltiplos atores sociais são essenciais para que as políticas públicas cumpram seu papel transformador e resolutivo na sociedade.

Nesse contexto, segue a definição de vulnerabilidade social, descrito por Florêncio e Moreira (2011): a vulnerabilidade social é uma condição que se caracteriza pela exposição a situações de risco, exclusão e precariedade, devido à falta ou insuficiência de recursos materiais, sociais e culturais. Essa vulnerabilidade pode estar associada a diversos fatores, como pobreza, desigualdades sociais, falta de acesso a serviços básicos de saúde e educação, desemprego, violência, entre outros. Pessoas em situação de vulnerabilidade social estão mais propensas a sofrer danos físicos, emocionais e psicológicos, o que pode comprometer o seu desenvolvimento pessoal e social. A vulnerabilidade social é um tema importante em diversas áreas, como saúde pública, assistência social, educação, justiça social e políticas públicas.

A relação materno-filial tem um papel fundamental na promoção da saúde mental infantil e juvenil em contextos de vulnerabilidade, onde as condições socioeconômicas são precárias e a violência é uma realidade, essa relação pode ser ainda mais significativa para o desenvolvimento saudável da criança e do adolescente. É importante, portanto, que as políticas públicas considerem a relação materno-filial como um fator importante para a promoção da saúde mental infantil e juvenil (Becker *et al.*, 2020).

Os dois parágrafos acima abordam aspectos complementares da vulnerabilidade social e sua influência no desenvolvimento infantil, com ênfase na importância do vínculo materno-filial e na necessidade de políticas públicas direcionadas. O primeiro parágrafo define a vulnerabilidade social como uma condição caracterizada pela exposição a riscos e exclusão devido à falta de recursos materiais, sociais e culturais. Destaca que a vulnerabilidade é associada a fatores como pobreza, desigualdades e acesso limitado a serviços essenciais, o que pode comprometer o desenvolvimento físico, emocional e psicológico dos indivíduos.

O segundo parágrafo, por sua vez, foca na importância da relação materno-filial em contextos de vulnerabilidade, ressaltando que, em situações de precariedade socioeconômica e violência, essa relação se torna crucial para o desenvolvimento saudável das crianças e adolescentes. A conexão afetiva entre mãe e filho pode servir como um fator protetor importante, mitigando os efeitos adversos das condições de vulnerabilidade social. O parágrafo também aponta a necessidade de políticas públicas que reconheçam e integrem a relação materno-filial como um elemento chave para a promoção da saúde mental infantil e juvenil, conforme destacado por Becker *et al.* (2020).

A relação entre os dois parágrafos está na compreensão de que, enquanto a vulnerabilidade social abrange uma série de fatores que afetam negativamente o desenvolvimento, a qualidade da relação materno-filial pode desempenhar um papel crucial na mitigação desses efeitos adversos. Assim, a abordagem das políticas públicas deve incluir estratégias que fortaleçam o vínculo afetivo e ofereçam suporte às famílias em situação de vulnerabilidade, visando promover a saúde mental e o bem-estar das crianças e adolescentes.

Uma das estratégias é a oferta de serviços de saúde e assistência social que promovam o fortalecimento da relação entre mãe e filho. Os programas de visitas domiciliares, por exemplo, podem ajudar as mães a entenderem melhor as necessidades emocionais e psicológicas de seus filhos, promovendo uma interação mais saudável e afetiva entre eles (Silva, 2019).

Outra estratégia é o investimento em políticas que favoreçam o bem-estar das famílias. A criação de programas de transferência de renda e a oferta de serviços públicos de qualidade, como creches e escolas, podem ajudar as famílias a se manterem financeiramente estáveis e a cuidar de seus filhos de maneira mais adequada, com mais segurança financeira e menos preocupações, as mães podem ter mais tempo e disposição para se dedicar ao cuidado dos filhos e estabelecer relações mais saudáveis com eles (Becker *et al.*, 2020).

A importância de políticas públicas e programas de intervenção para promover a saúde mental da criança e do adolescente na relação mãe e filho em situação de vulnerabilidade

socioeconômica são inegáveis. A ausência ou a precariedade de recursos materiais, a violência doméstica, o abuso de drogas e o desemprego, entre outros fatores, podem comprometer a saúde mental de mães e filhos, gerando problemas de comportamento e transtornos mentais (Becker *et al.*, 2020).

Os programas de intervenção podem ser importantes para melhorar a relação entre mãe e filho em situação de vulnerabilidade socioeconômica. As intervenções podem envolver terapias individuais ou em grupo, com o objetivo de fornecer habilidades para o manejo de estresse, a comunicação adequada, o fortalecimento do vínculo e a promoção de comportamentos saudáveis. Esses programas podem envolver equipes multidisciplinares, que atuam em conjunto com as famílias, buscando soluções para as dificuldades encontradas (Becker *et al.*, 2020).

Ainda é necessário destacar que as políticas públicas podem ser importantes para prevenir a vulnerabilidade socioeconômica e promover a saúde mental. As políticas públicas que promovem o acesso à educação, à saúde e à moradia, por exemplo, podem reduzir as desigualdades sociais e econômicas, que são fatores de risco para a saúde mental. Políticas que promovam a inclusão social, o desenvolvimento de habilidades e a inserção no mercado de trabalho também podem ser importantes, pois contribuem para a autoestima e a autonomia das pessoas em situação de vulnerabilidade (Becker *et al.*, 2020).

Além disso, a articulação entre os diversos setores governamentais e não governamentais é fundamental para a promoção da saúde mental na relação mãe e filho em situação de vulnerabilidade socioeconômica. As ações devem ser integradas e coordenadas, para que se possa atender de forma adequada e eficiente às demandas dessas famílias (Becker *et al.*, 2020).

Em conjunto, os parágrafos acima abordam a necessidade de uma abordagem multifacetada e coordenada para enfrentar a vulnerabilidade socioeconômica e promover a saúde mental, destacando a importância de políticas públicas, intervenções e a colaboração entre diferentes setores para apoiar adequadamente as famílias e fortalecer a relação materno-filial.

A saúde mental é um direito humano fundamental e deve ser garantida a todos, independentemente da condição socioeconômica. Investir em programas de intervenção e políticas públicas é uma forma de assegurar que as crianças e os adolescentes possam crescer e se desenvolver em um ambiente saudável, com vínculos afetivos e oportunidades de realização pessoal e profissional (Silva, 2019).

As políticas públicas podem contribuir para a prevenção da violência doméstica e outras formas de violência que podem afetar a relação materno - filial. A criação de serviços de atendimento às mulheres vítimas de violência, por exemplo, pode ajudar a garantir a segurança das mães e filhos e a promover um ambiente mais saudável para o desenvolvimento infantil (Silva, 2019).

É importante ressaltar que as políticas públicas devem considerar as especificidades das famílias em contextos de vulnerabilidade. Muitas vezes, essas famílias enfrentam desafios específicos, como a falta de moradia adequada e o acesso limitado a serviços de saúde. É necessário, portanto, que as políticas públicas sejam sensíveis a essas questões e desenvolvam ações que considerem as necessidades das famílias mais vulneráveis (Digiácomo, 2013).

Segundo Silva (2019), as políticas públicas podem contribuir para a promoção da saúde mental infantil e juvenil por meio da valorização da relação materno-filial. Ações de conscientização e educação sobre a importância da relação materno-filial e seu impacto na saúde mental das crianças e adolescentes podem ajudar a sensibilizar a sociedade e garantir que a relação mãe e filho seja valorizada e promovida em todos os contextos.

Segundo Nascimento e Pamplona (2019), a relação materno filial é um dos pilares mais importantes para o desenvolvimento saudável de uma criança. A violência é uma realidade em todos os contextos sociais, contudo, em contextos de vulnerabilidade, onde as condições socioeconômicas são precárias, a violência é mais frequente. A qualidade da relação materno-filial pode ser ainda mais significativa para a promoção da saúde mental infantil e juvenil.

Porém, a relação materno-filial por si só não é capaz de garantir a saúde mental infantil e juvenil. É necessário que as políticas públicas atuem de forma efetiva para garantir que as famílias em contextos de vulnerabilidade possam oferecer um ambiente seguro e saudável para seus filhos (Digiácomo, 2013).

A oferta de serviços de saúde e assistência social que promovam o fortalecimento da relação entre mãe e filho pode ser uma das estratégias das políticas públicas. Os programas de visitas domiciliares, por exemplo, podem ajudar as mães a entenderem melhor as necessidades emocionais e psicológicas de seus filhos, promovendo uma interação mais saudável e afetiva entre eles (Nascimento; Pamplona, 2019).

É necessário que haja uma conscientização sobre a importância da relação materno-filial e seu impacto na saúde mental das crianças e adolescentes em todas as esferas da sociedade, para que haja um compromisso conjunto em promover um ambiente saudável e seguro para o desenvolvimento infantil (Nascimento; Pamplona, 2019).

Segundo Brambilla (2023a); a Política de Assistência Social, traz a concepção da política social para atender aqueles em situações de vulnerabilidade, tendo por foco os expostos a riscos, pessoas em situação de rua, assim como idosos e pessoas com deficiência. No Brasil, as políticas públicas direcionadas a mães e filhos em situações de rua envolvem uma série de iniciativas e programas destinados a oferecer assistência e promover a reintegração social. Entre as principais ações, destacam-se: Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), que oferecem apoio a famílias e indivíduos em situação de risco pessoal e social, incluindo aqueles em situação de rua; Programa Bolsa Família, que mesmo não sendo específico para pessoas em situação de rua, transfere renda para beneficiar famílias vulneráveis, ajudando-as a melhorar suas condições de vida e acesso a serviços básicos; e Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), que oferecem serviços de assistência social de forma descentralizada, promovendo a inserção social de famílias em situação de rua.

Nesse interim, há ainda de se mencionar sobre as unidades de acolhimento, que proporcionam abrigo temporário para pessoas em situação de rua, com condições adequadas para mães e crianças, oferecendo suporte para a reintegração social e familiar; os Conselhos Tutelares, que atuam na proteção dos direitos das crianças e adolescentes, incluindo os em situações de rua, garantindo o atendimento e acesso aos serviços necessários; Consultórios na Rua, que fazem parte do Sistema Único de Saúde (SUS), visando levar serviços de saúde diretamente às pessoas em situação de rua, incluindo mães e crianças, com equipes multidisciplinares que prestam atendimento médico, psicológico e social; e o Programa Criança Feliz, que tem como foco o desenvolvimento infantil daquelas com idade entre 0 a 6 anos, inclusive aquelas em situações de vulnerabilidade.

O Programa Criança feliz é uma iniciativa do Governo Federal do Brasil sendo coordenado pelo Ministério da Cidadania, implementada no ano de 2016, por meio do decreto de nº 8.869, tendo como fundamento a Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016, sendo esse o Marco Legal da Primeira Infância. Tem o objetivo de promover o desenvolvimento das crianças na primeira infância, sendo então considerado o seu contexto de vida, buscando enfrentar a pobreza, redução de vulnerabilidades, potencializando o acesso à renda financeira diante da inclusão a programas (Brasil, 2017).

Brambilla (2023b); traz ainda em seu estudo que a vulnerabilidade social é simplificada e utilizada de forma indiscriminada, onde as famílias são categorizadas como vulneráveis sem uma análise profunda das suas condições reais. Essa categorização pode levar à estimativa e a perpetuação de estereótipos negativos, que refletem a diversidade e a complexidade das situações vividas pelas famílias. Muitas políticas sociais podem ser formuladas com base no

mito da vulnerabilidade, focando em intervenções que não correspondem às necessidades reais das famílias, resultando assim em programas não eficazes.

As políticas sociais devem ser baseadas em diagnósticos precisos e na participação ativa das famílias em situações de vulnerabilidade, permitindo que elas contribuam de forma ativa na formulação e implementação das políticas. Assim, para superar o mito da vulnerabilidade é necessário um entendimento mais nuançado das famílias em condições vulneráveis, reconhecendo então suas diversidades, capacidades e o seu real contexto socioeconômico (Brambilla, 2023b).

Válido ressaltar ainda sobre a carência de petições públicas direcionadas a atender mães e filhos em situações de rua, onde essas são eficazes para mobilizar a sociedade e autoridades para questões urgentes em torno dessa problemática. No Brasil, há petições voltadas para população em situação de rua, a exemplo do “Plano de Ruas Visíveis”, lançado em dezembro de 2023, envolvendo onze ministérios e diversos movimentos da sociedade civil, abordando a assistência social, segurança alimentar, saúde, habitação, trabalho e renda. Entretanto, não se vê petições voltados especificamente para mães e filhos nessa situação de vulnerabilidade (Brasil, 2023).

Infere-se nesse sentido que as petições públicas podem desempenhar papel crucial na vida de mães e seus filhos em situações de rua, trazendo assim à tona a situação precária das mães, aumentando a conscientização pública e mobilizando a sociedade civil, mobilizando recursos de ONGs, empresas e cidadãos para fornecer apoio financeiro, alimentos e abrigo, criando redes de ajuda entre a população e organizações que se preocupam com pessoas em situações vulneráveis, e ainda empoderando as mães em situações de rua, dando-lhes uma forma de expressar suas reais necessidades e lutas.

Políticas públicas voltadas ao cuidado materno que incluem acesso a saúde mental, suporte financeiro, licença maternidade adequada, creches e programas de assistência social são cruciais para garantir que as mães tenham as condições necessárias para desempenharem seu papel de cuidadores de maneira saudável. As políticas públicas contribuem para o fortalecimento do vínculo materno-filial, mas também criam um ambiente estável para o desenvolvimento da criança. Tratando-se de mães em situações de vulnerabilidade, as políticas públicas devem ser voltadas a oferecer suporte contínuo e estruturado que inclua assistência habitacional, programas de saúde mental, capacitação profissional e serviços de proteção social.

Em seguida, exploraremos a relação mãe-filho, destacando os aspectos psicossociais que influenciam esse vínculo. Analisaremos como fatores emocionais, culturais e sociais

moldam a interação entre mãe e filho, e de que maneira esses elementos podem afetar o desenvolvimento psicológico e social da criança ao longo de sua vida.

4.6 A RELAÇÃO MÃE-FILHO: ASPECTOS PSICOSSOCIAIS

O desenvolvimento emocional do indivíduo ocorre desde o primeiro ano de vida, assim no estudo da sua personalidade e caráter é inevitável ignorar as ocorrências dos primeiros dias e horas de vida (e mesmo do último estágio da vida pré-natal, no caso de crianças prematuras); e até a experiência do nascimento pode ser significativa. Muitas vezes é possível detectar e diagnosticar distúrbios emocionais ainda na infância, até mesmo durante o primeiro ano de vida. É evidente que a época certa para o tratamento de um distúrbio é a mesma época de seu início, ou um momento tão próximo desta quanto possível (Winnicott, 1965).

Em um exame do relacionamento existente entre mãe e seu filho, é necessário distinguir aquilo que pertence à mãe daquilo que já começa a desenvolver-se na criança. Estão em jogo dois tipos distintos de identificação: a identificação da mãe com seu filho e o estado de identificação do filho com a mãe. A mãe introduz na situação uma capacidade amadurecida, ao passo que a criança se encontra nesse estado porque é assim que as coisas começam. Consta-se na mãe grávida uma identificação cada vez maior com seu filho. A criança é associada pela mãe à ideia de um “objeto interno”, um objeto imaginado para ser instalado dentro e aí mantido, apesar de todos os elementos persecutórios que também têm lugar na situação (Winnicott, 1965).

Para compreender melhor a importância da relação mãe e filho, muitos teóricos se dedicaram a estudar o tema, entre eles, destaca-se a teoria do apego de John Bowlby, que enfatiza a importância do vínculo afetivo entre a mãe e o filho nos primeiros anos de vida. Já D.W. Winnicott (1975), em sua teoria da “mãe suficientemente boa”, destaca a importância de a mãe estar presente e disponível emocionalmente para seu filho, de modo a atender suas necessidades emocionais e promover seu desenvolvimento saudável (Winnicott, 1965).

Bowlby (1979/1997) sinaliza que, até meados da década de 50 do século passado, predominava uma concepção de que a formação e manutenção dos vínculos sustentavam-se nas necessidades de satisfazer certos impulsos, como a alimentação na infância e o sexo na vida adulta. Em contrapartida, esse autor postulou que existe nos bebês uma propensão inata para o contato com um ser humano, o que implica na “necessidade” de um objeto independente do alimento, tão primária quanto a “necessidade” de alimento e conforto, alicerçando sua teoria no relato de farta pesquisa empírica (Bowlby, 1969/1990).

J. Bowlby (1989) considerou o apego como um mecanismo básico dos seres humanos. Ou seja, é um comportamento biologicamente programado, como o mecanismo de alimentação e da sexualidade, e é considerado como um sistema de controle homeostático, que funciona dentro de um contexto de outros sistemas de controle comportamentais. O papel do apego na vida dos seres humanos envolve o conhecimento de que uma figura de apego está disponível e oferece respostas, proporcionando um sentimento de segurança que é fortificador da relação (Cassidy, 1999).

De acordo com J. Bowlby (1973/1984), o relacionamento da criança com os pais é instaurado por um conjunto de sinais inatos do bebê, que demandam proximidade. Com o passar do tempo, um verdadeiro vínculo afetivo se desenvolve, garantido pelas capacidades cognitivas e emocionais da criança, assim como pela consistência dos procedimentos de cuidado, pela sensibilidade e responsividade dos cuidadores. Por isso, um dos pressupostos básicos da Teoria do Apego (TA) é de que as primeiras relações de apego, estabelecidas na infância, afetam o estilo de apego do indivíduo ao longo de sua vida (Bowlby, 1989).

Pichon-Rivière (1988, p.17), para definir vínculo, nos remete à análise das relações de objeto. Para o autor, "relação de objeto é a estrutura interna do vínculo. Um vínculo é, então, um tipo particular de relação de objeto". Essa relação envolve uma conduta mais ou menos fixa com esse objeto, que tende a se repetir automaticamente. Há dois campos psicológicos no vínculo, um interno e outro externo, sendo possível, portanto, estabelecer uma relação com um objeto interno e com um objeto externo.

Bowlby (1989/2006) e Winnicott (1998) destacam que as experiências infantis são fundamentais no processo de configuração e estabelecimento de vínculos afetivos futuros. A vivência da maternidade terá como pano de fundo todos os outros vínculos da vida da mãe, essencialmente o vínculo primitivo, com seus próprios pais. É neste sentido que a escolha do parceiro recebe influência dos modelos parentais, ocorrendo muitas vezes a "projeção fantasmática" do outro, mecanismo que faz com que se idealize o parceiro de acordo com os próprios desejos.

Nessa perspectiva, Winnicott (1998), enfatiza a importância do ambiente que cerca a criança nos primeiros anos de vida. Ele destaca a importância da mãe e da relação mãe e filho como um ambiente de segurança e confiança que permite o desenvolvimento emocional saudável. Winnicott acredita que a mãe deve ser capaz de reconhecer e atender às necessidades da criança, oferecendo um ambiente que é adaptado às suas necessidades emocionais.

Já Bowlby (1989/2006), acredita que a relação mãe e filho é fundamental para o desenvolvimento social e emocional da criança. O autor destaca que, a relação mãe e filho deve

ser vista como um processo bidirecional, no qual a mãe e a criança são mutuamente influenciadas um pelo outro. Acredita que a mãe deve ser capaz de interpretar as necessidades emocionais da criança e oferecer suporte adequado para atender a essas necessidades. Percebemos assim que, ambos autores destacam que a relação mãe e filho é grande valia para o desenvolvimento emocional e social saudável da criança.

Da mesma forma, a gravidez é estruturada tanto sobre elementos da realidade quanto das fantasias maternas. Durante a gestação, podem surgir sentimentos ambivalentes em relação ao feto, de rejeição e ansiedade. Contudo, se houver aceitação e predomínio de sentimentos positivos, as chances de formação de um vínculo positivo com o bebê são maiores (Nóbrega, 2005).

Nessa perspectiva, o autor Erick Erickson é conhecido por sua teoria psicossocial do desenvolvimento humano, que destaca a importância da identidade na vida de cada indivíduo. De acordo com o autor, a fase da infância é fundamental para a formação da identidade e da personalidade, e a relação mãe e filho é um fator importante nesse processo. Segundo a teoria que o autor defende, a fase inicial da vida é marcada pela confiança versus desconfiança. Nessa fase, a criança precisa sentir-se amada e protegida, o que é fornecido através da relação mãe e filho (Bordignon, 2007).

Erik Erikson, em sua teoria do desenvolvimento psicossocial, introduziu os conceitos de "*trust*" (confiança) e "*mistrust*" (desconfiança) como parte fundamental do primeiro estágio de desenvolvimento, que ocorre durante o primeiro ano de vida, denominado Confiança versus Desconfiança. Este estágio é crucial para o desenvolvimento emocional e social da criança, e os resultados desse processo influenciam os estágios subsequentes (Erikson, 1976).

"*Trust*" refere-se à confiança básica que o bebê desenvolve em relação ao mundo e às pessoas ao seu redor, principalmente seus cuidadores, quando suas necessidades são atendidas de maneira consistente e amorosa. Se a criança recebe cuidados adequados, como alimentação, segurança emocional, e afeto, ela tende a desenvolver uma sensação de que o mundo é um lugar seguro e previsível. Essa confiança é essencial para formar a base de relacionamentos saudáveis, além de gerar uma atitude positiva e esperançosa em relação à vida (Erikson, 1976).

Por outro lado, "*mistrust*" ocorre quando o ambiente não consegue satisfazer as necessidades básicas da criança, seja por negligência, cuidados inconsistentes ou falta de afeto. A criança começa a desenvolver desconfiança em relação ao mundo e às pessoas ao seu redor, acreditando que os outros não são confiáveis ou que o ambiente é imprevisível e ameaçador. Essa desconfiança pode levar a dificuldades nos relacionamentos futuros e uma sensação de insegurança ao longo da vida (Erikson, 1976).

Erikson (1976) sugere que um equilíbrio saudável entre confiança e desconfiança é ideal. Embora a confiança seja fundamental, uma pequena dose de desconfiança é importante para que a criança também aprenda a ser cautelosa e a desenvolver um senso de julgamento adequado. A resolução positiva deste estágio leva à virtude da esperança, que é a crença de que, apesar das dificuldades, é possível superar os desafios e que o mundo, em sua essência, é um lugar confiável.

Assim, os conceitos de "trust" e "mistrust" são fundamentais para o desenvolvimento psicológico, emocional e social inicial da criança e têm impacto ao longo de toda a vida.

A segunda fase, de acordo com a teoria de Erickson é a fase de autonomia versus vergonha e dúvida. Nessa fase, a criança começa a explorar o mundo ao seu redor e a desenvolver um senso de independência. A mãe deve ser capaz de apoiar a criança nesse processo, permitindo que ela explore e tome decisões por si mesma (Bordignon, 2007).

A relação mãe e filho também é importante na adolescência, que é marcada pela formação da identidade e do senso de pertencimento. Nessa fase, a mãe deve ser capaz de oferecer apoio emocional e orientação, sem ser excessivamente controladora ou invasiva. A adolescência é uma fase de transição e mudanças, e a mãe deve estar disponível para ajudar o adolescente a lidar com essas mudanças e descobrir sua própria identidade (Bordignon, 2007).

A saúde mental materna tem um papel fundamental na interação entre mãe e filho, e conseqüentemente, no desenvolvimento infantil. A relação entre mãe e filho é um dos vínculos mais importantes na vida da criança e a qualidade dessa relação pode afetar significativamente seu desenvolvimento. Quando a mãe apresenta uma boa saúde mental, logo, estará mais propensa a interagir de forma positiva com o filho, fornecendo-lhe a atenção e afeto necessários para seu desenvolvimento saudável (Bordignon, 2007).

A teoria do apego de John Bowlby (1988) destaca a importância do vínculo materno para o desenvolvimento emocional da criança. Segundo Bowlby (1973/1984), o vínculo afetivo entre mãe e filho é uma necessidade biológica, e sua qualidade influencia o desenvolvimento emocional e cognitivo da criança. Quando a mãe responde às necessidades do filho de forma consistente e carinhosa, a criança se sente segura e confiante em explorar o ambiente, o que favorece seu desenvolvimento.

A saúde mental infanto-juvenil é influenciada por uma série de fatores de risco e proteção. Dentre os fatores de risco, podemos destacar a presença de doenças mentais na família, violência doméstica, pobreza, falta de suporte social, negligência, abuso físico e emocional. Esses fatores podem levar a problemas emocionais e comportamentais em crianças e adolescentes, além de comprometer a relação mãe e filho (Bowlby, 1989/2006).

Fatores de risco, como a separação prolongada dos pais, e fatores de proteção, como a presença de um cuidador estável, são fundamentais para entender o impacto das experiências de apego no desenvolvimento emocional das crianças (Bowlby, 1988). Por outro lado, existem fatores de proteção que podem ajudar a prevenir ou minimizar problemas de saúde mental infanto-juvenil. A presença de uma relação saudável e afetiva entre mãe e filho é um desses fatores. Além disso, ter um ambiente familiar estável, acessar serviços de saúde e educação, apoio social e resiliência são fatores que podem proteger a saúde mental de crianças e adolescentes (Bowlby, 1989/2006).

A qualidade da relação mãe e filho tem um impacto significativo no desenvolvimento emocional e social da criança. Uma relação saudável, baseada em amor, respeito e apoio emocional, pode promover o desenvolvimento da autoestima, empatia, segurança emocional e habilidades sociais. Por outro lado, uma relação conturbada, caracterizada por negligência, abuso emocional ou físico, pode levar a problemas emocionais e comportamentais, como ansiedade, depressão, agressividade, entre outros (Bowlby, 1989/2006).

Além disso, a teoria do apego de John Bowlby (1973/1984), destaca a importância da figura materna para a formação de vínculos seguros e saudáveis na infância e adolescência. Uma relação de apego seguro pode ajudar a criança a desenvolver um senso de segurança e confiança nas suas interações sociais, além de promover a regulação emocional e o desenvolvimento da empatia (Bowlby, 1989/2006).

A relação mãe e filho podem ser influenciados por diversos fatores de risco que podem levar a um quadro de vulnerabilidade emocional, social e até mesmo física. Dentre os fatores de risco mais comuns, podemos citar a falta de apoio social, o abuso de substâncias, a violência doméstica, a pobreza e a falta de acesso aos serviços de saúde mental. Todas essas questões podem comprometer a qualidade da interação mãe e filho e impactar negativamente no desenvolvimento da criança (Bowlby, 1989/2006).

Na situação de vulnerabilidade, é importante que as mães tenham acesso a informações e apoio para lidar com essas questões e promover um ambiente saudável para o desenvolvimento de seus filhos. O acompanhamento por profissionais de saúde mental, por exemplo, pode ajudar a identificar fatores de risco e promover ações de prevenção e intervenção. Além disso, programas e políticas públicas que visem à proteção da infância e à promoção da equidade social podem contribuir para o fortalecimento da relação mãe e filho e para a promoção da saúde mental infanto-juvenil (Bowlby, 1989/2006).

Outro fator importante é a educação, que pode ser um importante instrumento de proteção para a saúde mental infanto-juvenil. Ao incentivar a formação de valores, a educação

pode contribuir para a formação de uma sociedade mais justa e igualitária, além de ajudar as mães a lidarem com situações de vulnerabilidade e a promover o desenvolvimento saudável de seus filhos (Bowlby, 1989/2006).

Portanto, a relação mãe e filho pode ser impactada por diversos fatores de risco que podem comprometer o desenvolvimento saudável da criança. Porém, a presença de fatores de proteção pode ajudar a minimizar esses efeitos negativos, fortalecendo o vínculo entre mãe e filho e promovendo uma relação mais saudável e positiva. Nesse sentido, é fundamental que sejam implementadas políticas públicas e programas de apoio que visem à promoção da saúde mental infanto-juvenil e à proteção da infância em situação de vulnerabilidade (Bowlby, 1989/2006).

Os aspectos psicossociais envolvidos na relação mãe-filho não apenas incluem a interação afetiva e o cuidado direto, mas também o impacto das condições socioeconômicas, culturais e ambientais em que essa interação ocorre. Uma relação saudável entre mãe e filho depende de um ambiente que ofereça suporte emocional, segurança e cuidados básicos, influenciando diretamente o bem-estar psicológico. É fundamental reconhecer que a vulnerabilidade social intensifica os desafios dessa relação, assim, em contextos de pobreza, violência, exclusão social e falta de acesso a serviços básicos, podem comprometer o desenvolvimento desse vínculo.

Assim, na seção 5, será apresentado a metodologia utilizada neste estudo, descrevendo os procedimentos, técnicas e abordagens adotadas para a coleta e análise dos dados. Esse capítulo detalhará o processo de investigação, permitindo uma compreensão clara das etapas que nortearam a pesquisa e a fundamentação dos resultados apresentados.

5 METODOLOGIA

5.1 TIPO DE PESQUISA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho descritivo e exploratório, que permite analisar a relação mãe-filho e suas repercussões no desenvolvimento infanto-juvenil em contexto de vulnerabilidade. Esse tipo de pesquisa é fundamental para analisar a complexa dinâmica da relação mãe-filho e suas implicações no desenvolvimento infanto-juvenil, especialmente em contexto de vulnerabilidade.

As pesquisas descritivas têm como meta a descrição de características em uma determinada população ou fenômeno, ou ainda, estabelecimento de relações entre variáveis (Goulart, 2002). “O estudo descritivo exige do investigador, para que a pesquisa tenha certo grau de validade científica, uma precisa delimitação de técnicas, métodos, modelos e teorias que orientarão a coleta e interpretação de dados” (Triviños, 2006, p. 110). Nesse sentido, o presente estudo seguirá um roteiro pré-estabelecido, garantindo a organização e análise sistemática das informações coletadas, alinhadas com a temática em foco.

O estudo exploratório, por sua vez, objetiva o desenvolvimento, esclarecimento e modificações de conceitos e ideias, com o intuito de formular hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores e problemas mais precisos (Augusto, 2013). A abordagem qualitativa baseia-se em coletar informações e interpretar os achados, assim, são utilizados entrevistas, observações, estudos de casos, questionários, fotografias, e pinturas, para analisar os dados (Fonseca, 2012).

Conforme preconizado por Creswell (2010), a pesquisa qualitativa busca compreender as experiências e significados atribuídos pelos participantes do estudo. Sua relevância reside na capacidade de proporcionar uma compreensão mais profunda e contextualizada dos fenômenos investigados, sendo particularmente valiosa em áreas como saúde, educação e ciências sociais. Dessa forma, a opção pela pesquisa qualitativa é estratégica para alcançar uma compreensão holística e aprofundada da dinâmica mãe - filho em contextos vulneráveis, contribuindo para intervenções mais eficazes na promoção da saúde mental infanto-juvenil.

5.2 LOCAL DE ESTUDO

O estudo deu-se no Núcleo de Convivência para Adultos em situação de Rua, na cidade de São Paulo-SP, que busca desenvolver trabalhos no âmbito social, dentro das Políticas de

Assistência Social, organizada e orientada pela Legislação Federal, tendo como base a análise da realidade e os princípios Franciscanos. Busca oferecer garantia dos direitos sociais como um direito constituído de todo cidadão.

A partir da década de noventa os Frades começaram a mobilização em torno de trabalhos sociais com a população em situação de rua. A reflexão em torno do crescimento populacional das pessoas em situação de rua enquanto problema social veio implicar no surgimento da comunidade missionária entre os sofrendores de rua, instituída no salão inferior do Convento São Francisco em São Paulo.

Em maio de 2016, após reformas estruturais, o espaço reabriu como serviço conveniado da Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social da Prefeitura Municipal de São Paulo, adquirindo, conseqüentemente, o nome formal de Núcleo de Convivência para Adultos em Situação de Rua – Sé, sendo supervisionado pelo Centro de Referência de Assistência Social (CREAS) – Bela Vista. A região é administrada pela subprefeitura da Sé. Conforme dados obtidos pelo site <https://www.sefras.org.br/>.

O Núcleo oferece espaço de acolhida e convivência numa perspectiva de igualdade e garantia de direitos preestabelecidos. Atende diariamente mil pessoas, oferece diversas atividades para os participantes tais como: Almoço, lanche da tarde, jantar, lavanderia, banho todos os dias (manhã e tarde); barbearia e corte de cabelo; atendimento multidisciplinar individual e também em grupo, possibilitando um espaço de construção da cidadania; atendimento jurídico junto à Defensoria Pública União; participação em oficinas, rodas de conversa e demais grupos temáticos; incentivo da participação da população de rua nos espaços de expressões sociais; palestras de orientação temáticas nos focos da saúde, políticas públicas, direitos humanos com foco nos programas de combate à fome, inclusão econômica e defesa dos direitos. Tem como foco acolher cuidar e defender a vida.

5.3 PARTICIPANTES

A amostra deste estudo foi composta por um total de 5 mães e 5 crianças, selecionadas por conveniência a partir da observação de sua participação no Núcleo de Convivência para Adultas. As mães convidadas para participar da pesquisa deveriam ter, no mínimo, 18 anos de idade, e seus filhos deveriam ter idades compreendidas entre 7 e 12 anos. Essas mães estavam previamente inscritas e frequentavam regularmente as atividades oferecidas pelo referido Núcleo.

5.4 INCLUSÃO NA AMOSTRA

Foram incluídas no estudo mães com idade a partir de 18 anos, que frequentavam junto ao filho (crianças e adolescentes com idades entre 7 e 12 anos) o Núcleo de Convivência para Adulto, que estavam dispostas tanto as mães quanto seus filhos, em colaborar com o estudo. Incluiu-se na pesquisa as mães cujos filhos estejam inscritos e frequentando as atividades oferecidas no Núcleo.

5.5 EXCLUSÃO DA AMOSTRA

Foram excluídas da amostra, mães com faixa etária menor de 18 anos, as que não estavam frequentando o Núcleo, que não tinham condições físicas ou cognitivas para consentir sobre a participação na pesquisa. Também foram excluídas as mães cujos filhos não estavam frequentando as atividades no Núcleo. Além daquelas que não tiverem disponibilidade para participarem de todas as etapas de coleta de dados da pesquisa ou mesmo as mães e/ou seus filhos que não assinaram consentindo a participação.

5.6 INSTRUMENTOS DA PESQUISA

5.6.1 Questionário Sociodemográfico

Para atender ao primeiro objetivo específico, foi implementado um Questionário Sociodemográfico, desenvolvido pela própria pesquisadora e composto por aproximadamente 10 perguntas, com o propósito de avaliar o nível sociodemográfico dos participantes (APÊNDICE A).

De acordo com Gil (2002, p. 115), um formulário é uma "técnica de coleta de dados em que o pesquisador formula questões previamente elaboradas e anota as respostas". Essa técnica é reconhecida por sua praticidade e eficiência, possibilitando a obtenção de informações de maneira rápida e econômica (Gil, 2002).

A elaboração desse instrumento baseou-se em variáveis investigadas em pesquisas conduzidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2014). Dessa forma, por meio de perguntas fechadas, buscou-se obter informações sobre idade, estado civil, raça/cor, nível de escolaridade, ocupação, renda mensal, condição e local de moradia, quantidade de filhos e suas idades, experiência de situações de violência e características da rede de apoio.

Essa abordagem permitirá uma análise abrangente do perfil sociodemográfico dos participantes, contribuindo para a compreensão mais aprofundada do contexto em que estão inseridos.

5.6.2 Entrevista de anamnese com a mãe e com a criança

Com o propósito de alcançar os demais objetivos foram conduzidas Entrevistas de Anamnese individuais, utilizando um roteiro semiestruturado que abordava perguntas sobre a história de vida, trajetória de desenvolvimento e aspectos psicossociais da relação mãe - filho. O objetivo primordial das entrevistas era adquirir conhecimento e compreensão aprofundados das histórias e experiências de vida das mães, assim como da dinâmica familiar e da natureza de seus relacionamentos com seus respectivos filhos.

O roteiro de perguntas foi elaborado com base em uma revisão bibliográfica sobre a temática e contemplará uma variedade de aspectos, incluindo a história reprodutiva das mães, as condições de vida, a relação conjugal, a dinâmica familiar, as crenças e valores relacionados à maternidade e à criação dos filhos, entre outros elementos relevantes.

As entrevistas foram registradas, permitindo que a pesquisadora obtenha acesso a informações detalhadas sobre a história de vida e a experiência das mães com seus filhos. Essa abordagem visa proporcionar uma compreensão mais profunda da dinâmica familiar e dos fatores que possam influenciar a relação mãe - filho.

A entrevista, conforme Gil (2002, p. 115), pode ser compreendida como "a técnica que envolve duas pessoas numa situação 'face a face' e em que uma delas formula questões e a outra responde". A escolha desse instrumento se deve à sua capacidade de facilitar a interação com entrevistados que possam ter dificuldades para responder às perguntas, bem como de analisar o comportamento não verbal.

Dessa forma, os pontos essenciais abordados nas entrevistas destacaram a importância da relação mãe-filho e como esse aspecto desempenha um papel crucial na saúde mental das crianças e adolescentes. O roteiro completo da Entrevista de Anamnese pode ser consultado no Apêndice B deste projeto de pesquisa, tendo sido desenvolvido pela própria pesquisadora.

5.6.3 Observação participante e oficina de sucata

Por fim, para complementar a coleta de dados, foi realizada Observação Participante, que consiste na realização de contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obtenção de informações sobre a realidade de atores sociais em seus próprios contextos

(Minayo, 2002). Tal técnica foi escolhida por possibilitar conhecer em *lócus* a relação mãe-filho durante uma oficina com sucatas proposta para este mesmo fim.

Observou-se: aspectos do apego entre mãe e filho, interações estabelecidas entre mãe e filho- como as mães respondem às perguntas dos filhos, o nível de conforto desses filhos perto e longe dessas mães, quando os filhos necessitam de ajuda das genitoras como elas reagem; há algum processo de imitação de comportamento, quais são os fatores de risco e proteção na relação. O barema da observação foi construído com base no referencial teórico utilizado e está no Apêndice C.

A observação participante ocorreu por meio de uma Oficina de Sucatas, sendo que esse roteiro foi construído para facilitar a análise da interação estabelecida entre mães e filhos de forma livre, possibilitando a criatividade e a livre expressão. Após a realização da atividade houve um momento de roda de conversa para expressarem como foi a atividade para ambos, as partes mais difíceis e as mais positivas realizadas juntos (mãe e filho), compondo o Apêndice D.

5.7 PROCEDIMENTO

A nível institucional, obedecendo aos níveis de hierarquia da instituição, ocorreu contato com o Núcleo de Convivência para Adultos, solicitando uma reunião com a coordenação para explicitar as características e expectativas da pesquisa, quando foi solicitado a obtenção do consentimento para a realização dela, por meio da Declaração da Instituição Co Participante, presente no Apêndice G.

Em seguida, realizou-se uma visita informal, a fim de conhecer a dinâmica do local, as atividades ofertadas e os funcionários, para explicar verbalmente o objetivo do trabalho e a metodologia, bem como a relevância do estudo, para que a equipe colabore no processo.

Para selecionar as participantes da pesquisa, frequentou-se o Núcleo para observar as mães que estão aptas a participar do estudo a partir dos critérios de inclusão e exclusão. Logo em seguida, a pesquisadora e a pesquisa foram apresentadas a essas mulheres na perspectiva de convidá-las a participar e estabelecer um vínculo necessário para tal. Mostrou-se, em seguida, sendo realizada também leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), apresentado no Apêndice F. Após a autorização das mães ou responsáveis, as crianças (filhos dessas mães) foram informadas e assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), apresentado no Apêndice E.

No caso do TALE, a pesquisa teve início com a aplicação do Questionário de perfil sociodemográfico de forma conduzida pela própria pesquisadora no Núcleo, em sala previamente definida junto a coordenação da instituição, sendo um ambiente favorável e de confiança para o compartilhamento seguro das informações. Para esta atividade a participante gastou aproximadamente uma hora.

Ao final, foram marcados dia e horário convenientes para a realização da entrevista individual com a mãe, também no espaço do Núcleo, com duração média de uma hora e com registro por escrito da pesquisadora, com consentimento da participante. Por fim, mapeou-se a disponibilidade da participante para compor a Observação Participante com a Oficina de Sucatas, com a presença da mãe e da criança juntas.

Na perspectiva de promover atividade com sucatas e observação da configuração dos vínculos maternos filiais, foi realizada também no Núcleo. A oficina com duração de uma hora, com a participação da mãe juntamente com seu filho(a).

5.8 PROCEDIMENTO PARA COLETA DE DADOS

1ª Etapa: para a realização do estudo, foi marcado um dia com as mães para explicação da pesquisa;

2ª Etapa: em dia posterior foram aplicados o questionário e a entrevista, sendo essa realizada em sala preservada com cada participante. A entrevista de mães e seus filhos foram realizados de forma separada.

3ª Etapa: após a aplicação do questionário e entrevista, reservou-se outro dia para a oficina de sucatas, como eram 10 participantes ao total (mães e filhos), esses foram separados em dois grupos, um dia com 3 mães e seus filhos, outro dia, com 2 mães e seus respectivos filhos. Tal separação foi realizada para facilitar a observação da oficina, com a análise do vínculo mãe-filho.

5.9 PROCEDIMENTO PARA ANÁLISE DE DADOS

Os dados provenientes do Questionário sobre o perfil sociodemográfico das participantes foram compilados e apresentados no Quadro 1, oferecendo uma visão detalhada dos perfis das mães colaboradoras nesta pesquisa. Essa abordagem teve como propósito

fornecer uma base para a compreensão dos dados qualitativos, uma vez que a coleta de informações foi realizada por meio de pesquisa presencial e individual.

Para garantir a fidelidade às falas das participantes, as transcrições foram feitas de forma literal, respeitando a maneira como se expressaram. A intenção foi manter a autenticidade de suas falas, preservando nuances importantes que refletem seus pensamentos e sentimentos. Dessa forma, a escrita reflete fielmente a linguagem original utilizada por elas, sem adaptações ou interpretações, conforme as diretrizes da Técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (2011).

Especificamente, foi utilizada a Análise Categrorial, que consiste em dividir o conteúdo em categorias temáticas, que são organizadas a partir de critérios previamente definidos, permitindo a classificação e agrupamento das informações com base em significados comuns. É uma das técnicas mais usadas e busca identificar temas recorrentes.

A aplicação desta técnica se desdobra em três fases distintas. A primeira delas é a pré-análise, que envolve a leitura e organização do material coletado. A segunda fase abrange a análise exploratória e a seleção dos materiais relevantes para o estudo em questão. Por fim, a terceira fase compreende a dedução e interpretação dos dados, a codificação da tipologia do estudo e a análise textual de maneira reflexiva e crítica. Essa abordagem sistemática e estruturada proporcionará uma compreensão aprofundada das informações qualitativas obtidas durante o desenvolvimento da pesquisa.

5.10 PRODUTO TÉCNICO

Após a condução da pesquisa, que abrangeu a análise do questionário, entrevistas e a realização da oficina de sucatas com as participantes do estudo, foi elaborada uma cartilha. Este material visa proporcionar uma plataforma para que os filhos em situações de vulnerabilidade possam expressar suas vozes, ao mesmo tempo em que oferece às mães insights sobre os aspectos a serem aprimorados para fortalecer os vínculos com seus filhos. Detalhes adicionais sobre essa cartilha podem ser encontrados no Apêndice L.

5.11 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

O presente projeto de pesquisa seguiu todos os aspectos éticos da pesquisa com seres humanos, pautados na Resolução nº 466 de 2012 e na Resolução nº 510 de 2016 (BRASIL, 2012; BRASIL, 2016b). Será dada atenção ao consentimento livre e esclarecido, à anuência da instituição local de pesquisa, à assistência ao participante da pesquisa, à garantia do seu

anonimato e ao risco mínimo quando da participação, à sua condição de voluntário e os demais aspectos que consideram o participante da pesquisa como um ser que deve ser respeitado na sua dignidade e autonomia.

A pesquisadora se comprometeu em submeter o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Universidade Católica de Santos e atender às exigências feitas para conformar o estudo com a ética em pesquisa. Além disso, a pesquisa foi autorizada pela coordenação do Núcleo de Convivência para Adultos, através da assinatura da Declaração da Instituição Co Participante.

Após o convite para a pesquisa, as participantes foram informadas quanto ao procedimento da pesquisa, assinando o TCLE, presente no Apêndice F, assim como seu filho (a) deverá assinar o TALE, presente no anexo E.

Nesses documentos - TALE e TCLE, consta o objetivo da pesquisa, seus procedimentos, os riscos e benefícios de participar do estudo, a condição voluntária de participante da pesquisa, o direito à confidencialidade e sigilo dos dados, o resguardo para o caso de indenização e ressarcimento diante dos prejuízos obtidos, o endereço e telefone do CEP da universidade, bem como assinatura da participante e da pesquisadora contendo data e local em duas vias.

Vale ressaltar a importância da devolutiva às participantes e à sociedade quanto aos resultados obtidos pelo estudo, colaborando com a produção científica e progresso da sociedade. Para isso, os resultados e suas análises serão publicados em periódicos científicos, bem como proporcionaram a construção de um produto com destino a contribuir com a qualidade da relação mãe e filho e o desenvolvimento de crianças e adolescentes que convivem em contexto de vulnerabilidade social.

5.12 RISCOS

A participação na pesquisa poderia oferecer algum risco, mas seriam mínimos, mas poderia ocorrer algum desconforto diante de alguma pergunta do roteiro de entrevista e isto poderia fazer surgir emoções desconfortáveis como, por exemplo, ansiedade e insegurança ao compartilhar suas lembranças. Se isso acontecesse, os procedimentos da pesquisa seriam interrompidos e seria prestado o devido acolhimento, pois a pesquisadora é psicóloga, devidamente credenciada para desenvolver essa atividade (Irlândia Oliveira Almeida CRP 06/000983-IS) e poderia acolher suas dificuldades, caso seja necessário. Esse serviço seria gratuito para a participante bem como para seu filho (a).

A participante pôde recusar-se a participar ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isso lhe acarretasse qualquer ônus ou prejuízo.

5.13 BENEFÍCIOS

Como benefício, esta pesquisa facilitaria a construção do conhecimento científico na área da saúde mental, em específico da Psicologia e Assistência Social, de modo a contribuir com o desenvolvimento psicossocial saudável de crianças e fortalecimento da relação que as crianças têm com suas mães em situação de vulnerabilidade.

Propôs-se ainda a elaboração de uma cartilha que relate a importância da relação mãe e filho e busque conscientizar outras mães de forma empírica como a falta de vínculo entre mãe e filho pode impactar não só na relação entre eles, mas também influenciar no desenvolvimento biopsicossocial da criança. Seria uma forma de dar voz para a criança, para a necessidade de serem vista, ouvida e acolhida no processo em que se encontram. A cartilha poderá estar disponível em unidades de saúde da família nas periferias, clínicas pediátricas e obstétricas, e ainda de maneira virtual nos sites de saúde de modo geral.

No próximo capítulo serão apresentados os principais resultados obtidos a partir da coleta de dados, seguidos de uma análise crítica e comparativa com a literatura relevante.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A exposição dos resultados e sua discussão iniciarão pontuando sobre o perfil sociodemográfico das participantes da pesquisa, elencando as principais informações coletadas através do questionário aplicado na primeira etapa da busca de dados. Logo após, apresenta-se as entrevistas realizadas com cada uma das participantes, assim como as indagações realizadas com os seus filhos que participaram da pesquisa. Por fim, traz-se a análise da oficina de sucatas com a descrição do que foi observado tendo como base o vínculo mãe-filho.

6.1 PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DAS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Assim, para iniciar a demonstração dos resultados da referida pesquisa, traz-se no quadro 1 o perfil sociodemográfico das 5 (cinco) participantes desse estudo, todas residentes na cidade de São Paulo e frequentadores do Núcleo de Convivência para Adultos, sendo essas mulheres adultas que concordaram em participar do estudo, no qual os dados expostos na tabela 1 foram coletados na primeira etapa da investigação.

Tabela 1: Perfil sociodemográfico das participantes da pesquisa

Perfil sociodemográfico das participantes da pesquisa		
Idade (anos)	n	%
20 a 30 anos	3	60
31 a 40 anos	2	40
Raça/Cor		
Branca	1	20
Parda	2	40
Preta	2	40
Estado Civil		
Solteira	5	100
Casada	0	0
Nacionalidade		
Brasil	4	80
Outros países	1	20
Escolaridade		
Ensino Fundamental Incompleto	4	80

Ensino Médio Incompleto	1	20
Renda Mensal		
Auxílio Brasil/Bolsa Família.	2	40
Venda de balas e água	2	40
Sem fonte de renda	1	20
Habitação		
Ocupação	3	60
Embaixo do viaduto	2	40
Quantidade de filhos		
1 a 3	3	60
4 a 5	2	40
Uso substância psicoativa		
Alcool	2	40
Tabaco	1	20
Não utiliza	2	40

Fonte: Autora, 2023.

De acordo a tabela 1, as participantes do estudo têm idade entre 22 e 38 anos de idade, com faixa predominante (60%), entre 20 e 30 anos. Corroborante aos dados da referida pesquisa, os autores Hungaro *et al.* (2020), ao analisar o perfil sociodemográfico de pessoas em situações de vulnerabilidade observou que esses indivíduos apresentam faixa etária prevalente entre 25 e 34 anos.

Dentre as participantes do estudo, (40%) declaram-se pardas, (40%), da raça/cor preta, e somente (20%), branca. Tais informações somatizam com o que afirmar Hungaro *et al.* (2020), onde dizem que a maioria da população em situação de vulnerabilidade e em condições de moradia de rua são representadas pelas pessoas de cor parda/preta.

Quanto ao estado civil das participantes todas elas se declaram solteiras. Segundo Collins (1990), as mães solteiras em situação de vulnerabilidade enfrentam uma interseção de opressões relacionadas a gênero, raça e classe social. Essas mulheres são frequentemente marginalizadas e lidam com a falta de apoio social, dificuldades no acesso a serviços essenciais e estigmas sociais que agravam sua vulnerabilidade. E, ao que se refere a nacionalidade, (80%) delas são brasileiras, e somente 1 é do Paraguai, e essa será chamada na pesquisa de Margarida, onde relata que buscou refúgio no país no intuito de ter melhores condições de vida, após ter sido abandonada por seu companheiro.

Importante nesse momento pontuar sobre o refúgio de estrangeiros no Brasil na procura de melhor condição de vida. De acordo a Convenção de 1951, o termo refugiado são aqueles perseguidos por questões de raça, religião, nacionalidade, ou pertencentes a um grupo social específicos, e que por temor não queiram regressar ao seu país de origem. No ano de 2022, o país registrou um total de 50.355 solicitações de pessoas em situação de refugiados (Junger *et al.*, 2023).

No que se refere à escolaridade, destacou - se que 80% das participantes apresentaram ensino fundamental incompleto. Esse cenário ressoa com os achados do estudo de Hungaro *et al.* (2020), que revelou 50,1% dos entrevistados possuíam apenas o ensino fundamental incompleto. A pesquisa de Abreu e Salvadori (2015), também corroborou destacando que as pessoas em situação de rua, ao enfrentarem vulnerabilidades, geralmente apresentam baixa escolaridade. Essa realidade persiste apesar das transformações nas políticas públicas, mantendo essa população frequentemente excluída socialmente. Cortizo (2019), acrescenta que o baixo nível de escolaridade figura entre os principais motivos que levam à condição de vida nas ruas.

No que concerne à renda mensal, observou-se que 40% das participantes recebem o Auxílio Brasil/Bolsa Família, enquanto outras 40% obtêm sua renda por meio da venda de balas e água. Surpreendentemente, 20% delas não possuem qualquer fonte de renda. Esse perfil reflete a realidade de grande parte das pessoas em situação de rua, onde a falta de emprego formal é acentuada, e muitos se dedicam a atividades informais, como flanelinhas, recicladores, mendicância ou venda de materiais nas sinaleiras, conforme destacado por Hungaro *et al.* (2020). Essa diversidade de fontes de renda ressalta a precariedade da situação financeira dessas mulheres, o que, por sua vez, contribui para a complexidade das condições de vulnerabilidade enfrentadas por elas.

Evidencia-se que 60% das participantes têm uma ocupação que serve como moradia, enquanto 40% residem embaixo de viadutos na cidade de São Paulo. Importa destacar que as ocupações mencionadas se referem a abrigos destinados a pessoas em situação de rua, como prédios e cortiços, conforme apontado por Santiago (2018). Vale ressaltar que aqueles que habitam espaços como viadutos, pontes, praças, calçadas ou até mesmo embarcações são categorizados como pertencentes à população em situação de rua, conforme definido por Cortizo (2019). Essa diversidade de condições de moradia destaca a complexidade do contexto enfrentado por essas mulheres, que vivenciam diferentes formas de vulnerabilidade social e habitacional, exigindo uma compreensão ampla e multifacetada para abordar efetivamente suas necessidades.

As pessoas que fazem das ruas seu espaço de permanência e sobrevivência trazem à tona o processo de vulnerabilidade social vivenciado por muitas famílias brasileiras marcadas pela situação de miséria, abandono e violência. Nesses grupos, identifica-se um processo crescente de fragilização e ruptura dos laços que os inserem no trabalho e nas relações social (Costa *et al.*, 2015, p.1091).

Todas as participantes do estudo têm acima de três filhos. Esses achados podem ser compreendidos a luz das considerações de Sen (2000), que destaca como a falta de informações e recursos sobre planejamento familiar limita as escolhas das mulheres. Foi mencionado que somente uma (20%) apresenta um único filho, sendo esse de processo de adoção pela participante. É importante salientar que, existem mães adotivas em situação de rua. A literatura mostra que a adoção é associada no imaginário social ao altruísmo e ao hedonismo dos adotantes. A adoção pode ser compreendida como a criação de um relacionamento afiliativo que pode envolver desde aspectos jurídicos, sociais e até mesmo afetivos, diferentemente da filiação biológica (Reppold; Hutz, 2003). Percebe-se a partir destes alguns enfrentamentos através de aspectos psicossociais da maternidade adotiva como motivações para a parentalidade, o nível de reflexão social, as crenças de locus de controle e a percepção de apoio social são fatores preponderantes (Reppold; Hutz, 2003).

Em relação à utilização de substâncias psicoativas, (40%, o que corresponde a 2 participantes) fazem uso do álcool, e (20% - corresponde a 1 participante) de tabaco. Hungaro *et al.* (2020), pontuam que o uso de álcool e tabaco por pessoas em situações de rua são comumente utilizados, há casos em que essas substâncias são os fatores dos indivíduos irem para as ruas, e outros, em que a situação vivenciada os fazem a recorrer para o alcoolismo/cigarro.

O nível de escolaridade da mãe tem influência sobre o futuro educacional dos filhos, bem como em torno das suas escolhas futuras. O autor ainda discorre que o baixo nível de escolaridade se associa com a realidade econômica dos indivíduos, tendo em vista que esse facilita o acesso educacional daqueles que apresentam renda inferior para uma qualidade favorável de vida. “Quando ocorre uma forte transformação na economia, mudam as características da força de trabalho o que leva às diferenças nos status educacionais de pais/mães e filhos” (Longo; Vieira, 2017, p. 1058).

Famílias em situações de vulnerabilidade social muitas vezes carecem de capital econômico e social, que limita seu acesso a recursos e oportunidades. Pondera-se ainda que a vulnerabilidade não pode ser medida somente pelo nível de pobreza nas pela incapacidade de as pessoas realizarem suas liberdades e potencialidades. Mães em situação de rua enfrentam

múltiplas privações que vão além da falta de dinheiro, incluindo acesso limitado a saúde, educação e moradia, o que impacta no desenvolvimento dos filhos.

Tratando-se do perfil sociodemográfico das participantes, pondera-se sobre a predominância das mulheres como chefes de família, responsáveis pelos filhos sem apoio de um parceiro ou rede familiar. Muitas dessas mães não completaram o ensino fundamental e médio, o que contribui com a dificuldade de inserção no mercado de trabalho e perpetua a situação de pobreza. Válido ainda ressaltar sobre a prevalência de mulheres negras e pardas em situações de vulnerabilidade, refletindo as disparidades raciais do país. Essa intersecção entre vulnerabilidade social e raça é crucial para entender a exclusão enfrentada por essas mulheres.

Após a apresentação do perfil sociodemográfico das participantes, explanar-se-á no tópico subsequente a segunda etapa da coleta de dados com a correlação do questionário e entrevistas (Apêndice B) realizadas com as mães e seus filhos.

6.2 ENTREVISTA COM AS MÃES PARTICIPANTE

6.2.1 A Gestação e o Vínculo afetivo com o Filho

Primeiramente, as participantes foram indagadas quanto ao seu processo de gravidez, e quais as emoções vivenciadas por elas durante o período de gestação, tal indagação teve o intuito de compreender a relação afetivo materno tendo em vista que problemas ocorridos nesse momento podem desencadear transtornos psíquicos e comportamentais na criança.

Válido pontuar que a gestação, no contexto das pessoas em situação de rua, torna-se um risco social, visto que a situação de pobreza e em muitos casos a exposição à marginalidade não as deixam oferecer boas condições de vida para ela e o bebê. “O fato de estar nas ruas expõe a gestante a uma série de riscos, além de dificultar sua vinculação a um serviço de atenção básica que realize seu pré-natal” (Costa *et al.*, 2015, p.1092).

Assim, segue as falas das participantes quanto o referido questionamento, onde essas foram mantidas no estilo de linguagem original das participantes, sem alterações gramaticais ou correções que pudessem modificar o sentido das falas, assim segue:

“Não foi planejada, não fiz pré-natal, eu usei substância química, bebida, mas ao mesmo tempo me preocupei em não nascer com problema de saúde, mas depois que nasceu também, fiquei mais contente neh, aí eu tive cesariana. Foi tudo muito rápido, conheci a pessoa e acabei ficando, aí engravidei. Sentimento depois foi até bom” (Participante - Flor).

“A minha gravidez não foi planejada não. Tipo assim, eu fui abusada. Eu tinha ido na balada, aí encontrei o pai dele que eu nem conhecia, aí eu não lembro mais nada. Quando acordei estava na casa dele. Não desejei. Mesmo que não foi planejado e foi do jeito que foi eu o queria, eu fiquei feliz. Minha mãe falou para mim, falando a verdade, você vai deixar ou abortar, falei vou deixar” (Participante –Margarida).

“Há nossa, eu tive ha que era casada com o pai dele, o pai dele era uma função muito difícil de se dá, eu passei por momentos bem difícil neh, minha gravidez entrei numa depressão, também eu não morava aqui, eu morava em Bauru, então foi bem complicada. Chorei muito, brigava muito, um agredia o outro com palavras, verbalmente, fisicamente. Ele morreu a policia matou” (Participante- Jasmim).

“A gravidez dela foi ótima, desejei. Fiquei um tempo vivendo com o pai dele, depois ele arrumou outra mulher quando a criança tinha cinco meses. Eu fiquei muito ansiosa com isso. Me largou com ela e fui cuidar” (Participante– Violeta).

“Ela é minha filha adotiva, é filha da minha tia, que morreu de câncer no ovário. A gravidez dela foi difícil. Engravidou da maria com 48 anos. Ficou quatro anos lutando contra o câncer, mas não teve jeito. O pai era alcoólatra, não ajudava nos cuidados nem nas despesas, teve que se virar sozinha. Foi difícil, mas era contente por minha filha. Então foi uma gravidez difícil. O irmão dela faleceu de parada cardíaca e foi difícil também para Maria” (Participante-Rosa).

A tabela 2, ilustra que 80% das participantes não planejaram e nem desejaram a gravidez, 40% desejaram, sendo ainda referido sobre o processo de adoção realizado por uma das mães. Segundo Florêncio e Moreira (2011), o planejamento familiar é um fator determinante na saúde emocional e psicológica tanto dos pais quanto dos filhos, sendo que a ausência de planejamento pode estar associada a maiores níveis de estresse e desafios no desenvolvimento da parentalidade.

Tabela 2: Planejamento de gravidez

Planejamento da Gravidez	n	(%)
Não planejaram gravidez	4	80
Planejaram gravidez	2	40
Adoção	2	40

Fonte: Autora, 2023.

Identificou-se com as falas das entrevistadas que três delas não tiveram experiência positivas com a gestação, sendo relatada a falta de desejo pela gravidez, uso de substâncias psicoativas e ausência da figura materna. Cavalcante *et al.* (2017, p.1690), dizem que: “a gravidez não desejada combinada com a falta de interação com o feto estão fortemente

associadas à rejeição do bebê”. Tais pontos foram evidenciados no diálogo de Flor, Margarida e Jasmim.

Das mães participantes, somente Violeta desejou a gravidez, já Rosa por ter adotado a sua filha não pode compartilhar sobre o processo gravídico, mas mencionou sobre como foi à gravidez da mãe sanguínea da filha, que por ser a sua tia, ela tem recordações sobre esse período.

Segundo Bowlby (2006), o vínculo afetivo entre mãe e filho tem relação com o desejo da gravidez, assim essa relação tem relação com as diferentes concepções gestacional, sendo eles positivos ou negativos onde se pode ter: o desejo da gravidez pelo sonho da maternidade; a vergonha de ter um filho que não foi derivado de uma relação legítima; culpa por não ter se protegido e ocorrido uma gravidez acidental; ou a falta de desejo de ser mãe.

O vínculo afetivo materno, também conhecido como apego, é uma relação emocional profunda entre a mãe e o bebê que desenvolve desse a gestação e desempenha papel crucial no desenvolvimento infantil. Esse vínculo tem implicações fundamentais para o bem-estar emocional, social, cognitivo e físico da criança, afetando a forma como ela irá se relacionar com outras pessoas ao longo da vida. Bowlby (2006), ressalta que o bebê nasce com uma predisposição biológica para se vincular à figura materna, pois a sobrevivência da criança depende desse cuidado próximo e constante. O apego seguro e uma relação e confiança e proteção promove o desenvolvimento saudável da criança, tanto em termos emocionais quanto sociais.

6.2.2 Cuidados Maternos com a Prole

Após serem indagadas sobre o processo gravídico, buscou-se compreender sobre os afetos maternos com seus filhos, assim, perguntou-se como elas deixam os filhos em casa, e se passam muito tempo distante delas. A pergunta tem por objetivo observar se as mães têm a percepção sobre o cuidado que precisam ter sobre os seus filhos, tendo em vista a falta de maturidade desses para lidar sozinhos com variadas situações, além de sentirem a falta de proteção e atenção materna.

Sendo assim, segue abaixo as falas das mães participantes em relação ao questionamento realizado:

“Nossa, agora é muito difícil, mais as vezes que eu fico fora de casa é o horário que eu procuro sair à noite para distrair, para consumir algum tipo de bebida, e ai eu deixo as crianças sozinha, que é o horário da madrugada, e isso tem complicado para

mim lá na onde moro, chegou até a virar problema , porque deixar criança sozinho de dia já é meio difícil, então a noite ainda, tipo o mais velho tem onze anos neh, não tem idade para ficar sozinho no meu pensamento, mas se fosse pra eu trabalhar ou pouco tempo talvez sim neh? Mas no horário da madrugada não dar. Mas saio sozinha com a mesma amiga para beber, e meu companheiro também sai, aí deixa as crianças sozinhas. Eu to desabafando, to preocupada, porque os coordenadores da ocupação pediram para a gente sair, porque um sai e o outro sai e deixa sozinho as crianças e outros problema. Assim, isso está acontecendo para eu tomar uma atitude, para eu arrumar um emprego e cuidar deles, já era para eu tá trabalhando, não depender só do pai deles, que agora eu to dependendo” (Participante-Flor).

“Não deixo. Aonde eu vou eu levo comigo os meus filhos. Tenho medo de acontecer alguma coisa, de se machucar, qualquer coisa” (Participante – Margarida).

“Há é difícil, as vezes ela vai para casa da irmã dela e dois dias já fico doida, mandando voltar, não gosto de deixar sozinha, não fica sozinha. Não deixo, a gente não gosta, porque agora ela tá crescendo neh? Ficando mocinha, então a gente precisa ficar bem atenta neh? Quando preciso sair, fica com minha mãe ou irmã” (Participante –Rosa).

“Eu procuro não ficar longe, aonde eu vou eu levo, levo junto para vender os doces, porque estão sem estudar. E vou colocar eles na escola. Eu não deixo só, aonde eu vou eles vão junto” (Participante – Jasmim).

“Eu só fico dentro de casa, na ocupação, como não trabalho fico só em casa. Por causa dos meus filhos eu e minha mãe com o dinheiro do auxílio vamos alugar uma casa. Para ficar mais segura e é uma melhora para eles. Quando preciso sair de deixo eles com a minha mãe” (Participante -Violeta).

Para melhor compreensão das falas das mães, a tabela 3 traz a elucidação sintetizada dos cuidados das maternos. Vê-se que em sua maioria (80%) não deixam seus filhos sozinhos, e somente (20%), deixam os filhos sem a presença de um cuidador adulto quando precisa sair para resolução de problemas e/ou momentos de lazer.

De acordo com Bordignon (2007), o cuidado materno é essencial para o desenvolvimento emocional saudável das crianças, sendo que a ausência desse cuidado ou a negligência pode resultar em impactos significativos no comportamento e bem-estar psicológico da prole.

Tabela 3: Cuidados Maternos com a Prole

Cuidados Maternos	n	(%)
Deixam os filhos sozinhos	1	20
Não deixam os filhos sozinhos	4	80

Fonte: Autora, 2023.

Das entrevistadas, somente Flor pontuou deixar o filho sozinho em casa nos momentos que precisa sair para se divertir, e que mesmo com reclamações de terceiros continua com suas saídas sem se importar de fato com o filho. As outras participantes pontuaram que não deixam seus filhos sozinhos, e que quando precisam sair para lugar os encarregam de ficar com algum adulto responsável.

De acordo com Arpini, Quintana e Gonçalves (2010), os cuidados maternos são fundamentais para o estabelecimento do vínculo familiar, pois, a boa relação construída junto as manifestações de cuidados são a pontos basilares no processo de crescimento, maturidade e socialização do indivíduo.

O conceito de cuidado, especialmente na perspectiva das mães em contextos de vulnerabilidade social, assume formas diversas e muitas vezes contraditórias à visão tradicional. Para essas mães, o cuidado pode ser compreendido não apenas como a presença física e proximidade com os filhos, mas também como a tomada de decisões difíceis, como deixá-los em casa enquanto trabalham ou buscam sustento. Essas escolhas refletem estratégias de proteção dentro de suas realidades, onde o risco e a necessidade caminham juntos. Nesse sentido, é crucial que se reconheça que o cuidado, para essas mães, envolve tanto a proximidade quanto a tentativa de minimizar os riscos inerentes ao ambiente em que vivem. A ausência física não necessariamente significa negligência, mas pode ser uma expressão de cuidado, na tentativa de garantir a subsistência e segurança da família em contextos adversos.

O resultado sobre o processo gravídico da pesquisa, apresenta um contraste entre as práticas maternas das entrevistadas em relação a deixar ou não seus filhos sozinhos, e isso pode ser relacionado aos conceitos de Donald Winnicott sobre a "mãe suficientemente boa" e a adaptação ativa.

Na pesquisa, observamos que a maioria das mães (80%) opta por não deixar seus filhos sozinhos, tomando medidas para garantir a presença de um cuidador adulto quando necessário.

Por outro lado, a participante Flor se destaca como uma exceção, admitindo que deixa o filho sozinho em casa nos momentos em que precisa sair para se divertir, mesmo diante de críticas.

A atitude da participante Flor, ao admitir que deixa o filho sozinho em casa para se divertir, pode ser interpretada sob diferentes perspectivas. Em um primeiro olhar, essa escolha pode parecer uma quebra das normas tradicionais de cuidado materno, provocando críticas sociais devido à percepção de que a mãe deve priorizar constantemente as necessidades da criança. No entanto, essa atitude também pode ser vista como uma tentativa de buscar

autonomia e preservar sua própria identidade além da maternidade, em um contexto de vulnerabilidade onde as mães frequentemente enfrentam sobrecarga e falta de apoio.

Essa decisão pode estar vinculada à escassez de recursos, como a ausência de uma rede de apoio confiável, e à pressão emocional que muitas mães sentem ao tentar equilibrar o cuidado dos filhos com a necessidade de atender suas próprias necessidades pessoais. Embora a escolha de Flor não esteja isenta de riscos, ela pode refletir o desafio de muitas mães em situações semelhantes, que precisam negociar constantemente entre os cuidados com os filhos e sua própria saúde mental e bem-estar. Essa complexidade reforça a importância de olhar o cuidado materno de forma contextualizada, reconhecendo que as decisões tomadas por essas mães, por mais criticáveis que possam parecer, são frequentemente moldadas pelas circunstâncias sociais e pessoais que enfrentam.

Os cuidados maternos oferecidos por mães em situação de rua são desafiados por um ambiente de extrema vulnerabilidade, mas muitas dessas mães ainda se esforçam para prover o melhor para os seus filhos. Apesar das limitações dessas mães, elas podem exercer uma maternidade que atenda às necessidades básicas dos filhos, mesmo em condições adversas.

Portanto, a pesquisa sugere uma diversidade de abordagens maternas, e as práticas das mães em relação a deixar ou não os filhos sozinhos podem ser interpretados à luz dos conceitos de Winnicott sobre a importância da adaptação ativa e da preocupação ativa no desenvolvimento saudável da criança.

6.2.3 Desejos Maternos para o Futuro

Na pergunta subsequente, as mães foram indagadas quanto ao seu maior sonho enquanto mãe, e o que elas desejam para o futuro dos seus filhos. Segundo Costa *et al.* (2015, p.1098), a chegada dos filhos para as mulheres em situações de rua é um dos maiores motivos para elas desejarem um futuro promissor para sua prole. Muitas buscam ter um emprego fixo para que possam ter condições de vida melhor para os filhos. “O cuidar do filho [...] é um fator motivador para seguirem em frente, sendo o trabalho visto por elas como a principal maneira de oferecer os cuidados maternos necessários”.

Dessa forma, segue a fala das participantes relacionadas aos desejos para o futuro em relação aos seus filhos.

“Ser uma mãe mais zelosa, ser um exemplo pros meus filhos. Desejo que termine os estudos e estude neh, só isso” (Participante – Flor).

Realizar o sonho dela, há ter a casinha dela, ter a família dela, terminar os estudos. Poder ser feliz neh. Porque assim querendo ou não a gente consegue ver ainda um pouquinho da tristeza nela no dia a dia, porque as vezes vem neh, fica lembrando, pensa há ela pergunta para a gente, como é que seria se a minha mãe tivesse aqui hoje, ainda a gente fica neh? Como é que a gente responde” (Participante –Rosa).

“Conseguir arrumar um emprego fixo e poder dar uma vida melhor digna pros meus filhos, ter uma casa, ter um teto mais que seja meu, que eu possa falar é minha casa, nossa casa sabe, é isso meu maior sonho, pra poder tirar meus filhos de debaixo do viaduto. Eu desejo para o futuro dos meus filhos, há que eles tenham um bom futuro, que eles volte pra escola, que eles aprendam, que eles sejam umas pessoa do bem, não mecham com droga, não entra na criminalidade, seja sabe, luta pra conseguir tudo que eles desejam, que eles sonha, mais nada de se envolver com crime nem com as drogas, esse é o meu maior sonho e meu maior desejo, e tudo isso que eu quero pra eles pra vida deles” (Participante - Jasmim).

“Meu maior sonho é ter uma casa, para pôr meus filhos dentro, deixar meus filhos assim, tranquilo. O que eu passei eu não quero para meus filhos. É tipo, minha mãe não morava conosco, eu sou da Bahia. Nós fomos criados pela minha vó, aí depois de um tempo minha mãe aqui trabalhando mandou dinheiro aí foi que buscou nois.. Meus filhos eu quero do meu lado de junto de mim. Rsrs. Eu desejo que ela tenha um estudo, curso, tenha um trabalho. Eu quero os estudos dela” (Participante -Violeta).

A tabela 4 demonstra que a maioria das entrevistadas (60% - 3 entrevistadas), tem dois grandes desejos: oferecer uma vida melhor aos filhos, ou seja, uma melhor moradia e condições de sobrevivência, e oferecer um futuro com boas condições para os estudos. A outra parte das entrevistadas (40% – 2 entrevistadas), mencionou que deseja que o estudo esteja incluído nos futuros dos filhos (a 1ª entrevistada mencionou isso) ou que eles consigam ter uma melhor moradia no futuro (a 2ª entrevistada mencionou isso). O que infere a preocupação dessas quanto ao crescimento de sua prole e o que eles serão daqui a alguns anos, para que não trilhem o mesmo futuro que elas. “As expectativas parentais com relação ao futuro dos filhos em dúvida nos informam mais sobre a realidade das crianças nos tempos de hoje do que sobre o amanhã dos adultos por vir. [...] as projeções para o futuro não são outra coisa senão um “diagnóstico do presente” (Féres-Carneiro, 2017, p.30).

Tabela 4: Desejos maternos para os filhos

Desejos Maternos	n	(%)
Futuro de estudo e Moradia melhor	3	60
Futuro de estudo para os filhos	1	20

Moradia melhor para os filhos	1	20
--------------------------------------	---	----

Fonte: Autora, 2023.

A pesquisa apresentada revela a importância que as mães em situações de rua atribuem ao desejo de proporcionar um futuro promissor para seus filhos. A ênfase na busca por condições de vida melhores, incluindo moradia digna, e a importância atribuída ao estudo refletem as preocupações das mães com o desenvolvimento e bem-estar de suas crianças.

De acordo com Noack (2007), os desejos e expectativas maternas em relação ao futuro dos filhos estão fortemente relacionados com a busca por melhores condições de vida e oportunidades de educação, refletindo preocupações com o desenvolvimento e bem-estar das próximas gerações."

Os resultados da pesquisa podem ser correlacionados com os conceitos discutidos pelos autores Costa *et al.* (2015), Féres-Carneiro (2017) e Gomes e Pereira (2005), no contexto da família. A ideia de que a chegada dos filhos é um dos maiores motivos para as mulheres em situação de rua desejarem um futuro promissor para sua prole, conforme destacado por Costa *et al.* (2015), evidencia a centralidade da experiência familiar na vida dessas mulheres.

O desejo de oferecer uma vida melhor, expresso pelas participantes da pesquisa, reflete a busca por uma transformação nas condições de vida da família. Essa aspiração está alinhada com a perspectiva de Féres-Carneiro (2017), sobre as projeções para o futuro como um "diagnóstico do presente". Ou seja, o anseio por uma vida melhor para os filhos reflete as adversidades enfrentadas no presente, especialmente relacionadas à situação de vulnerabilidade e pobreza.

A visão da família como uma construção social, influenciada por diversos fatores, conforme discutido por Gomes e Pereira (2005), também se relaciona com a pesquisa. As condições sociais, culturais e econômicas são identificadas como determinantes na configuração e dinâmica da família, o que se reflete nas preocupações das mães em proporcionar um ambiente mais estável e saudável para seus filhos.

Além disso, a pesquisa destaca a importância da casa como um espaço de privação para as famílias em situações de rua, relacionando-se com a ideia de Gomes e Pereira (2005), de que, para essas famílias, a casa pode representar um local de instabilidade e esgarçamento dos laços afetivos. A falta de apoio e a negação de direitos contribuem para a desestruturação familiar.

As mães em situação de rua, apesar das adversidades extremas, geralmente compartilham os mesmos desejos fundamentais que outras mães, todavia pontuam também

alguns desejos diferentes das demais, como: segurança e estabilidade, oferecer uma vida melhor, romper o ciclo de vulnerabilidade, proporcionar uma educação para a saída da pobreza, saúde eficaz, e a construção de dignidade e respeito.

6.2.4 Fatores que influenciam na relação mãe-filho

No roteiro de entrevista aplicado (Apêndice B – Instrumento 2) foram separados alguns fatores que podem influenciar em uma boa relação entre mãe e filho, e dentre eles as participantes sinalizaram o que acham ser pontos negativos para a construção da relação afetivo materno. Dentre os fatores, têm-se: a importância da comunicação para uma melhor relação com seus filhos; situação socioeconômica da família; a afetividade e o carinho demonstrados pela mãe; a presença de outras pessoas na vida do filho, como pai, avós e irmãos; presença e disponibilidade da mãe para o filho; forma como a mãe impõe limites e regras; nível de estresse e ansiedade que a mãe enfrenta; e a existência de eventuais traumas ou experiências negativas na história de vida da mãe e/ou do filho. A tabela 5 traz a relação dos fatores, junto ao quantitativo das respostas das mães participantes do estudo.

Tabela 5: Fatores que influenciam na relação mãe-filho.

Fatores que influenciam na relação mãe-filho		
Pergunta	n	%
Eventuais traumas ou experiências negativas	1	20%
Nível de estresse e ansiedade	1	20%
Imposição de limites e regras	1	20%
Presença e disponibilidade da mãe para o filho	1	20%
Presença de outras pessoas na vida do filho	3	60%
Afetividade e o carinho demonstrados pela mãe	2	40%
Situação socioeconômica da família	4	80%
Importância da comunicação	4	80%

Fonte: Autora, 2023.

Assim, viu-se que 80% apontaram sobre a importância da comunicação para uma melhor relação com seus filhos, e a situação socioeconômica da família. Referente a importância da comunicação mãe-filho, Gonçalves e Bananal (2022, p. 2), dizem que: “*a comunicação, especialmente nas relações familiares, pode favorecer ou prejudicar o desenvolvimento sadio das pessoas; sendo um elemento delineador da identidade e da realidade familiar, e das relações que se estabelecem neste sistema*”. Consoante a afirmativa dos autores, Silva e Gaspar (2021), pontuam também que a comunicação entre mãe-filho reduz de forma considerável ausências de trocas na convivência familiar que tem contribuição no processo de formação do indivíduo.

A falta de comunicação é pontuada como uma forte influência para a relação entre mãe e filho, onde a ausência de reação materna dificulta a interação social da criança, contribuindo assim para o desenvolvimento de sensação de desamparo e insegurança. Dessa maneira, Ribeiro *et al.* (2018, p. 8), aponta da seguinte maneira sobre a comunicação materno filial:

A comunicação com adultos é de suma importância para uma estimulação apropriada no ambiente familiar. É no ambiente familiar que a criança pode encontrar abrigo, amparo, e se sentir segura, mas de forma contraditória é nesse mesmo ambiente que pode encontrar prejuízos para o seu desenvolvimento, tanto da linguagem, como memória e habilidades sociais (Ribeiro *et al.*, 2018, p. 8).

Quanto a afetividade e o carinho demonstrados pela mãe, 40% das participantes mencionaram esse fator. Já a presença de outras pessoas na vida do filho, como pai, avós e irmãos, foram mencionados por 60%.

Em relação aos seguintes fatores: eventuais traumas ou experiências negativas, nível de estresse e ansiedade, imposição de limites e regras, presença e disponibilidade da mãe para o filho, foram mencionados por 20% das respostas.

Entretanto, há os limites exacerbados impostos, onde as mães não deixam os filhos desempenharem atividades até mesmo simples, por não acreditarem e confiarem em sua capacidade. “*Compreende-se que as reflexões dos pais diante de imposição de limites sobre suas atitudes, incluem o sentimento de culpa pelo uso de recursos considerados inadequados e dúvidas quanto a agir de modo correto*” (Araújo; Sperb, 2009, p.188).

Sobre o fator “nível de estresse e ansiedade”, Cavalcante *et al.* (2015), retratam que quadros ansiosos, depressivos e estressores dificultam o estabelecimento de vínculo entre mãe e filho, o que pode assim gerar consequências não só no relacionamento dos dois, mas também no desenvolvimento do filho.

E referente à existência de eventuais traumas ou experiências negativas na história de vida da mãe e/ou do filho, que fazem parte de todo o desenvolvimento da criança, uma pesquisa realizada pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia apontou que traumas vivenciados pelas mães podem impactar na saúde mental dos seus filhos, e esses podem ocorrer tanto fisiologicamente, quando os altos níveis de cortisol e marcadores inflamatórios alteram a epigenética dos bebês, quanto por meio do comportamento, onde os padrões realizados pelas mães podem impactar no desenvolvimento dos filhos, e esses se caracterizam por meio de: rigidez, limites exacerbados, falta de afeto, uso abusivo de substâncias psicoativas, superproteção, e abusos (INCT, 2021).

Os resultados da pesquisa sobre os fatores que influenciam na relação mãe - filho pode ser correlacionados com os conceitos apresentados pelos autores Becker *et al.* (2020), Silva (2019), e Winnicott (1975), no contexto do vínculo afetivo materno e desenvolvimento humano, dentre eles:

1. Importância da Comunicação e Situação Socioeconômica: A comunicação é destacada por 80% das participantes como crucial para uma melhor relação mãe - filho. Gonçalves e Bananal (2022) e Silva e Gaspar (2021), ressaltam a importância da comunicação nas relações familiares para o desenvolvimento sadio das pessoas. A situação socioeconômica também é mencionada, indicando a influência de fatores externos na dinâmica familiar.

2. Afetividade, Carinho e Presença de Outras Pessoas: Afetividade e carinho são apontados por 40% das participantes como fatores importantes. Cavalcante *et al.* (2017), indicam que mães de baixa renda podem apresentar maiores dificuldades em demonstrar afeto. A presença de outras pessoas na vida do filho também é mencionada, destacando a complexidade das relações familiares, com 60% das respostas.

3. Presença e Disponibilidade da Mãe, Imposição de Limites: A presença e disponibilidade da mãe são mencionadas por 20% das respostas das participantes, sugerindo que algumas mães podem enfrentar desafios nesse aspecto. A forma como a mãe impõe limites é destacada por 20% das participantes, com a literatura indicando que limites exacerbados podem influenciar negativamente na relação mãe-filho (Araujo; Sperb, 2009).

4. Nível de Estresse e Ansiedade: O nível de estresse e ansiedade é mencionado por 20% das participantes, e Cavalcante *et al.* (2015), destacam que esses quadros podem dificultar o estabelecimento de vínculo entre mãe e filho.

5. Traumas ou Experiências Negativas: A existência de traumas ou experiências negativas é apontada por 20% das participantes, corroborando a pesquisa do Instituto Nacional

de Ciência e Tecnologia sobre o impacto dos traumas vivenciados pelas mães na saúde mental dos filhos (Felitti *et al.*, 1998).

6. A proteção para mães e filhos em situações de rua requer uma abordagem multidimensional que aborde tanto as necessidades imediatas quanto aos fatores a longo prazo, assim, estão algumas estratégias essenciais, como: centros de acolhimento, sendo um ambiente seguro e acolhedor para as mães e filhos, fornecendo acomodações, refeições, roupas, e cuidados de saúde; apoio psicossocial, para garantir acesso a cuidados de saúde física e mental incluindo atendimento médico regular, e serviços de saúde materna e infantil que ofereça, suporte psicológico e emocional as mães e filhos; programas de reintegração e inclusão social, com o desenvolvimento de programas de capacitação e treinamento profissional para ajudar as mães a adquirir habilidades que aumentem suas chances de emprego e independência financeira; e educação e desenvolvimento infantil, para assegurar que as crianças em situações de rua tenham acesso à educação de qualidade para o seu desenvolvimento físico e emocional (Richwin; Zanello, 2022).

Nesse interim, menciona-se sobre a desproteção de mães e filhos em situações de rua, que envolve fatores que agravam suas situações de vulnerabilidades, assim, tem-se como principais problemas: falta de acolhimento adequado, com abrigos com condições de vida inadequadas; acesso limitado a serviços de saúde, no qual muitas mães e filhos enfrentam barreiras de acesso, como falta de documentação, e discriminação no atendimento dos serviços de saúde; educação interrompida, diante da instabilidade de viver nas ruas que pode levar a interrupção do ensino, afetando o desempenho das crianças; e vivência e exploração, onde a falta de proteção tornam as famílias de rua alvos fáceis de violência, trabalhos forçados, e até exploração sexual (Richwin; Zanello, 2022).

Outras situações de desproteção vivenciadas por mães e filhos em situações de vulnerabilidades podem ser destacadas, diante de tais fatores: desagregação familiar, com a separação de mães e filhos; falta de rede de apoio, sem recurso para buscar suporte emocional, e o impacto econômico; e pobreza extrema que dificulta a capacidade das mães de garantir uma vida estável e segura aos filhos (Mata, 2019).

Abordar a desproteção de mães e filhos em situações de rua requer um esforço conjunto de governos, sociedade civil e comunidade em geral, promovendo políticas inclusivas e programas de apoio que visem a reintegração social e a melhoria das condições de vida dessas famílias. A falta de abrigos adequados, exposição a violência, precariedade na saúde, insegurança alimentar, ausência de acesso à educação, são fatores que agravam a vulnerabilidade das mães e seus filhos (Mata, 2019).

Importante considerar que em relação a vulnerabilidade social da mãe-filho, deve-se adotar uma postura menos culpabilizadora, reconhecendo que as vulnerabilidades sociais são resultado de fatores estruturais e sistêmicos como: desigualdade econômica, acesso limitado a serviços de saúde, educação inadequada e discriminação. As mães e seus filhos são frequentemente vítimas dessas circunstâncias e não causadores delas (Muñoz *et al.*, 2013).

Deve-se abordar as mães e filhos com empatia e respeito, entendendo suas lutas e desafios sem julgá-los, escutando ainda suas histórias e experiências para compreender suas realidades. Em vez de culpar os indivíduos, concentrar-se em como as políticas públicas e as intervenções sociais podem ser melhoradas para oferecer suporte adequado, nesse sentido se cita: programas de assistência social, políticas que abordem causas de vulnerabilidades, promover a educação sobre causas sociais para reduzir estigmas e preconceitos, inclusão de campanhas que conscientizem as ideias de preconceito sobre pobreza e exclusão social, além de apoio e suporte emocional as mães e filhos que vivenciam situações vulneráveis (Muñoz *et al.*, 2013).

6.2.5 Influência da situação de vulnerabilidade na relação mãe-filho

O último questionamento realizado as participantes foram referentes à situação de vulnerabilidade vivenciada por elas e acerca da influência dessa realidade sobre relação entre mãe e filho na resiliência da criança/adolescente, as mães. A relação materno-filial é de extrema importância para a promoção da saúde mental infantil e juvenil, principalmente em contextos de vulnerabilidade. O envolvimento e suporte parental são fatores fundamentais para o desenvolvimento saudável da criança e do adolescente, sendo capazes de prevenir e reduzir os impactos negativos da vulnerabilidade social. Pontua-se que a vulnerabilidade social pode dificultar a relação materno-filial, causando tensões e conflitos que afetam o bem-estar emocional de todos os envolvidos.

Assim, a tabela 6, mostra como as participantes sinalizaram sobre a influência da vulnerabilidade na resiliência entre mãe-filho.

Tabela 6: Situação de vulnerabilidade e relação mãe-filho

Situação de Vulnerabilidade e Relação Mãe-Filho	n	(%)
Relação mais importante que em outros	1	20

Resiliência depende de diversos fatores	1	20
Fortalecer a resiliência da criança/adolescente	4	80

Fonte: Autora, 2023.

Dentre as participantes, 80% compartilham a convicção de que uma relação materna positiva desempenha um papel fundamental no fortalecimento da resiliência de crianças e adolescentes em contextos vulneráveis. Ceconello (2003), define resiliência como a presença de fatores positivos que persistem mesmo diante de ameaças capazes de comprometer o desenvolvimento da pessoa. Nesse contexto, fatores como o relacionamento entre mães e filhos, a reciprocidade no vínculo familiar e práticas educativas permeadas pelo afeto emergem como elementos contribuintes para a resiliência.

Para Winnicott (1965), o ambiente suficientemente bom, proporcionado pela figura materna, é essencial para o desenvolvimento da capacidade de a criança lidar com frustrações e, conseqüentemente, fortalecer sua resiliência diante das adversidades da vida

Em situações de vulnerabilidade, a resiliência assume uma dimensão desafiadora, dada a presença de fatores negativos que caracterizam essa realidade, tais como a pobreza, baixa condição socioeconômica, mães solteiras, falta de habilidades sociais, baixa escolaridade, famílias numerosas e até mesmo a criminalidade paterna (Ceconello, 2003). Diante dessas adversidades, a capacidade de superação e adaptação das crianças e adolescentes torna-se ainda mais fundamental.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990), reconhece as crianças e adolescentes como indivíduos de direitos, trazendo como inovação na legislação a atenção especial a ser ofertada a aqueles que vivem em situações de vulnerabilidade. A citação da legislação se torna essencial para evidenciar que a realidade dos indivíduos em situações vulneráveis envolve o contexto biopsicossocial do ser humano. Assim, pondera-se que mulheres em situações vulneráveis, assim como as mencionadas no referido estudo, contribuem com a relação fragilizada do vínculo materno-filial. E para corroborar tal afirmativa, traz-se o posicionamento de Moreira (2013, p.34):

As famílias em situações de risco pessoal e social têm sido descritas como famílias cujos membros apresentam baixo grau de escolaridade e recursos econômicos e culturais limitados. Tais famílias mostram padrões de comunicação e socialização difíceis em relação a criança, o que muitas vezes leva ao risco de violência ou da fragilização dos vínculos [...]. as condições de carência material e cultural são fatores que contribuem com a precarização de relações afetivas (Moreira, 2013, p. 34).

Já (20%), dizem que a resiliência depende de diversos fatores além da relação materna. E (20%) pontuou que essa relação, a construção da resiliência em meio a situação de vulnerabilidade, é mais importante que outros.

A vulnerabilidade refere-se a uma predisposição individual para apresentar resultados negativos no desenvolvimento da criança. Viver na pobreza, e em situação de rua, torna-se um fator de risco que ameaça o bem-estar das pessoas, [...], produzindo efeitos no relacionamento mãe-filho (Cecconello, 2003, p. 9).

Assim, a fim de corroborar as afirmativas das mães participantes, segue-se posteriormente o capítulo que traz a fala dos filhos participantes, a fim de compreender a relação materno-filial na visão dos filhos. Válido pontuar que a entrevista foi realizada apenas com um filho de cada mãe colaboradora com a pesquisa, visto que elas possuem mais filhos.

Abramovay (2022), ressalta que a educação é a principal chave para uma melhor qualidade de vida, sendo considerada como motivo para o aprimoramento do nível social do indivíduo. Porém, tratando-se da educação na população vulnerável, enquadrando-se nesse sentido a pessoa em situação de rua, sabe-se que as taxas de escolarização são reduzidas devido a realidade vivenciada.

A vivência nas ruas impõe uma série de barreiras à participação efetiva no sistema educacional. Pessoas em situação de rua frequentemente enfrentam condições precárias de vida, instabilidade, falta de acesso a recursos básicos e discriminação social, fatores que comprometem diretamente seu engajamento na educação formal. A instabilidade de sua condição de vida muitas vezes resulta em descontinuidade nos estudos, tornando difícil para essas pessoas manterem uma presença regular nas instituições educacionais (Almeida, 2012).

Além disso, o estigma social associado à situação de moradia nas ruas pode criar obstáculos adicionais para a participação educacional. O preconceito e a estigmatização podem levar à exclusão e marginalização, limitando as oportunidades educacionais para essa população. A falta de apoio institucional adequado também contribui para a perpetuação desse ciclo, onde a ausência de condições mínimas para frequentar a escola mantém as pessoas em situação de rua à margem do sistema educacional (Brito e Silva, 2022).

Nesse cenário, é fundamental reconhecer a educação não apenas como um direito humano básico, mas também como um instrumento essencial para a promoção da igualdade social e superação da vulnerabilidade. Investir em estratégias educacionais inclusivas, que considerem as especificidades e desafios enfrentados pelas pessoas em situação de rua, é crucial para romper com o ciclo de exclusão e permitir que essa população tenha acesso ao

conhecimento, desenvolvimento de habilidades e, conseqüentemente, melhores oportunidades de vida.

6.3 ENTREVISTA COM OS FILHOS DAS PARTICIPANTES

Com o intuito de analisar a relação mãe-filho, foi aplicado questionário (Apêndice B), também com os filhos das mães, assim, possibilitou analisar de que maneira a relação dessas em situação de vulnerabilidade impacta na construção dessa relação sob a perspectiva da prole. Assim, a tabela 7 traz o perfil dos filhos das participantes da pesquisa, referente a idade, sexo, e frequência na unidade escolar.

¹Tabela 7: Perfil dos filhos das participantes do estudo

Perfil dos filhos das participantes do estudo		
Idade	n	%
7 a 9	1	20
10 a 11	4	80
Sexo		
Feminino	2	40
Masculino	3	60
Frequenta a unidade escolar		
Sim	3	60
Não	2	40

Fonte: Coleta de dados, 2023.

Como pontuado na tabela 7, (80%) dos filhos das participantes do estudo têm idades entre 10 e 11 anos de idade, sendo em sua maioria (60%), do sexo masculino. Além disso, 40% não frequentam o ambiente escolar, o que infere a influência de sua realidade, bem como as mães que não completaram a sua escolaridade. De acordo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, quanto menor o nível de escolaridade da mãe, maiores as chances do seu filho ter uma baixa escolaridade, ou de apresentarem analfabetismo (IPEA, 2019).

O acesso à educação é frequentemente interrompido para os filhos de mães em situação de vulnerabilidade. Mesmo quando matriculados, essas crianças têm dificuldade em frequentar a escola regularmente devido à falta de moradia fixa, ausência de materiais escolares, e a dificuldade de transporte. A instabilidade diária também prejudica a capacidade de se

¹ Infere-se que a porcentagem total de respostas da tabela 7 ultrapassa 100% devido ao fato de todas responderem as mesmas perguntas e apresentarem respostas semelhantes.

concentrar e progredir academicamente, o que limita as oportunidades de romper o ciclo da pobreza.

A primeira pergunta realizada aos filhos das participantes foi sobre o que eles gostam de fazer durante o dia, e o que fazem em casa? Sendo relatado da seguinte maneira:

“Gosto de tomar café de manhã, aí depois assisti um pouco de televisão e depois brincar um pouco com as minhas irmãs” (Participante – Filho de Flor).

“Gosto de brincar de carro, boneco, avião, de lego (montagem)” (Participante – Filho de Margarida).

“Gosto de brincar de cobra cega com meus primos, gosto de lavar louça e arrumar a casa, não tenho outros brinquedos” (Participante – Filha de Rosa).

“Gosto de soltar pipa, jogar bola, e ver tv também” (Participante - Filho de Jasmim).

“Brincar, correr, celular” (Participante – Filha de Violeta).

A tabela 8, aponta quais as principais atividades realizadas pelos filhos das participantes, de acordo o questionário aplicado a eles. Vê-se que se destacou: brincadeiras, assistir à televisão, e ao uso de celulares.

Tabela 8: Atividades realizadas pelos filhos das participantes em casa.

Atividades realizadas pelas crianças		
Atividade	n	%
Brincar	5	100%
Assistir televisão	2	40%

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Vê-se de acordo a tabela 8, que todos os filhos gostam de brincar, todavia, dois (40%) se destacaram em gostar de assistir televisão, além de brincar.

Na pergunta seguinte, buscou-se compreender a opinião deles sobre sua mãe, o que admiram nela e o que gostaria de ouvir/fazer com ela. Tal indagação pode mostrar um pouco sobre a relação entre mãe-filho, no qual eles irão expor sua visão em torno de sua mãe. Dessa maneira, as falas serão expostas a seguir:

“Eu a acho muito legal, eu amo ela muito e só” [...] “Eu admiro uma moça muito bonita e muito bondosa comigo. Ajuda-me nas coisas e nas lições de casa. Eu gostaria de ouvir que me ama muito” (Participante – Filho de Flor).

“Eu acho ela boa, é paciente, boa” [...] “Eu não sei o que eu admiro nela. Eu gostaria de ouvir que eu arrumo a cama” (Participante - Filho de Margarida).

“É boa, ela cuida de mim, me dá as coisas, mas quando a minha mãe briga comigo eu fico quieta no meu canto, sinto falta do meu irmão que morreu de parada cardíaca, e isso me deixa triste” [...]. “Há eu não sei, mas gosto do jeito de educar, tipo feliz. Gostaria de ouvir que sou inteligente” (Participante – Filha de Rosa).

“Uma mãe boa, porque ela nos trata bem, cuida bem de nós, ela nos valoriza também” [...] “Porque ela é uma mulher guerreira, porque ela cuida de cinco fi nelh, porque causa que tem muitas mães que abandona nelh. A ponte como casa é normal, eu queria ter uma casa mais tranquila, e tem tv, la a gente puxa um gato de luz, e eu não sei como. O que eu mais gostaria de ouvir da mamãe era que nos ia ter uma vida melhor, nois ia ter uma casa muito melhor do que o pontelhão. (Ponte”) (Participante –Filho de Jasmim).

“Há ela briga comigo, mas ela é boa. Ela compra as coisas que eu quero. Mas ela briga comigo”. “O que eu mais gosto da mamãe é pelo amor e carinho que ela dá pra mim, eu gostaria de ouvir muitas coisas da mamãe, era que quando eu estiver quieta que fosse perto de mim e falasse que eu sou linda e princesa” (Participante – Filha de Violeta).

Observa-se nas falas dos filhos que todos (100%) “acham” a mãe boa, o que denota um nível de dúvida por parte deles devidos as circunstâncias ocorridas entre eles e as mães, as “brincas”. Notou-se também que todos eles (100% dos filhos), ponderam sobre o que gostariam que a mãe falasse com eles, sendo suas expectativas baseadas na falta de manifestações de amor e afeto materno. Assim, a tabela 9 elucida o posicionamento dos filhos sobre as mães.

Tabela 9: Posicionamento dos filhos sobre as mães

Posicionamento dos filhos sobre as mães		
Posicionamento	n	%
Gostaria de ouvir mais coisas delas	5	100%
Acham a mãe boa apesar das brigas	5	100%

Fonte: Autora, 2023.

De acordo com Brito (2015), o período da infância e adolescência é o momento no qual o vínculo afetivo deve ser desenvolvido, geralmente, quando os pais não refletem aos filhos o amor e cuidado que eles desejam há razões existentes para tal comportamento. Pais que não receberam amor durante a sua infância; imaturos; com imagem negativa sobre si mesma; ou estão preocupados com a situação que vivem, não observam que não estabelecem uma relação de amor com seus filhos, nem contribuem com seu crescimento.

“A atenção que a mãe estabelece nos cuidados com o bebê é determinante na construção do sujeito, a partir desta construção o bebê começa a desenvolver um ambiente que lhe proporcionará condições de enfrentar os desafios de cada etapa do desenvolvimento infantil” (Silva *et al.*, 2018, p. 15, Apud Winnicott, 1983).

Embora a situação de rua traga inúmeras dificuldades, muitos filhos de mães em situação de rua desenvolvem laços fortes com suas mães, que, mesmo nas condições mais adversas, fazem grandes esforços para cuidar e proteger seus filhos. Essa relação próxima pode gerar resiliência em algumas crianças, ajudando-as a enfrentar as dificuldades com mais recursos emocionais. No entanto, a precariedade contínua pode, em muitos casos, prejudicar o desenvolvimento de um vínculo seguro e estável.

Nesse interim, eles foram questionados quanto às dificuldades de convivência com a mãe. Quatro dos filhos pontuaram a dificuldade de convivência e comunicação com a mãe, e somente o filho de Tatiane descreveu que não tem problemas nesse sentido. Assim, seguem-se os relatos:

“Às vezes ela não tem paciência, quando eu escrevo alguma coisa errada ela não tem paciência. Fico tímido com ela” (Participante - Filho de Flor).

“Sim, tenho dificuldade em conversar com ela sobre certos assuntos” (Participante – Filho de Margarida).

“Às vezes, temos pequenos desentendimentos, mas sempre conseguimos resolver” (Participante – Filha de Rosa).

“Não, nos damos bem e conversamos sobre tudo” (Participante - Filho de Jasmim).

“Às vezes, temos pequenos desentendimentos, mas sempre conseguimos resolver” (Participante – Filha de Violeta).

A tabela 10, demonstra que (20%) dos filhos apresentam dificuldade de conversar com suas mães, tornando um problema de vínculo afetivo entre a maioria dos participantes.

Tabela 10: Dificuldades de convivência com a mãe

Dificuldades de convivência com a mãe		
Dificuldades	n	%
Conversam com facilidade	1	20%
Dificuldade de conversar	1	20%
Pequenos desentendimentos	2	40%

Fonte: Autora, 2023.

Importante ressaltar nesse ponto que na entrevista realizada com as mães, foi pontuado por elas sobre a importância da comunicação para relação mãe-filho e como sua falta pode impactar negativamente no estabelecimento desse vínculo. E mesmo diante desse posicionamento das mães, os filhos ressaltaram sobre como sentem falta de conversar com suas mães.

É perceptível que uma relação saudável não é construída apenas através de sentimentos como amor, alegria, graça, dentre outros. A comunicação, o diálogo e a escuta são papéis preponderantes para compor uma relação saudável, seja ela, nas relações familiares, sociais, profissionais etc.

O diálogo entre filhos de mães em situações de vulnerabilidade é fundamental para o desenvolvimento emocional, cognitivo e social dessas crianças, e exerce um papel essencial na manutenção de um vínculo saudável em meio a circunstâncias de extrema vulnerabilidade. A comunicação é um recurso poderoso que pode mitigar alguns dos impactos negativos da situação de rua, oferecendo às crianças uma forma de expressão, conexão emocional, além fortalece os laços familiares e a capacidade de enfrentamento das dificuldades.

Para crianças que enfrentam condições de vida traumáticas, como situação de rua, o diálogo pode funcionar como um meio de elaborar e lidar com os traumas. A mãe pode, por meio da fala, oferecer suporte emocional, explicar situações difíceis de forma que a criança entenda e reduza a ansiedade que pode surgir em contextos imprevisíveis. O apoio verbal é uma forma de reafirmar a presença da mãe, mesmo em situações de caos, e de ajudar a criança a entender e processar suas experiências.

Para finalizar a entrevista com os filhos da mãe participantes do estudo, foi realizada uma indagação em torno do que eles sentem quando estão com a genitora, sendo pontuado por eles sobre a sensação de proteção e segurança com as mães. Segue dessa forma as falas:

“Me sinto bem com ela” (Participante – Filho de Flor).

“Me sinto bem, e bem protegido” (Participante – Filho de Margarida).

“Me sinto segura” (Participante – Filha de Rosa).

“Eu sinto seguro também neh, por causa de qualquer coisa ela vai me defender”
(Participante – Filho de Jasmim).

“Eu sinto bem, seguro e protegida” (Participante – Filha de Violeta).

A tabela 11, demonstra que todos os filhos (100%), sentem-se protegidos com suas mães mesmo diante das dificuldades em torno de sua situação de vulnerabilidade. Cid (2008) ressalta que os fatores de proteção materna podem ser de desenvolvimento de recursos pessoais e emocionais nos indivíduos, pois estão ligados diretamente ao crescimento humano.

Tabela 11: Sensação dos filhos com as mães

Sentimento dos filhos	n	%
Seguros e protegidos	5	100%
Sem proteção e segurança	0	0

Fonte: Autora, 2023.

Ao explorarmos a teoria do apego de John Bowlby (2006), em relação aos resultados das entrevistas entre mães e filhos na oficina de sucata, emerge uma compreensão profunda sobre a formação do vínculo afetivo na infância. Segundo Bowlby (1989/2006), o desenvolvimento do apego nesses primeiros anos é fundamental para a sobrevivência e o bem-estar emocional da criança. Os depoimentos dos filhos, expressando a sensação de proteção e segurança, sugerem que essas crianças estão vivenciando um apego seguro, fundamental para o desenvolvimento saudável.

De acordo com Nascimento e Pamplona (2019), o sentimento de segurança e proteção proporcionado pela figura materna é um fator crucial no desenvolvimento emocional das crianças, influenciando diretamente seu bem-estar e capacidade de enfrentar desafios ao longo da vida.

Bowlby (1989/2006), reconhece que desentendimentos são normais nas relações, mas a forma como esses conflitos são resolvidos é fundamental. A capacidade dos filhos em relatar que conseguem resolver pequenos desentendimentos sugere uma dinâmica saudável, onde a resolução de conflitos é abordada de maneira positiva, favorecendo o desenvolvimento do apego seguro.

Considerando as correlações entre a teoria do apego e os resultados das entrevistas, é possível identificar áreas específicas que podem ser alvo de intervenções e apoio. Iniciativas para fortalecer a comunicação, promover estratégias positivas de resolução de conflitos e fornecer suporte emocional podem ser benéficas para a construção e manutenção de vínculos afetivos saudáveis.

Além disso, a teoria de D.W. Winnicott (1965), que destaca a importância da "mãe suficientemente boa", pode ser integrada à discussão, enfatizando a necessidade de disponibilidade emocional e responsividade da mãe para atender às necessidades emocionais da criança. A presença emocional da mãe é central tanto na teoria do apego quanto na

perspectiva de Winnicott. Essa compreensão profunda pode orientar estratégias práticas que fortaleçam os laços familiares e promovam um ambiente emocionalmente enriquecedor para o desenvolvimento saudável das crianças.

A partir dos achados compreendeu-se e visualizou-se a importância que a oficina de sucatas trouxe para mães e filhos. A oficina despertou e gerou percepções de diversos comportamentos entre as relações familiares. A partir disto, reafirmando o que os autores relataram como Figueiredo e Noronha (2008), realmente existem poucos estudos ainda voltados para esse tipo de discussão sobre a vulnerabilidade, o que nos alerta sobre nos debruçarmos mais através de pesquisas acadêmico – científicas para coletar mais dados sobre a referida temática.

Corroborando, Micheletti *et al.* (2011), sinalizam os pontos pelos quais as condições de vulnerabilidade das famílias estão relacionadas como pobreza, exploração, desemprego, violências, fome e falta de moradia. A complexidade desses fatores, intrínsecas aos aspectos psicossociais e culturais, contribui para uma dinâmica de vida familiar extremamente desafiadora.

Logo compreende-se o que autores como John Bowlby (2006), Winnicott (1965), Becker *et al.* (2020), Bordignon (2007) trazem em suas pesquisas acerca do apego, sinalizado por Bowlby onde pesquisas realizadas pela psicóloga do desenvolvimento Mary Ainsworth nas décadas de 1960 e 1970 reforçaram os conceitos básicos de Bowlby, introduziram o conceito de “base segura” e identificaram, entre os padrões de vínculos, três estilos de apego: apego seguro, apego evitativo e apego ambivalente. Outro conceito fundamental da TA é o do comportamento de apego, que se refere a ações de uma pessoa para alcançar ou manter proximidade com outro indivíduo, claramente identificado e considerado como mais apto para lidar com o mundo (Bowlby, 1989; Cassidy, 1999). Winnicott (1965), também contribui enfatizando que uma das funções maternas mais preciosas é prover oportunidades ao bebê para ele estar só, enquanto ela está presente de maneira confiável.

A complexidade desses elementos, aliada a aspectos psicossociais e culturais, contribui para uma dinâmica de vida familiar extremamente desafiadora. A pobreza, em suas diversas manifestações, expõe os indivíduos a condições de vida frequentemente abaixo dos padrões de dignidade humana. Essa exposição constante a riscos e adversidades interfere de maneira significativa na dinâmica familiar, afetando o bem-estar e os processos de desenvolvimento (Micheletti *et al.*, 2011).

6.4 OBSERVAÇÃO DA RELAÇÃO MÃE-FILHO OFICINA DE SUCATAS

6.4.1 Relação mãe-filho – Participante Flor

Durante a Oficina de Sucatas, observou-se que a relação foi de pouco diálogo, o filho demonstrou timidez, mas deu ideia para construir algo e a mãe logo retrucou, relatando que seria difícil. Em seguida, o filho sugeriu a construção de um boneco que seria mais rápido e mais fácil. Isso dificultou a continuidade do diálogo. Percebeu-se que o filho ficou afastado, deixando a mãe fazer sozinha. Não houve diálogo para construir algo junto, com silêncio e ausência de contato entre mãe e filho. Depois o filho se aproximou e tentou fazer o que a mãe sugeriu, porém, a mãe tomava da mão e fazia.

Nesse momento a mãe parecia estar insegura por não conseguir realizar atividade junto com o filho, pois expressou que precisava ser algo fácil de fazer. A mãe não convidava o filho para fazer junto, fazia por ele. E o filho ficava olhando. Alguns momentos se aproximaram e a mãe permitiu que o filho desse a opinião para colocar algo no boneco. Percebeu dificuldade em aceitar a proposta do filho, e o filho aceitou a decisão da mãe.

Após a construção foi refletido com Flor como ela se sentiu, por que escolheram esse objeto e como foi a atividade?

A mãe expressou que era porque seria mais fácil, que o filho queria outra coisa, porém achava que iria demorar e talvez não conseguisse fazer. Expressou que percebeu que fez mais do que o filho, que a atividade seria juntos, mas não foi. Expressou que a relação dos dois era assim, ela que faz as coisas para ele e não permite que ele faça no tempo dele. Relatou que se acha acelerada e que não tem paciência com o tempo do filho. Relatou também que muitas vezes age por impulso, não dá tempo para o filho.

Flor pontuou que pensou em construir a boneca por causa das duas filhas, que foi muito bom o momento, pois possibilitou perceber suas atitudes, comportamentos com o filho, assim como a relação dos dois. Disse que o momento oportunizou que precisa desacelerar dar tempo para o filho, que se pudesse fazer diferente após a reflexão que ouviria o filho, mesmo que demorasse em construir ou fosse difícil, pois o fato de dizer que era difícil duvidou da capacidade do filho. Emocionou-se ao fazer memória da sua infância onde apanhou muito e não havia os pais para ouvi-la nem ter paciência que não quer repetir com os filhos o que sofreu.

Quando a mãe falava o filho se manteve calado. E ao perguntar como foi para ele, expressou que às vezes na casa era do mesmo jeito, que a mãe não tinha paciência para ensinar as coisas para ele, mencionou as atividades da escola, ou quando fazia algo errado. Expressou que gostou da atividade.

6.4.2 Relação mãe-filho – Participante Margarida

Durante a Oficina de Sucatas foi possível observar que relação foi conflituosa, até se entenderem sobre o que fazerem, depois decidiu fazer um carro. Enquanto isso a mãe, brigava, falava alto com o filho, começou a fazer sozinho o objeto. Houve um momento que a mãe expressou que os dois não tinham comunicação, que não tinha paciência com o filho. Um ponto interessante foi quando a mãe precisou ir ao banheiro e o filho deu continuidade sozinha na construção, pedia ajuda para colar. Quando a mãe retornou viu que o filho havia continuado e não parado ou ficou esperado por ela e aí começou o diálogo.

Percebeu-se comunicação entre os dois ao concluir a atividade, quando a mãe perguntou se precisava colocar mais algum detalhe, o filho demonstrou autonomia ao continuar a atividade sozinho e se sentiu mais à vontade. Ao perguntar por que escolheu o carro, a mãe respondeu que era o que o filho gostava, e que conhece os gostos do filho, assim resolveram fazer o carro.

Um ponto importante observado foi que o filho de Margarida disse que em alguns momentos ele se vira sozinho e isso foi perceptível quando a mãe precisou sair e ele deu continuidade na construção. A mãe expressou que ela é mais acelerada, que coloca muito limite nos filhos e que o filho é mais calmo, que precisa aprender isso com o filho.

Após a construção foi refletido como se sentiu, por que escolheram esse objeto e como foi à atividade?

A mãe expressou que foi bom, que percebeu que o filho se ela deixar faz as coisas, que ela precisa aprender com o filho, acreditar mais nele. Dar mais espaço para o filho, pois proteger de mais sufoca e não o ajuda a crescer esperto. Menciona que tenta ser uma boa mãe, mas acha que não é, porque estão na condição que se encontram os filhos não têm tudo que gostariam. Disse que está criando e educando sozinhos os filhos em situação de vulnerabilidade. Que os filhos não deveriam passar por essa situação, mas por enquanto não tem outra forma. Agradece ao menos por ter o espaço para se alimentar e alimentar os filhos.

6.4.3 Relação mãe-filho – Participante Rosa

Durante a oficina, viu-se o diálogo entre as duas, mãe e filha, e essa se mostrava quieta, tímida, olhar firme e vivo, atuante na construção. Foi perceptível o diálogo, pois se ouvia a mãe perguntar se estava conseguindo fazer. Em um momento a mãe precisou sair de perto da filha para colar o que estavam construindo e a filha só olhava a mãe. O fato de ficar quieta demonstrava no momento aspecto de obediência. A conversa entre as duas parecia ser de

liberdade. Ao concluírem olhavam o que fizeram como que admiradas. Pelo fato de ser adotiva talvez isso influencie.

Após a construção foi refletido como se sentiu, por que escolheram esse objeto e como foi a atividade?

A mãe expressou que foi boa, fizeram juntas a atividade, e que a relação das duas era boa. Pontuou que a filha é uma menina boa, e que ajuda em casa. Expressou que escolheram junto o que iam fazer, sendo construído um jarro e uma sala, simples, porque era a realidade delas, onde na sala havia uma televisão, porque gostam de assistir. Notou-se que a mãe se preocupa com a escuta da filha, como deu para visualizar na decisão do que construir, ouvir a opinião, a importância de aproximar quando perceber que está quieta. Respeitar os movimentos e tempo. A mãe expressou que tenta ser presente e acompanhá-la no que consegue.

A filha com voz mansa expressou que gostou da atividade, mostrando que conseguiram construir junto o que desejaram. Que havia sido interessante pensando na relação das duas.

6.4.4 Relação mãe-filho – Participante Jasmim

No momento percebeu-se pouca conversa entre os dois, ficava olhando os outros fazerem, e expressava que havia muito tempo que não ia para escola, que tem pouca criatividade e que o filho também tinha pouca criatividade. Ao motivá-la a conversar com o filho chegaram a uma decisão da construção do seu objeto. Porém fazia sozinha, houve momentos que pedia ajuda para o filho, desenhava e ajudava o filho a colar. Em outro momento sinalizou que a atividade estava deixando-a calma, que parecia terapia.

Foi perceptível também momentos em que gritava ou falava alto com o filho. E para justificar seu comportamento, expressava que tinha a vida de estresse que cuidava dos filhos sozinha debaixo da ponte, que isso a angustiava. O filho demonstrava entender a mãe, e atendia aos seus gritos, com se não quisesse incomodar; ou como se não quisesse deixá-la mais estressada, e por isso tentava colaborar com a atividade.

Após a construção foi refletido sobre como se sentiram, por que escolheram o objeto que fizeram e como foi a atividade?

A mãe expressou que foi boa, que percebeu que refletiu a relação dela com os filhos, que precisava melhorar, pois muitas vezes diante do estresse e gritos, falta-lhe a paciência. Explicitou que os filhos não tinham culpa de estarem na situação em que se encontram. Expressou que os dois pensaram uma cama de coração e uma televisão, no desejo de ter um

espaço assim, de amor, de tranquilidade, de calma, diferente da realidade onde estão de barulhos e medos.

O filho expressou que foi boa a atividade, que construir uma coisa com a mãe junto havia sido bom. Que a mãe escutou sua opinião quando disse que era para fazer um quarto dos desejos e isso o deixou feliz. Percebeu uma necessidade de escuta do filho e uma mãe que carrega toda responsabilidade de cuidado o que causa estresse e cansaço. Os dois riam ao contemplarem a obra de arte realizada pelos dois, carregada de sonhos e desejos futuros.

6.4.5 Relação mãe-filha – Participante Violeta

Notou-se pouco diálogo, a filha mais quieta e parada, como se estivesse “no canto dela”. A mãe fazia sozinha. Iniciou a construção e notou que a atividade era para ser realizada juntamente com a filha, daí deixou a filha fazer sozinha. Percebeu-se que realizar a atividade juntas parecia difícil. Ou a mãe fazia sozinha ou a filha fazia. Assim, a filha iniciou outra construção sem a mãe. Concluíram a atividade com pouca conversa. A filha ficava no seu espaço sem se movimentar, nem buscava muita conversa. Conseguiu criar um objeto sozinho e depois tentou ajudar a mãe, porém sem muita conversa.

Após a construção foi refletido como se sentiram, por que escolheram o objeto que fizeram e como foi à atividade?

A mãe expressou que percebeu o quanto as duas não conversaram e que em casa é a mesma coisa, que a filha fica mais sozinha no quarto e que não era problema para ela. Expressou que a atividade ajudou a perceber que precisa estar mais próxima da filha. Relatou que pensaram juntas sobre o que fazer que viesse na mente uma sala com televisão, que é onde gostam de ficar e que a filha criou um jarro para enfeitar a sala. A mãe demonstrou que o fato de que a filha estava quieta que estava bem, porém pode ser que não esteja que precisa de aproximação e perguntar, e que o momento havia alertado ela e agradeceu a oportunidade.

A filha expressou timidamente que foi boa e que havia gostado da atividade e do que a atividade causou. Disse que é mais quieta e que isso dificulta na relação com a mãe. Que o jarro construído tinha o desejo da vida ser mais alegre.

No final da partilha mães e filhos (a) ganharam um kit de higiene pessoal, com intuito de incentivar o cuidado e afeto, assim como buscar uma relação saudável entre eles.

6.5 ANÁLISE DA OFICINA DE SUCATAS COMO ESTRATÉGA PROMOTORA DA RELAÇÃO MATERNO FILIAL.

Durante a oficina foi transmitido músicas calmas para favorecer a tranquilidade do ambiente e interação entre mães e filhos, todavia, algumas mostraram dificuldade na relação com os filhos diante da realização da atividade, expressando até mesmo impaciência e estresse. Menciona-se que traumas vivenciados no ambiente de rua podem resultar em comunicação não verbal agressiva, e ainda dificultar a resolução de conflitos de forma saudável. A incapacidade de estabelecer uma relação estável com os filhos, pode afetar negativamente o seu desenvolvimento.

A oficina de sucata foi um passo positivo para empoderar mães e filhos em situação de rua, proporcionando-lhes novas habilidades, oportunidades de expressão e fortalecimento de laços em um ambiente de apoio e criatividade. As tarefas foram divididas de acordo com o interesse dos participantes, permitindo que mães e seus filhos contribuíssem com a realização da atividade. Foram ilustradas demonstrações práticas para ajudá-los a entender como transformar a sucata e objetos úteis e/ou decorativos.

As mães e filhos participantes foram encorajadas a transformar as sucatas em algo novo de acordo com a criatividade, pontuando que cada um tinha talentos únicos e juntos iriam descobrir como poderiam explorar suas habilidades. Foi mencionado sobre como as atividades realizadas por mãe-filho pode ser incrível e como essa ação pode fortalecer a comunhão dos dois.

Flor, demonstrava-se impaciente e queria que a tarefa finalizasse, tendo em vista que não aceitava a opinião do seu filho. Tal comportamento correlaciona-se com o que foi dito pelo seu filho na entrevista, onde ele mencionou que a mãe não tinha paciência com ele. Nota-se que a mãe indiretamente demonstra sinais de falta de confiança no potencial do filho, pois ela escolheu a construção de um material por achar que o seu filho não conseguiria desenvolver outro.

A participante Margarida mostrou inicialmente falta de paciência para construção do material com seu filho, e falta de estímulo a ele. Todavia reconheceu que precisa incentivar mais o filho, mas, e acha que sua situação atual, estar em um país estrangeiro, é o que limita o crescimento dos filhos.

A oficina com a participante Rosa diferenciou-se das demais, pois ela e a filha conversaram para a construção do material, porém sua filha se mostrou introspectiva e sem proatividade, o que pode ter relação com a sua adoção. Mesmo diante do comportamento de sua filha, a mãe sempre buscou demonstrar atenção com sua filha, buscando inclui-la na construção. Ouvindo-a em todo momento.

O comportamento de mães em situações de rua tem um impacto significativo na saúde mental dos seus filhos, especialmente devido as condições de vulnerabilidade. As crianças aprendem observando e imitando o comportamento das mães, e se essa está sob constante estresse ou com comportamento inadequados, os filhos podem adotar as mesmas estratégias, ou terem dificuldade de lidar com situações cotidianas. Mães que não regulam suas emoções nem sempre conseguem ensinar habilidades de regulação emocional aos filhos, resultando em crianças que lutam para gerenciar suas emoções.

Com a mãe Jasmim, notou-se inicialmente falta de estímulo com o filho, no qual tinha como desculpa sua falta de criatividade por não frequentar a escola, sendo válido mencionar nesse momento que o filho também não frequenta o ambiente escolar, sendo observado assim que a falta de incentivo da mãe vai além da construção de um material, mas que perpassa para outras áreas do desenvolvimento e crescimento do seu filho. Diante dos momentos de nervosismo na construção da atividade, viu-se que o filho aceitava tudo o que a mãe falava e não regia aos seus gritos, demonstrando medo diante da situação.

Por fim, com a mãe Violeta e sua filha, viu-se pouco diálogo entre as duas, o que demonstra a falta de interação entre mãe e filha. Ambas fizeram as atividades sozinhas e sem vínculo. A atividade possibilitou demonstrar a mãe como ela e suas filhas não têm um vínculo materno nem de amizade favorável, o que pode incentivá-la assim a modificar suas atitudes com a sua filha.

Os traumas vivenciados por mães em situação de rua têm um impacto profundo nas relações com seus filhos, exacerbando os desafios já existentes de comunicação e vínculo. Abordar sobre os fatores que impactam na relação mãe e filho nessa situação por meio de intervenções psicológicas, sociais e práticas é essencial para promover a cura e fortalecer as relações familiares, garantindo um ambiente mais seguro e estável para o desenvolvimento das crianças.

Pode-se observar que a situação de vulnerabilidade vivenciada por essas mães participantes do estudo em questão interfere em sua relação filial, visto que as situações delas as desmotivam a superar as adversidades, e principalmente a observar como está a sua relação com os seus filhos. Assim, a referida estratégia promotora possibilitou as mães analisarem o comportamento dos seus filhos, e a influência delas sobre esse aspecto, demonstrando-as onde elas precisam melhorar para fortalecer o vínculo materno-filial.

As mães em situação de rua, estão constantemente focadas na sobrevivência básica, não tendo a capacidade ou recursos para fortalecer os estímulos educacionais adequados, o que pode atrasar o desenvolvimento cognitivo dos filhos, e impactar no seu desempenho acadêmico. Na

oficina, muitas emergiram a vontade dos filhos estudarem e lograrem com uma profissão, tendo em vista que essas reconhecem a importância dos estudos para o crescimento pessoal, profissional e financeiro.

Crianças podem desenvolver comportamentos de enfrentamento desadaptativos, como agressividade ou retraimento em resposta ao ambiente em que vive e o relacionamento com seus pais. Assim como visto na oficina, algumas crianças demonstraram comportamentos retraídos com a mãe, sendo sinalizado tal comportamento pelo custo emocional e psicológico vivenciado.

O comportamento das mães em situações de rua impacta significativamente no bem-estar e desenvolvimento dos seus filhos, devido a interdependência emocional, psicológica e física. Abordagens abrangentes e integradas são essenciais para melhorar as condições de vidas das famílias e promover o desenvolvimento saudável e equilibrado dessas crianças.

A Oficina possibilitou as mães participantes observarem a reação delas perante os filhos, e como a dispensação afetiva impacta diretamente no comportamento da prole, sendo visto com a falta de interação entre algumas mães e filhos, introspecção, e baixa autoestima. Nesse sentido, Winnicott (2000), contribui dizendo que quando o vínculo mãe-filho é satisfatório, a genitora consegue identificar e entender as demandas em torno do filho, buscando então atender e adaptar-se às necessidades. O autor ainda prossegue dizendo que quando o filho não recebe cuidado e atenção devido à deficiência no vínculo com sua mãe, passa por sofrimento psíquico.

A atenção que a mãe estabelece nos cuidados com o bebê é determinante na construção do sujeito, a partir desta construção o bebê começa a desenvolver um ambiente que lhe proporcionará condições de enfrentar os desafios de cada etapa do desenvolvimento (Winnicott, 1983 APUD Silva *et al.*, 2018, p. 2).

As brincadeiras e dinâmicas favorecem a interação e melhoria das relações, assim como permite a análise do vínculo entre os participantes, e dentro dessa perspectiva encontra-se uma proposta alcançada pela Oficina. Winnicott (1983/2000), reitera sobre como a mãe é a principal responsável pelo desenvolvimento criativo dos filhos, e quando há falha nesse processo a criança não consegue desenvolver suas habilidades, ou apresentam falta de proatividade na realização das atividades.

Nesse íterim, válido pontuar sobre o posicionamento de Bowlby (1989/2016), ressaltando que o vínculo entre mãe e filho é fundamental para o desenvolvimento da criança. Aonde o autor ainda vai além ao seu apontamento, ressaltando que a figura materna deve compreender as necessidades dos filhos. Correlaciona-se assim tal afirmativa com a Oficina,

no qual as mães notaram como a falta de participação afetiva de forma integral na vida dos filhos tem as impedido de observar do que eles precisam e como a sua presença se torna importante no crescimento emocional deles.

Ao abordar a participação das mães e seus filhos na Oficina de Sucatas, torna-se evidente que as interações observadas refletem diretamente nas dinâmicas familiares e, por extensão, na saúde mental infantojuvenil. A análise desses episódios à luz das teorias de John Bowlby e D.W. Winnicott oferece uma compreensão mais profunda dos aspectos emocionais e relacionais presentes.

A oficina de sucatas proporcionou um ambiente de interação entre mães e filhos, revelando dinâmicas distintas nas relações familiares. A análise dos diálogos entre mães e filhos durante a atividade evidenciou desafios, conflitos e também momentos de conexão

A participante Flor demonstrou dificuldades na interação com o filho, refletindo sobre sua impaciência e falta de tempo para permitir que o filho contribuísse na atividade. A importância do diálogo foi ressaltada quando ela reconheceu a necessidade de desacelerar e dar espaço para o filho, promovendo uma relação mais equilibrada.

Margarida, por sua vez, revelou inicialmente uma relação conflituosa com o filho, mas, ao longo da oficina, percebeu a importância de dar autonomia e acreditar nas habilidades dele. A comunicação entre eles se estabeleceu quando a mãe permitiu que o filho continuasse a atividade sozinho, indicando um aprendizado mútuo.

Rosa destacou a importância de ouvir a filha na escolha da atividade, mesmo que esta fosse mais introspectiva. A mãe reconheceu a necessidade de dar mais espaço e incentivo à filha, evidenciando como o diálogo pode fortalecer a relação.

Jasmim, apesar de momentos de impaciência, reconheceu a terapia proporcionada pela atividade. A reflexão sobre suas atitudes e a compreensão da influência do estresse em sua relação com os filhos indicaram a importância do diálogo como meio de entendimento mútuo.

Violeta percebeu a falta de diálogo com a filha e como a atividade evidenciou a necessidade de maior proximidade. O reconhecimento de que a filha estava quieta, mas talvez não estivesse bem, ressaltou a importância de perguntar e se aproximar.

Em síntese, a oficina demonstrou que o diálogo entre mães e filhos é fundamental para a compreensão mútua, fortalecendo os laços afetivos e promovendo um ambiente mais saudável para o desenvolvimento infantil. O reconhecimento das necessidades e a criação de espaços para a expressão mútua contribuem para uma relação mais equilibrada e promissora entre mães e filhos. A relação mãe-filho, quando comprometida, pode resultar em desafios para a saúde mental infanto juvenil, conforme apontado por Bowlby.

Os problemas de comunicação podem ser uma barreira comunicativa para mães e filhos em situação de rua, assim como visto durante a realização da oficina de sucatas, pondera-se que alguns fatores observados podem ser contribuintes com essa dificuldade, como: falta de instrução das mães em leitura e escrita; déficit de atenção para compreender adequadamente a atividade; traumas e estresse vivenciados na rua; reações emotivas intensas e imprevisíveis; comunicação limitada da mãe com o filho diante do local em que vive; falta de ambiente seguro; e espaço privado familiar limitado que dificultam a honestidade e abertura na comunicação.

A intervenção e o incentivo à participação ativa das mães nas atividades cotidianas e lúdicas podem ser estratégias cruciais para promover um ambiente emocionalmente saudável e fortalecer os vínculos familiares. Em última análise, a interseção entre a teoria do apego de Bowlby e a abordagem de Winnicott destaca a necessidade de uma presença materna sensível, responsiva e promotora de um ambiente afetivo e criativo para o florescimento da saúde mental infante juvenil. A compreensão dessas teorias e a aplicação prática desses princípios podem guiar intervenções eficazes para fortalecer os laços familiares e promover o bem-estar emocional das crianças.

A seguir, apresentaremos o capítulo intitulado A Relação Materno-Filial no Contexto de Vulnerabilidade e Seus Impactos no Desenvolvimento Infante-Juvenil, no qual discutiremos como a relação entre mãe e filho é moldada por fatores de vulnerabilidade social, econômica e emocional. Analisaremos o papel fundamental da mãe como figura de suporte emocional e como a qualidade dessa relação influencia diretamente o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças e adolescentes. Além disso, abordaremos os impactos que situações de vulnerabilidade podem gerar no vínculo materno-filial e as possíveis consequências para o bem-estar infante-juvenil.

7 A RELAÇÃO MATERNO-FILIAL NO CONTEXTO DE VULNERABILIDADE E SEUS IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO INFANTE-JUVENIL

Ao voltar no início deste trabalho, visualiza-se o seguinte problema de pesquisa: como ocorre a relação materno-filial em contexto de vulnerabilidade e quais os seus possíveis impactos no desenvolvimento infante juvenil?

A resposta do problema de pesquisa inicial está no decorrer do trabalho, contudo, para sintetizar, tenho algumas observações a seguir.

A relação materno-filial em contextos de vulnerabilidade é marcada por uma série de desafios que afetam tanto a mãe quanto o filho. Nesse ambiente, fatores como pobreza, insegurança alimentar, violência e exclusão social influenciam diretamente o vínculo afetivo

entre mãe e filho, assim como a capacidade de cuidado materno. Muitas vezes, as mães enfrentam uma sobrecarga emocional e estrutural, que pode dificultar o estabelecimento de uma relação saudável e segura, essencial para o desenvolvimento psicológico da criança.

A sobrecarga emocional das mães é um fenômeno complexo que impacta diretamente o bem-estar e a capacidade de exercer um cuidado adequado com os filhos. Essas mulheres frequentemente enfrentam uma combinação de estressores, como a insegurança financeira, a precariedade habitacional, a violência doméstica, o isolamento social e o acesso limitado a serviços de saúde e assistência. Essas circunstâncias criam uma pressão intensa, tanto psicológica quanto física, que pode comprometer o seu equilíbrio emocional.

Uma mãe solo carrega um preconceito histórico por não estar em um relacionamento conjugal, que atende aos padrões impostos pela sociedade. Além disso, as mães em situação de vulnerabilidade são obrigadas a trabalhar diariamente, o que acarreta menos tempo para cuidar dos filhos(as) (Severino, 2022).

A responsabilidade quase exclusiva pelo cuidado dos filhos, somada à ausência de uma rede de apoio e à falta de condições materiais básicas, gera um ambiente propício para o surgimento de sentimentos de ansiedade, culpa e exaustão. Muitas vezes, essas mães lidam com o medo constante de não conseguir prover o necessário para o bem-estar dos filhos, o que agrava a sensação de impotência e frustração.

Outro aspecto da sobrecarga emocional é o desafio de equilibrar o cuidado com os filhos com a necessidade de trabalhar, estudar ou buscar formas de sustento. Em muitos casos, a falta de estrutura adequada para deixar os filhos em segurança, como creches ou escolas, faz com que essas mães tenham que se dividir entre o trabalho e a criação, aumentando ainda mais o estresse. Esse cenário é agravado pela pressão social de desempenhar o papel de "mãe suficientemente boa", assim como descrito por Winnicott, mesmo diante de condições extremamente adversas.

Nesse contexto, a mulher chefe de família monoparental se desdobra para obter o sustento do lar, com uma jornada de trabalho redobrada. A responsabilidade de criar os filhos e enfrentar as situações cotidianas são desafiadoras, porque suprir a paternidade ausente e manter a saúde mental em dia, são obrigações, afinal, os filhos dependem delas para absolutamente tudo (Severino, 2022).

A sobrecarga emocional também afeta a qualidade da interação entre mãe e filho, o que pode prejudicar o vínculo afetivo e o desenvolvimento psicológico das crianças. Em situações extremas, o esgotamento emocional pode levar à depressão, dificultando ainda mais a

capacidade de prestar cuidados consistentes e amorosos, fundamentais para o desenvolvimento saudável da criança.

O reconhecimento dessa sobrecarga emocional e a implementação de políticas públicas que ofereçam suporte material e emocional para essas mães são essenciais. Programas de assistência, como suporte psicológico, capacitação para o trabalho e criação de redes comunitárias, podem ajudar a reduzir os efeitos dessa sobrecarga, promovendo um ambiente mais saudável tanto para as mães quanto para seus filhos.

Nos primeiros anos de vida, o cuidado materno é fundamental para a construção de uma base afetiva sólida, essencial ao desenvolvimento emocional, cognitivo e social da criança. No entanto, em condições de vulnerabilidade, o estresse contínuo e a falta de recursos comprometem a qualidade desse cuidado. A presença de fatores de risco pode fragilizar o vínculo materno-filial, influenciando negativamente a autoestima e a confiança da criança, aspectos cruciais para o seu crescimento saudável. Além disso, esses contextos podem ampliar a exposição a situações de negligência ou violência, prejudicando a formação de uma identidade segura e autônoma.

Por outro lado, é importante considerar que, mesmo em situações de vulnerabilidade, muitas mães conseguem desenvolver estratégias de resiliência, buscando formas de proporcionar cuidado e proteção aos seus filhos. Programas de assistência social, intervenções comunitárias e políticas públicas voltadas para essas famílias podem desempenhar um papel crucial na redução dos impactos negativos da vulnerabilidade. Tais iniciativas, quando bem implementadas, podem ajudar a fortalecer o vínculo materno-filial e promover o desenvolvimento integral das crianças e adolescentes, mitigando os efeitos adversos do contexto.

Resiliência não é uma qualidade fixa ou inata, mas sim um processo dinâmico que envolve a interação entre os recursos pessoais e o ambiente social. Em contextos de adversidade, mães resilientes são capazes de encontrar formas de proteger seus filhos, desenvolvendo estratégias de enfrentamento que lhes permitem sustentar uma relação afetiva e estável, mesmo diante de estresses severos (Rutter, 1987).

Esse conceito pode ser associado à ideia de que, apesar das dificuldades, algumas mães conseguem manter um alto nível de dedicação e cuidado com seus filhos, utilizando seus recursos emocionais e sociais para promover um ambiente de proteção e desenvolvimento saudável.

APÊNDICE L- PRODUTO TÉCNICO – CARTILHA COMO PROPOSTA DE ESTRATÉGIA PROMOTORA PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTO JUVENIL



MAMÃE posso falar?

IRLÂNDIA OLIVEIRA ALMEIDA

Todos os direitos reservados. 2024

PORQUE UMA CARTILHA QUE FALE DA RELAÇÃO MÃE E FILHO EM SITUAÇÃO DE RUA?

Uma cartilha que aborde a comunicação entre mães e filhos em situação de rua é crucial para a criação do vínculo emocional entre mães e filhos, além de mostrar as genitoras a importância da criança sentir o senso de segurança e pertencimento diante de um ambiente desafiador.

A cartilha pode oferecer ferramentas para que mães auxiliem seus filhos a processar a realidade dura em que vivem, proporcionando espaço para a expressão e acolhimento de emoções como: medo, tristeza, e raiva.

A referida cartilha é fruto de uma pesquisa de mestrado, e diante da relevância da temática, surgiu o interesse em mostrar a importância da relação da mãe e filho em situações de vulnerabilidade.

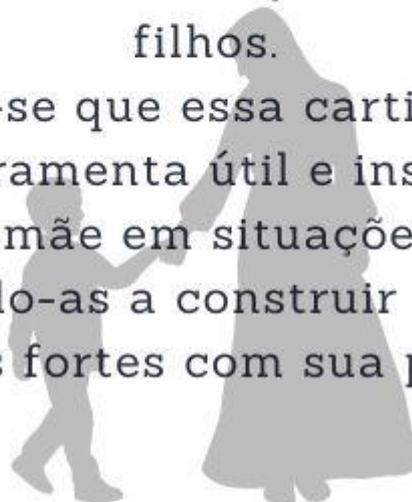
OBJETIVO DA CARTILHA

Fornecer informações e dicas para ajudar as mães em situações de rua a melhorar a comunicação e o diálogo com seus filhos.

Escutar os filhos, e dar voz a esses diante dos seus anseios.

Viver em situação de rua traz desafios e dificuldades, mas é importante que essas mães estreitem seus laços com seus filhos.

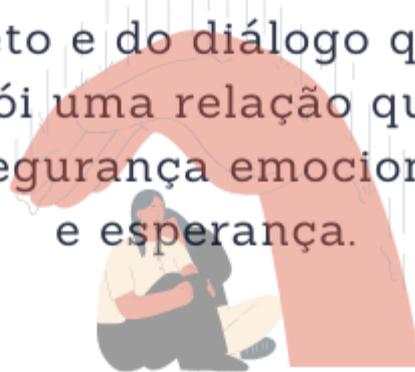
Espera-se que essa cartilha seja uma ferramenta útil e inspiradora para as mães em situações de rua, ajudando-as a construir vínculos mais fortes com sua prole.



PREFÁCIO

Viver nas ruas é uma realidade dura e cheia de desafios, especialmente para as mães que, além de enfrentarem suas próprias dificuldades, precisam cuidar de seus filhos em meio á incerteza, á falta de recursos e á insegurança.

No entanto, mesmo em situações de extrema vulnerabilidade, o laço entre mãe e filho permanece como um pilar de apoio fundamental. É através da comunicação, acolhida, e afeto e do diálogo que se constrói uma relação que pode trazer segurança emocional, força e esperança.



Esta cartilha foi criada pensando justamente nesse vínculo, tão vital e ao mesmo tempo tão frágil em contextos adversos. Aqui, buscamos oferecer orientações práticas para fortalecer a comunicação entre mães e filhos que vivem em situação de rua, proporcionando ferramentas simples e acessíveis para lidar com os desafios do dia a dia.

A vida nas ruas impõe limitações, mas através da comunicação aberta e empática, é possível criar momentos de conexão e cuidado, mesmo nos cenários mais difíceis. Espera-se que este material sirva de guia e apoio, ajudando as mães a encontrar formas de ouvir e acolher seus filhos.



Válido mencionar que muitas mulheres em situação de rua lutam incansavelmente para proteger e cuidar da sua prole, oferecendo carinho e apoio emocional apesar das condições adversas.

Mesmo em meio a luta diária pela sobrevivência, o amor e o diálogo entre mãe e filho são a base de um futuro melhor.

Que esta cartilha seja uma aliada nesse caminho de fortalecimento, mostrando que, independentemente do lugar onde se está, sempre há espaço para o cuidado, o acolhimento e a esperança.





Índice

Capítulo 1.....	09
Capítulo 2.....	10
Capítulo 3.....	12
Capítulo 4.....	13
Capítulo 5.....	14
Capítulo 6.....	15
Capítulo 7.....	16
Capítulo 8.....	17
Capítulo 9.....	24
Capítulo 10.....	25
Capítulo 11.....	26
Capítulo 12.....	27
Capítulo 13.....	28
Referências.....	29

Capítulo 1

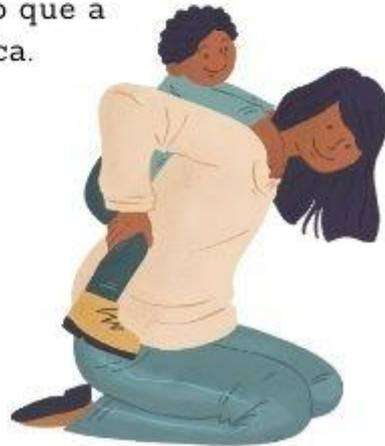
O SER MÃE

Mãe, que tem por significado aquela que deu a luz, e/ou criou os seus filhos, tendo ou não relação biológica.

A mãe é entendida como sinal de doçura, afeto, bondade, generosidade e amor. Sendo vista por todos como responsável pelos cuidados com sua prole e seu desenvolvimento psíquico e emocional. O ser mãe vai além de gerar um filho, mas está atrelado a responsabilidade emocional, física e social de sua prole.

Tipos de mães:

- A que gera;
- A que adota;
- A que cria;
- A que passa mais tempo com a criança do que a mãe biológica.



Capítulo 2



RELAÇÃO MÃE-FILHO

As bases para uma boa saúde psíquica são amoldados ainda na infância por meio do vínculo com a mãe e o ambiente em que vivem (Winnicott, 1948).

Para que o desenvolvimento psíquico e emocional da criança seja efetivo, é preciso que a relação materno-filial seja de forma contínua.

Quando a relação mãe-filho não é adequada, alguns problemas podem ser desencadeados, como: sintomas ansiosos e depressivos, estresse, insegurança, isolamento, e baixa autoestima.

A relação refere-se à conexão ou vínculo entre duas ou mais pessoas, e tratando-se da relação mãe e filho é a base para o desenvolvimento biopsicossocial da prole, proporcionando que esse reconheça suas emoções para saber enfrentar dificuldades futuras.

Fatores que ajudam no vínculo materno-filial

- Comunicação;
- Escuta;
- Amor;
- Comunhão;
- Abraço;
- Sorrisos;
- Colo;
- Transmissão de confiança.

2.1 A Relação Mãe-filho: entre o vínculo afetivo e a sobrecarga emocional

- A sobrecarga emocional e física vivida pelas mães em situação de rua pode dificultar a criação de um ambiente de afeto e segurança. O estresse diário para garantir a sobrevivência básica pode reduzir o tempo e a energia disponíveis para a interação carinhosas e lúdicas com os filhos (Finkler; Dell'Aglio, 2014).
- Em muitos casos, a vida extrema nas ruas reforça uma relação de extrema dependência entre a mãe e filho, o que pode dificultar o desenvolvimento da autonomia da criança.
- A falta de estímulos emocionais adequados, como atenção, carinho e suporte, podem gerar insegurança, baixa autoestima e dificuldades em criar vínculos saudáveis. Mães em situação de rua, muitas vezes sobrecarregadas com as dificuldades do dia a dia, podem ter menos disponibilidade emocional para oferecer o suporte que os filhos necessitam (Finkler; Dell'Aglio, 2014).



Capítulo 3

OS BENEFÍCIOS DO OUVIR

- O ouvir em sentido simbólico, demonstra-se como uma escuta ativa e empática. O ouvir vai além do ato físico de captar o que o outro diz, envolver prestar atenção genuína demonstrando interesse e respeito pelos sentimentos e necessidades do outro.
- Na relação mãe-filho, quando as mães ouvem seus filhos, ajudam-nos a criar um ambiente de diálogo aberto e seguro, onde as crianças se sentem valorizadas e encorajadas a expressar as suas preocupações e sentimentos. O ouvir de forma verdadeira, fortalece a conexão emocional entre a mãe e sua prole, criando confiança mútua.



Capítulo 4

MITOS SOBRE A RELAÇÃO MÃE-FILHO

- O amor materno só pode ser incondicional: você pode amar seu filho da melhor forma possível, e não precisa ser incondicional. Mas trate-o com afeto e o amor que ele merece;
- As mães precisam entender sobre tudo: não, mãe! você não precisa saber de todas as informações sobre o seu filho, mas deve aprender a cada dia com as vivências junto a ele;
- Os filhos irão sempre repetir os mesmo erros das mães: não, isso não ocorrerá se eles a medida que forem amadurecimento quebrarem os ciclos dos erros cometidos pela relação materna;
- Minhas decisões impactam no futuro do meu filho: por mais que as decisões tomadas pelas mães influenciem em aspectos da vida dos filhos, eles podem modificar essa situação, visto que podem construir sua história de outra maneira.
- Mães em situação de rua não sabem cuidar dos seus filhos: mães mesmo em situação de rua possuem um forte senso de cuidado e amor por seus filhos, fazendo o possível para protegê-los e suprir suas necessidades básicas dentro das limitações que enfrentam.



Capítulo 5

DANDO VOZ AO FILHO

Geralmente, mães que só reclamam dos filhos, brigam por qualquer motivo, que não valorizam atividades mínimas realizadas por eles, fazem chantagem emocional, expõem a vida dos filhos, criticam a sua personalidade, apresentam atitudes negativas, tendem a ter filhos inseguros, tímidos, com falta de autonomia, mudanças de humor, e até com sintomas ansiosos e depressivos.

Deixe-os expressar suas emoções, fazer perguntas sejam elas quais forem, mostrar suas necessidades; ter a sensação de confiança e segurança;

“A criança, como ser humano, possui cem linguagens, cem maneiras de pensar, de se expressar, de entender, de encontrar o outro através de um pensamento que entrelaça e não separa as dimensões da experiência” (Reggio; Children, 2012, p.10).



Capítulo 6

HISTÓRIA DE UMA FILHA QUE NÃO TINHA UM VÍNCULO DE AFETO COM A MÃE

Essa história é de B.S, que com 26 anos de idade contou como a sua relação com a mãe impactou em seu desenvolvimento psíquico e emocional.

"Minha mãe me batia quando eu era criança. Eu sempre fui calma, só brincava na rua e acabava fazendo xixi nas calças. Aí ela me batia. Acho que ela era muito nervosa e estressada com a maternidade e a casa pra limpar, e o fato de não trabalhar não ajudava. Desenvolvi depressão, ansiedade, sempre fui retraída, bicho do mato. Fora os medos que ela colocou em mim. [...]Cresci insegura. E mesmo hoje em dia a insegurança me atrapalha". -BuzzFeed - relatos, 2017.



Capítulo 7

COMO A MÃE DEVE ESCUTAR SEU FILHO?

1. Seja paciente e escute seu filho;
2. Observe o comportamento dos filhos, as mudanças podem sinalizar que algum problema está ocorrendo com ele;
3. Estabeleça um diálogo saudável com o seu filho;
4. Procure estabelecer a confiança na relação;
5. Quando o seu filho errar, não grite com ele, mas mostre o impacto do comportamento negativo e de que forma ele pode mudar o que realizou;
6. Promova um ambiente colaborativo, onde seu filho se sinta a vontade em contar seus desejos, medos, e sonhos.



Capítulo 8

RELAÇÃO MÃE-FILHO EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE

A relação entre mães e filhos em situação de vulnerabilidade é marcada por uma complexa dinâmica de desafios, resiliência e, muitas vezes o sacrifício. Viver nas ruas impõe dificuldades extremas, como a falta de recursos básicos, insegurança constante e exposição a violência, o que impacta tanto a saúde física quanto a emocional de mães e filhos. No entanto, essa relação também pode ser uma fonte de força mútua, onde o laço afetivo se torna um elemento vital de sobrevivência.



A relação entre mães e filhos em situação de rua é profundamente impactada pelas adversidades, assim, enquanto lutam para manter o vínculo afetivo diante das circunstâncias, enfrentam alguns obstáculos como:

- Desafios emocionais e psicológicos;
- Laço emocional e resiliência;
- Vulnerabilidade e insegurança;
- Dificuldade de manutenção do papel materno;
- Tentativa de preservar a normalidade.



8.1 Desafios emocionais e psicológicos

A mãe frequentemente sobrecarregada pela luta diária pela sobrevivência, enfrenta altos níveis de estresse e ansiedade. Essas pressões podem afetar a paciência, o humor e a capacidade de lidar com as demandas dos filhos criando tensão no relacionamento.

As crianças, por sua vez, estão expostas a situações traumáticas, como a violência urbana, fome, falta de higiene e instabilidade emocional. Isso pode interferir em seu desenvolvimento emocional, psicológico e cognitivo, tornando-as mais vulneráveis a problemas como: ansiedade, depressão e dificuldades de socialização.



8.2 Manutenção do laço emocional e resiliência

Apesar das adversidades, o laço afetivo entre mãe e filho pode ser uma âncora emocional crucial. As mães se esforçam para proteger e cuidar dos filhos, oferecendo afeto, carinho e cuidado, mesmo em situação de rua, e essa atitude pode trazer à criança um sentimento de segurança emocional.

A relação entre mães e filhos em situação de rua frequentemente envolve altos níveis de resiliência. As mães costumam encontrar formas criativas de lidar com as adversidades, e muitas crianças desenvolvem habilidades de enfrentamento e adaptabilidade aprendendo a lidar com as incertezas da sua vida.



8.3 Vulnerabilidade e Insegurança

Viver nas ruas coloca as mães e seus filhos em risco constante. Crianças em situação de rua são vulneráveis à exploração, abuso e violência, e as mães, muitas vezes, tornam-se as principais protetoras, buscando constantemente lugares seguros para abrigar seus filhos.

A constante mudança de ambiente, a falta de moradia e a insegurança alimentar criam uma situação de instabilidade para a criança, o que pode afetar a sua capacidade de desenvolver confiança e um senso de pertencimento,



8.4 Dificuldade na manutenção do papel materno

As mães em situação de rua muitas vezes enfrentam o dilema de tentar proteger seus filhos, enquanto também precisam dar-lhes certa autonomia para sobreviverem. A dificuldade de manter o papel tradicional de mãe que oferece segurança e estabilidade, pode gerar frustração e sentimento de impotência.

A pressão social para que a mãe desempenhe um papel de protetora e cuidadora perfeita é quase impossível de cumprir em um contexto de rua, o que pode aumentar o sofrimento emocional dessas mulheres.



8.5 Tentativa de preservar a normalidade

Apesar das condições adversas, muitas mães em situação de rua tentam manter uma rotina mínima para seus filhos, seja em relação a horários para dormir, comer ou realizar pequenas atividades. Esse esforço é uma tentativa de trazer algum senso de normalidade e estabilidade para a vida dos filhos. Mães em situação de rua muitas vezes fazem grandes esforços para manter os filhos na escola, ou para inseri-los em atividades oferecidas por ONGs, igrejas e serviços sociais, com o objetivo de garantir que eles tenham acesso a algum tipo de educação e apoio.



Capítulo 9

RECONHECIMENTO DAS NECESSIDADES DA CRIANÇA

Muitas vezes, as crianças em situação de vulnerabilidade sentem que suas necessidades e sentimentos não são priorizados. Assim, a mãe pode perguntar regularmente como o seu filho se sente, mostrando que seu bem-estar é uma preocupação importante, Algumas crianças podem ter dificuldade em expressar sentimentos verbalmente, mas demonstram emoções através de comportamentos. Estar atenta aos sinais não-verbais, como: retraimento, irritação, ou medo, ajudam a iniciar uma conversa de forma cuidadosa.



Capítulo 10

DEMONSTRAÇÃO DE CARINHO E AFETO DA MÃE PARA O FILHO

Abraços, toques carinhosos e palavras de apoio são essenciais para que a criança se sinta emocionalmente segura, mesmo em situações de vulnerabilidade. O carinho constante reforça a sensação de pertencimento e conforto.

Mesmo em situações difíceis encontrar momentos de brincadeiras ou conversas leves pode ajudar a aliviar o estresse da criança e abrir espaço para diálogos mais profundos.



Capítulo 11

ROTINA DE COMUNICAÇÃO ENTRE MÃE E FILHO

Criar momentos diários ou semanais para conversas, mesmo que rápidos, ajuda a criança a entender que ela tem um espaço para falar. Mesmo na rua, essa rotina de comunicação contribui com a melhor relação de confiança.

A mãe pode demonstrar interesse genuíno nas histórias e pensamentos da criança, prestando atenção em suas ações, fazendo perguntas e interagindo com o filho.



Capítulo 12

AMBIENTE EMOCIONAL SEGURO

A criança deve sentir que pode expressar seus sentimentos, dúvidas e medos sem punição ou julgamentos. Quando a mãe demonstra acolhimento e empatia, a criança sente que pode falar abertamente.

Mesmo em situações difíceis é essencial que a mãe reconheça e valide os sentimentos da criança. Caso ela expresse tristeza ou raiva, é importante que a mãe demonstre que esses sentimentos são legítimos e compreensíveis.



Capítulo 13

RELAÇÃO MÃE-FILHO E O DESENVOLVIMENTO BIOPSIKOSSOCIAL DA CRIANÇA PARA BONS RELACIONAMENTOS NA VIDA ADULTA

A relação mãe e filho é o primeiro vínculo que a criança tem, assim, essa relação precisa ser baseada em afeto, amor, carinho, atenção e cuidado, ensinando valores, e ajudando no seu desenvolvimento,

Os traumas da vida adulta em sua maioria tem impacto do que foi vivenciado na infância, dessa maneira, o envolvimento materno no desenvolvimento e crescimento do filho, ajuda-o a ter relações saudáveis na fase adulta, diante da estabilidade psíquica e emocional estabelecida na relação mãe e filho.

REFERÊNCIAS

BUZZ-FEED. *Relatos de pessoas que sofreram com mães tóxicas*. 2017. Disponível em: <https://buzzfeed.com.br/post/14-relatos-de-pessoas-que-sofreram-com-maes-toxicas>. Acesso em: 16 set 2023.

CANVA. *Ferramenta de design gráfico online*. 2024. Disponível em: <https://www.canva.com/>. Acesso em: 14 set 2024.

ELAINE, M. *Relação mãe e filho e o fortalecimento da personalidade*. 2023. Disponível em: <https://ibrapsi.com.br/relacao-mae-e-filho/#:~:text=A%20rela%C3%A7%C3%A3o%20m%C3%A3e%20e%20filho%20%C3%A9%20a%20base%20para%20a,com%20as%20Ofrustra%C3%A7%C3%B5es%20da%20vida>. Acesso em: 08 nov 2023.

FINKLER, L; DELL'AGLIO, D.D. Famílias com filhos em situação de rua: percepções sobre a intervenção de um programa social. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, v. 7, n. 1, p. 53-66, 2014.

MUNOZ, L.A. *Vivenciando a maternidade em contextos de vulnerabilidade social: uma abordagem compreensiva da fenomenologia social*. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, v.21, n.4, p. 1-7, 2013;

REIS, M.T. *O VÍNCULO MÃE-FILHO: o mito do amor materno e a cultura contemporânea*. 2020. 27f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Psicologia)- Centro Universitário Atenas, 2023.

SILVEIRA, V. *8 mitos e verdades sobre a relação entre pais e filhos*. 2018. Disponível em: <https://leiturinha.com.br/blog/8-mitos-e-verdades-sobre-a-relacao-entre-pais-e-filhos/>. Acesso em: 16 set 2023

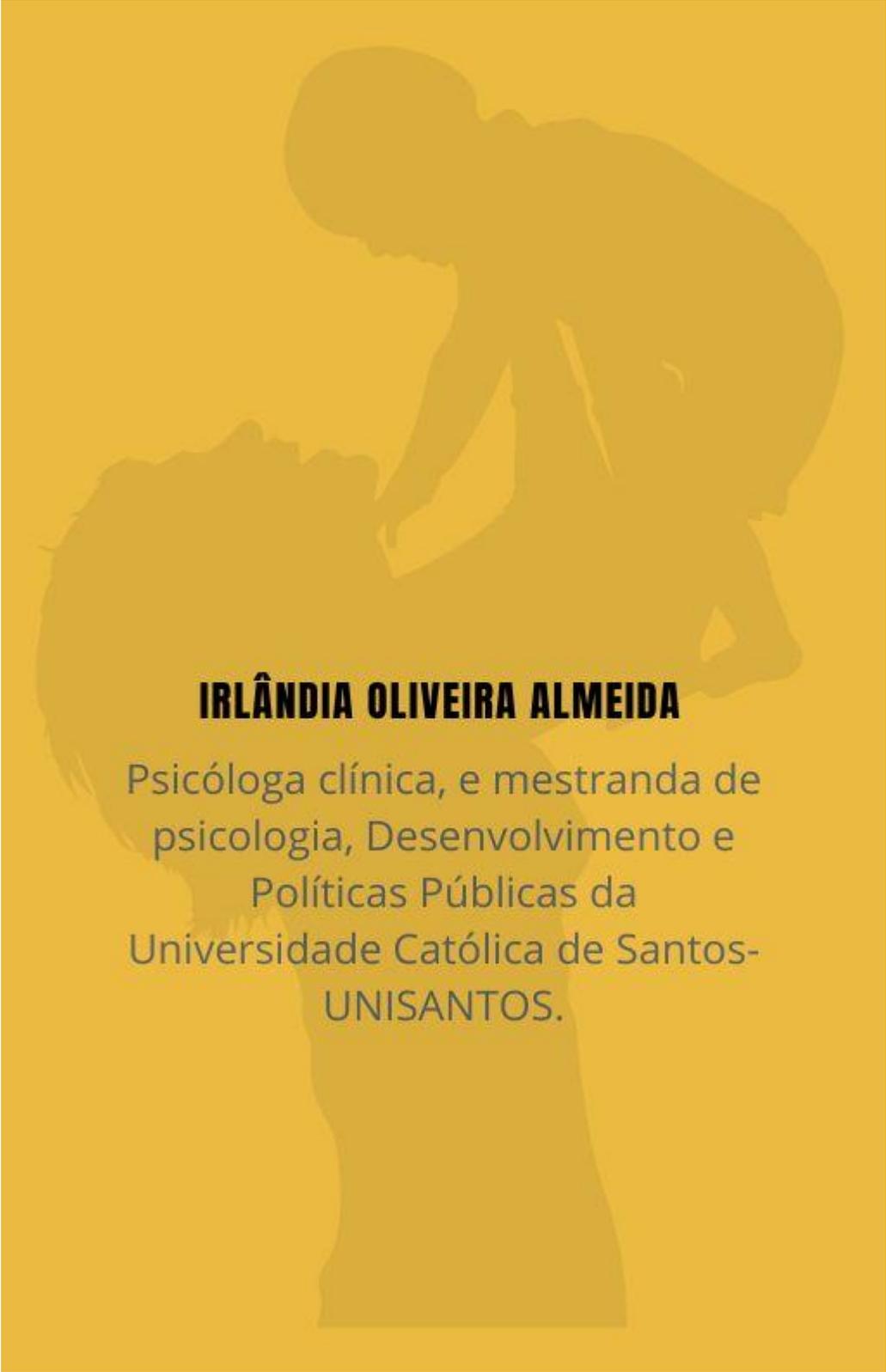
A VIDA ESCUTADA

**Na calçada fria, ela repousa,
Com os olhos cansados olhando a rua.
Seus filhos pequenos, em torno dela se
aninham,
Envolvidos pela escuridão da noite
soturna.**

**Seu rosto desgastado conta uma história,
De lutas, de dores, de uma vida sem
glória.**

**Mas seu amor inabalável, sua força
interior,
Sustentam sua alma, apesar da dor.**

Irlândia Oliveira Almeida



IRLÂNDIA OLIVEIRA ALMEIDA

Psicóloga clínica, e mestranda de
psicologia, Desenvolvimento e
Políticas Públicas da
Universidade Católica de Santos-
UNISANTOS.



8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oficina de sucatas realizada com mães e filhos em situação de vulnerabilidade social traz contribuições significativas tanto para a sociedade quanto para o campo acadêmico. Ao explorar as dinâmicas familiares nesse contexto específico, o estudo oferece insights valiosos para fundamentar intervenções práticas voltadas ao fortalecimento dos vínculos familiares e à promoção da saúde mental infanto juvenil.

A relevância dessa pesquisa vai além do âmbito acadêmico, sensibilizando a sociedade para os desafios enfrentados por famílias em situação de vulnerabilidade. Ao enfatizar a importância do diálogo entre mães e filhos em tais cenários, o estudo busca promover uma conscientização mais profunda sobre as necessidades dessas famílias, contribuindo para uma compreensão mais empática e um apoio social mais eficaz. Além disso, a pesquisa preenche lacunas existentes na literatura, oferecendo novas perspectivas e abordagens para compreender e lidar com as complexas dinâmicas familiares em condições adversas, sendo uma base importante para futuros estudos.

O embasamento teórico do estudo, alicerçado em teorias consagradas de autores como Winnicott e Bowlby, proporciona uma sólida base para a formulação e implementação de intervenções futuras. Essas teorias, que destacam a importância do ambiente familiar para o desenvolvimento emocional saudável, não apenas elucidam os desafios enfrentados por essas famílias, mas também apontam estratégias eficazes para enfrentá-los. Dessa forma, a pesquisa se consolida como uma referência essencial para estudos e discussões acadêmicas futuras, oferecendo contribuições teóricas e práticas que podem impactar positivamente o desenvolvimento de políticas públicas e programas de apoio voltados para famílias em situação de vulnerabilidade.

Além disso, os resultados da pesquisa podem influenciar a formulação de políticas públicas e programas de assistência social voltados para famílias em situação de vulnerabilidade, destacando a importância de estratégias que promovam a interação e o diálogo entre mães e filhos. Políticas públicas e programas de assistência social destinados a famílias em situação de vulnerabilidade. Destacando a importância de estratégias que promovam a interação e o diálogo entre mães e filhos, a pesquisa oferece subsídios para a formulação de políticas mais eficazes e sensíveis às necessidades dessas famílias.

A pesquisa emerge como uma peça integral na compreensão das complexas dinâmicas familiares em situações adversas, oferecendo contribuições práticas, teóricas e sociais para a

promoção do bem-estar e desenvolvimento saudável dessas famílias em contextos de vulnerabilidade social.

O referido estudo buscou analisar a relação mãe-filho e seus desdobramentos no contexto de vulnerabilidade, e para tal foi realizada entrevista com cinco mães participantes do Núcleo de Convivência para Adultos em situação de Rua, com idades entre 22 a 38 anos de idade, solteiras, com filhos. Participaram também um filho de cada mãe contribuinte com a pesquisa, e esses, possuíam idade entre 7 e 11 anos.

Quatro das participantes são brasileiras, e uma é natural do Paraguai, e todas elas residem na cidade de São Paulo. Três das participantes moram embaixo do viaduto, e duas, em ocupações. Embora as mães possuam escolaridade, duas delas não têm seus filhos na escola, como Violeta e Margarida, e essa última veio do Paraguai em busca de melhores condições no país, e depende da renda de familiares, mora em ocupação e ainda não tem sua documentação no país. E essa situação tem impactado no desenvolvimento do seu filho.

Quanto à entrevista realizada com as mães, viu-se que algumas delas não planejaram a gestação, e tal situação pode influenciar no contexto emocional dos filhos. Viu-se que a maioria não deixa seu filho sozinho em casa, todavia uma relatou que deixava para ter seu momento de lazer. No questionário, foi pontuado por elas que desejam ter um melhor lar para os filhos e que eles estudem para ter um futuro diferente do delas, porém, a situação em que se encontram não corrobora para tal fato.

Relacionado aos fatores que podem influenciar na relação mãe e filho, as participantes relataram que a falta de comunicação, de afeto, de demonstração de carinho, o nível de estresse da mãe, e a situação socioeconômica, são pontos que impactam na relação materno-filial. E tais comportamentos foram perceptíveis durante a oficina de sucatas.

A entrevista realizada com os filhos das mães participantes trouxe importantes contribuições para a análise do comportamento materno e de que forma a situação de vulnerabilidade vivenciada impacta essa relação. Os relatos das crianças revelaram um desejo comum: anseiam por mães que cuidem mais deles, que demonstrem afeto e carinho. Ao mesmo tempo, destacaram que, apesar das dificuldades enfrentadas, sentem-se protegidos pelas mães, sugerindo que, mesmo em situações adversas, elas são vistas como um porto seguro para os filhos.

Dentro desse contexto, a importância da saúde mental da mãe e do filho foi amplamente discutida ao longo do estudo, destacando que, quando ambos estão psicologicamente saudáveis, o vínculo materno-filial tende a se fortalecer, promovendo o desenvolvimento saudável da criança. A oficina de sucatas, por sua vez, proporcionou uma oportunidade de observar como o

contexto de vulnerabilidade pode influenciar essa relação. Foi notado que algumas mães, ao invés de incentivarem a participação dos filhos na construção dos materiais, demonstravam nervosismo e estresse, o que afetava negativamente a interação com eles. Também foi possível analisar o comportamento das crianças, muitas das quais mostraram submissão, aceitando passivamente tudo o que as mães pontuavam, ou se mantinham distantes, sem conseguir participar ativamente da atividade conjunta.

Um aspecto importante que emergiu durante a oficina foi o relato de várias mães, que reconheceram a fragilidade do vínculo com seus filhos e a importância de fortalecer essa relação para o desenvolvimento emocional e psicológico das crianças. Esse momento de conscientização foi crucial para a compreensão da relevância do vínculo materno-filial, especialmente em contextos de vulnerabilidade social.

O estudo se mostrou relevante ao demonstrar como mães em situações de vulnerabilidade expressam afeto e cuidado, e como isso influencia diretamente o comportamento e o desenvolvimento de seus filhos. O impacto do vínculo materno-filial sobre o bem-estar da criança se torna ainda mais evidente em cenários adversos, ressaltando a necessidade de intervenções que fortaleçam essa relação.

Conclui-se que a promoção do desenvolvimento infantil e juvenil em contexto de vulnerabilidade depende diretamente do fortalecimento da relação entre mãe e filho. Para isso, é essencial que políticas públicas e programas de intervenção sejam implementados com o objetivo de valorizar e fortalecer os vínculos familiares, promovendo a resiliência diante dos desafios impostos pela vulnerabilidade social. Nesse sentido, destaca-se a elaboração de uma cartilha, produto técnico deste estudo, que incorpora a voz dos filhos para aprimorar a relação materno-filial, contribuindo assim para o desenvolvimento saudável das crianças e adolescentes.

REFERÊNCIAS

ABEGG, C. **Atuação do Assistente Social no Centro de Referência em Assistência Social nos Municípios de Pequeno Porte I**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 08, Vol. 05, pp. 15-24. agosto de 2020.

ABRAMOVAY, M. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas**. Brasília: UNESCO, BID, 2002.

ABREU, D; SALVADORI, L.V. **Pessoas em situação de rua, exclusão social e rualização: reflexões para o serviço social**. 2015. Disponível em: https://seminarioservicosocial2017.ufsc.br/files/2017/05/Eixo_3_188.pdf. Acesso em: 13 set 2023.

ALMEIDA, S. F. (2012). **População em situação de rua e o retorno à educação escolar: entre dificuldades e possibilidades**.

ARAUJO, G.B; SPERB, T.M. Crianças e a construção de limites: narrativas de mães e professoras. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, n. 1, p. 185-194, 2009.

ARPINI, D.M; QUINTANA, A.M; GONÇALVES, C.S. Relações familiares e violência em adolescentes em situação de rua. **Psicol. Argum.**, Curitiba, v. 28, n. 63, p. 325-336, 2010.

AYRES, J. R., FRANÇA JÚNIOR, I., CALAZANS, G. J. & SALETTI FILHO, H. C. (2009). O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In D. Czeresnia (Org.). **Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências**. (2a ed.), Rio de Janeiro: Fiocruz.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BAUMAN, Z. **A sociedade individualizada: Vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BECKER, J. L. F. *et al.* **Implicações psicossociais da prematuridade na relação mãe-bebê**. 2020.

BENEVIDES, B. **A luta pela igualdade das classes**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BENATTI, A. P; *et al.* A maternidade em contextos de vulnerabilidade social: papéis e significados atribuídos por pais e mães. **Revista Interação em Psicologia**, vol. 24, n. 02, 2020.

BRAGA, L. L. C. O trabalho de Assistência Social no CRAS. In: **O Trabalho do Assistente Social no SUAS: Seminário Nacional/CFESS**. Brasília: 2011.

BRAMBILLA, B.B. **O SUAS é delas Um Debate sobre o Escamoteamento da Vida das Mulheres Diante da Questão Social**. 2023a. Disponível em: <https://pucsp.academia.edu/BeatrizBrambilla>. Acesso em: 11 de julho de 2024.

BRAMBILLA, B.B. As famílias e o mito da vulnerabilidade social nas políticas sociais. **Mudanças – Psicologia da Saúde**, v. 31, n. 1, 2023b.

BRASIL. **Convenção relativa ao estatuto dos refugiados**. 1951. Disponível em: https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf. Acesso em: 13 set 2023.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 01 dez 2023.

BRASIL. Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012. **Diário Oficial da União**. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html. Acesso em: 16 maio 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Ministério do desenvolvimento social e combate a fome. Nota técnica conjunta nº 001/2016. **Diretrizes, fluxo e fluxograma para atenção de mulheres e adolescentes em situação de rua e/ou usuários de álcool e /ou crack e/ou drogas e seus filhos recém-nascidos**. 2016a. Disponível em: <https://www.as.saude.ms.gov.br/wp-content/uploads/2017/01/nt-MS-MDS-mulheres-sit-rua.pdf>. Acesso em: 20 de set 2024.

BRASIL. Resolução nº 510 de 7 de abril de 2016. **Diário Oficial da União**. 2016b. N 98, seção 1, 24 maio 2016, p. 44-46. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 16 maio 2022.

BRASIL. **Programa Criança Feliz**: a intersetorialidade na visita domiciliar. Brasília, 2017. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/crianca_feliz/A_intersetorialidade_na_visita_domiciliar_2.pdf. Acesso em: 11 de julho de 2024.

BRASIL. Tribunal de Contas da União. **Referencial de controle de políticas públicas / Tribunal de Contas da União**. – Brasília: TCU, Secretaria de Controle Externo do Desenvolvimento Econômico (SecexDesenvolvimento), Secretaria de Métodos e Suporte ao Controle Externo (Semec) e Secretaria de Macroavaliação Governamental (Semag), 2020. 150 p.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania. **Governo federal lança “Plano Ruas Visíveis - Pelo direito ao futuro da população em situação de rua” com investimento de cerca de R\$ 1 bilhão**. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/dezembro/governo-federal-lanca-201cplano-ruas-visiveis-pelo-direito-ao-futuro-da-populacao-em-situacao-de-rua201d-com-investimento-de-cerca-de-r-1-bilhao>. Acesso em: 10 de julho de 2024.

BOWLBY, J. **Uma base segura**: aplicações clínicas da teoria do apego (S. M. Barros, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. 1989.

_____. An ethological approach to personality development. **American Psychologist**, vol. 46, nº 4, pp. 333-341. 1991.

_____. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
BOSSARDI, C. N.; VIERIA, M. L. (2015). **Ser mãe e ser pai: integração de fatores biológicos e culturais**. In E. R. GOETZ; M. L. VIERIA (Orgs.). **Novo pai: percursos, desafios e possibilidades** (pp 15-30). Curitiba: Juruá.

BORDIGNON, N. A. O desenvolvimento psicossocial do jovem adulto em Erik Erikson. **Revista Lasallista de Investigación**, v. 4, n. 2, p. 7-16, 2007.

BRITO, K.C. **Filhos que não se sentem amados**: como lidar. 2015. Disponível em: <https://www.psicologoeterapia.com.br/blog/filhos-que-nao-se-sentem-amados/>. Acesso em: 14 set 2023.

BRITO, C.; SILVA, L. N. População em situação de rua: estigmas, preconceitos e estratégias de cuidado em saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, p. 151-160, 2022.

CASSIDY, J. (1999) The nature of child's ties. In: CASSIDY, J. & SHAVER, P. (Orgs.). **Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications**. New York: The Guilford Press. pp. 3-20.

CARINHANHA, J. I; PENNA, L. H. G; OLIVEIRA, D. C. de. Representações sociais sobre famílias em situação de vulnerabilidade: uma revisão de literatura. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/15442/11672>. Acesso em 29 de junho de 2022.

CAVALCANTE, M.C.V. *et al.* Relação mãe-filho e fatores associados: análise hierarquizada de base populacional em uma capital do Brasil-Estudo BRISA. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, n.5, p. 1683-1693, 2017.

CECCONELLO, A.M. **Resiliência e vulnerabilidade em famílias em situações de risco**. 2003, p.317. Tese de Doutorado (Doutor em psicologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

CID, M.F.B. **Fatores de risco e proteção**: saúde mental de mães e filhos, suporte social e estilo parental. 2008.182f. Tese de mestrado (Mestre em Educação Especial) - Universidade Federal de São Carlos, 2008.

COLLINS, P. H. **Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment**. New York: Routledge, 1990.

CORREIA, M. de J. Sobre a maternidade. **Análise Psicológica**, v. 3, n.16, p. 365-371.1998.

CORTIZO, R.M. **População em situação de Rua no Brasil**: o que os dados revelam? Ministério da Cidadania, DF, 2019. Disponível em: https://aplicacoes.mds.gov.br/sagirms/ferramentas/docs/Monitoramento_SAGI_Populacao_situacao_Rua.pdf. Acesso em: 13 set 2023.

COSTA, S.M. *et al.* Gestantes em situação de rua no município de Santos, SP: reflexões e desafios para as políticas públicas. **Saúde Soc.** São Paulo, v.24, n.3, p.1089-1102, 2015.

CÚNICO, S.D; ARPINI, D.M. Não Basta Gerar, Tem que Participar? – Um Estudo Sobre a Ausência Paterna. **Psicologia: ciência e profissão**, v.34, n.1, p. 226-241, 2014.

CRESWELL, J. **Projeto de Pesquisa**. USP, Sage; Editora: Artmed. 2010.

DALBEM, J. X; DELL'AGLIO, D. D. Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 57, n. 1, p. 12-24, 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arpb/v57n1/v57n1a03.pdf>. Acesso em: 29 de junho de 2022.

DIGIÁCOMO, M. J; DIGIÁCOMO, I. A. Estatuto da criança e do adolescente anotado e interpretado. **Ministério Público do Estado do Paraná. Centro de Apoio Operacional das Promotorias da Criança e do Adolescente**, v. 6, 2013.

ERIKSON, Erik H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FELITTI, Vincent J. et al. Relationship of childhood abuse and household dysfunction to many of the leading causes of death in adults: The Adverse Childhood Experiences (ACE) Study, v. 14. **American Journal of Preventive Medicine**, n. 4, p. 245-258, 1998.

FÉRES-CARNEIRO, T. Expectativas parentais na temporalidade contemporânea. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 29-44, 2017.

FIGUEIREDO, I. & NORONHA, R. L. (2008). A vulnerabilidade como impeditiva/restritiva do desfrute de direitos. **Revista de Direitos e Garantias Fundamentais**, 4, 129-146.

FLORÊNCIO, R. S., & MOREIRA, T. M. M. (2021). Modelo de vulnerabilidade em saúde: esclarecimento conceitual na perspectiva do sujeito-social. **Acta Paulista de Enfermagem**, 34.

G1. **Aumenta o número de pessoas em situação de rua no Brasil, diz pesquisa**. 2022. Disponível em: <http://g1.globo.com/google/amp/jornal-hoje/noticia/2022/>. Acesso em: 20 junho de 2023.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, M.A; PEREIRA, M. L. D. **Família em situação de vulnerabilidade social: uma questão de políticas públicas**. Ceará, 2004. Disponível em: https://www.scielosp.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csc/v.pdf. Acesso em: 29 de junho de 2022.

GONÇALVES, A.C.O; BANANAL, R.S. **Desafios da comunicação nas relações entre pais e filhos**. 2022. 21p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Psicologia) -Universidade de Uberaba, 2022.

GUTIERREZ, D. M. D; CASTRO, E.H. B. de; PONTES, K. D. S. Vínculos mãe-filho: reflexões históricas e conceituais à luz da psicanálise e da transmissão psíquica entre gerações. **Rev. NUFEN**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 3-24, dez. 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=iso>. Acesso em: 29 de junho de 2022.

HUNGARO, A.A. *et al.* Pessoas em situação de rua: caracterização e contextualização por pesquisa censitária. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, n.5, p.1-8, 2020.
 IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. 2014. Brasília. Acesso em junho de 2022.

INCT- Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia. **Traumas hereditários**: Estudo analisa se impactos negativos são passados de pais para filhos. 2021. Disponível em:
<http://inpd.org.br/?noticias=traumas-hereditarios-estudo-analisa-se-impactos-negativos-sao-passados-de-pais-para-filhos>. Acesso em: 14 set 2023.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2017). **Radar IDHM 2015**. Minas Gerais: Fundação João Pinheiro. Disponível em:
http://www.atlasbrasil.org.br/2013/data/rawData/RadarIDHM_VERSAO_Final.pdf. Acesso em: 29 de junho de 2022.

IPEA- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Escolaridade da mãe impacta no nível de alfabetismo e emprego dos filhos**. 2019. Disponível em:
https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/index.php?option=com_content&view=article&id=35191&Itemid=1. Acesso em: 14 set 2023.

JUNGER, G. *et al.* **Refúgios em números 2023**. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Departamento das Migrações. Brasília, DF: OBMigra, 2023. Disponível em:
https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Obmigra_2020/OBMIGRA_2023/Ref%C3%BAgio_em_N%C3%BAmeros/Refugio_em_Numeros_-_final.pdf. Acesso em: 13 de set 2023.

KOGA, D. **Medida de cidades: entre territórios de vida e territórios vividos**. São Paulo: Cortez, 2003.

LEITE, I; LUDER, A. **Cidade de SP contabiliza mais de 52 mil moradores de rua, alta de 8,2% em 2023, afirma pesquisa**. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/04/05/cidade-de-sp-contabiliza-mais-de-52-mil-moradores-de-rua-alta-de-82percent-em-2023-afirma-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 26 ago 2023.

LIEBGOTT, R. **Mães e filhos das calçadas**. 2024. Disponível em:
<https://desacato.info/maes-e-filhos-das-calçadas-por-roberto-liebgott/>. Acesso em: 08 de maio de 2024.

LOBO, S. **As condições de surgimento da "mãe suficientemente boa"**. Revista Brasileira de Psicanálise, v.42, n.4, p.67-74. São Paulo, 2008. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v42n4/v42n4a09.pdf>. Acesso em: 24 de abril de 2023.

LONGO, F.V.; VIEIRA, J.M. Educ. Soc., Campinas, v. 38, nº. 141, p.1051-1071, out.-dez., 2017.

LOPES, R. C.S; PROCHNOW, L. P. PICCININI, C. A. A relação da mãe com suas figuras de apoio femininas e os sentimentos em relação à maternidade. **Psicologia em Estudo**. 2010, v. 15, n. 2, pp. 295-304. Epub 14 Set 2010. ISSN 1807-0329. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/pe/a/7FJ4WyDTpr33GxWyy6jNf4N/?format=html&lang=pt#>>.
Acesso em: 29 de junho de 2022.

MATA, N.T. Negligência na Infância: Uma Reflexão sobre a (Des)proteção de Crianças e Famílias. **O Social em Questão**, n. 45, p. 223-238, 2019.

MARTINELI, M. L. **Assistencialismo Social: identidade e alienação**. São Paulo: Cortez, 1999.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MICHELETTI, F. A. B. O. *et al.* **Condição Feminina de mulheres chefes de família em situação de vulnerabilidade social**. Ser. Soc. Soc., São Paulo, n.105, p. 167-179, jan./mar. 2011. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ssoc/a/WTL3xcZ4gctQxh3tfCTszMq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 de junho de 2022.

MOREIRA, M.I.C. **Novos rumos para os trabalhos com famílias**. São Paulo: Necca, 2013.

MUÑOZ, L. A. *et al.* Vivenciando a maternidade em contextos de vulnerabilidade social: uma abordagem compreensiva da fenomenologia social. **Revista Latinoamericana de Enfermagem**, 21(4), 1-7. 2013.

NASCIMENTO P. D; PAMPLONA, D. A importância da adoção de práticas consensuais para a gestão de conflitos jurídicos-familiares como política pública de cumprimento de objetivo do desenvolvimento sustentável. **Revista Brasileira de Direitos Fundamentais & Justiça**, v. 13, n. 40, p. 145-171, 2019.

NOACK, J. Reflexões sobre o acesso empírico da teoria de identidade de Erik Erikson. **Interação em Psicologia**, v. 11, n. 1, 2007.

PEREIRA, P; STEIN, R. H. **Política social: universalidade versus focalização: um olhar sobre a América Latina**. In: BOSCHETTI, Ivanete et. al. (Orgs). **Capitalismo em crise, política social e direitos**. São Paulo: Cortez, 2010.

PETTENGILL, M.A. M; ANGELO, M. Vulnerabilidade da família: desenvolvimento do conceito. **Revista Latino-am Enfermagem**, 2005. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rlae/a/PfhtfTjc3fzrsSDNfkFRZWd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 de junho de 2022.

PICHON-RIVIÈRE, E. **Teoria do vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

POLÍTICAS SOCIAIS II: **Serviço social** Sueli Godoi...[et. al.]. -- São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

RAMIRES, V. R. R; SCHNEIDER, M. S. Revisitando alguns conceitos da Teoria do Apego: comportamento *versus* representação? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol. 26, n. 1, pp. 25-33, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/pt>. Acesso em: 29 de junho de 2022.

RICHWIN, I.F; ZANELLO, V.A(s) maternidade(s) de mulheres em situação de rua: Entre violações e possibilidades de reparação subjetiva. **Psicol. Clin**, v. 34, n.1, p.79-104, 2022.

RICHWIN, I.F; ZANELLO, V. “Desde casa, desde berço, desde sempre”: violência e mulheres em situação de rua. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 31, n.1, p.1-15, 2023.

REPPOLD, C. T., & HUTZ, C. S. (2003). Reflexão social, controle percebido e motivações à adoção: características psicossociais das mães adotivas. **Estudos de psicologia (Natal)**, 8, 25-36.

RIBEIRO, A.C.B. **Prejuízo no vínculo mãe-filho e possíveis consequências: revisão sistemática**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Medicina) - Unievangélica, 2018.

ROCHA, P. S. **Peculiaridades do trabalho dos assistentes sociais**. São Paulo: Escuta, 2008.

RODRIGUES, E. E; ALVARENGA, M. A. F. P. A política pública de mediação como instrumento de busca do consenso parental e seus reflexos na efetivação da guarda compartilhada. **Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM**, v. 13, n. 2, p. 532-553, 2018.

Rutter, M. (1987). Psychosocial resilience and protective mechanisms. **American Journal of Orthopsychiatry**, 57(3), 316-331.

SANTIAGO, T. **Cidade de São Paulo tem 206 ocupações onde moram 45 mil famílias**. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/cidade-de-sao-paulo-tem-206-ocupacoes-onde-moram-45-mil-familias.ghtml>. Acesso em: 13 set 2023.

SARTI, C. A. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. (7ª ed.) São Paulo: Cortez. 2011.

SARAVIA, E. **Introdução à teoria da política pública**. In: _____; FERRAREZI, E. (Org.). Políticas públicas. Brasília, DF: ENAP, 2006, p. 21-42. (Coletânea, v. 1).

SCOTT, J. B., DE ABREU PROLA, C., SIQUEIRA, A. C., & PEREIRA, C. R. R. (2018). O conceito de vulnerabilidade social no âmbito da psicologia no Brasil: uma revisão sistemática da literatura. **Psicologia em Revista**, 24(2), 600-615.

SEVERINO, N. P. **Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/bitstream/123456789/5445/2/relatorio-natalia.pdf>. Acesso em: 16 de setembro de 2024.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como Liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVA, M. M. Assistência social na realidade municipal: o SUAS e a prevalência do conservadorismo. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 41- 49, jan./jun. 2015.

SILVA, C.M. *et al.* **Relação mãe e bebê no desenvolvimento infantil sob a perspectiva winnicotiana**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Psicologia)- o Centro

Universitário Católico Salesiano Auxilium de Araçatuba, 2018.

SILVA, R. A. S. **Mães narcisistas patológicas à luz dos direitos das crianças e dos adolescentes.** 2019.

SILVA, S.S; GASPAR, M.A.D. **Ausência de comunicação na família e os reflexos na convivência social.** 2021. Disponível em:
https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2021/TRABALHO_EV150_MD1_SA105_ID8778_05102021184008.pdf. Acesso em: 14 set 2023.

SOUZA, R. M. de RAMIREZ, V. R. R. **Família e famílias.** In R. M. de SOUZA; V. R. R. RAMIRES. Amor, casamento, família, divórcio... e depois, segundo as crianças (pp 9-23). São Paulo: Summus, 2006.

SOUZA, M.S; BAPTISTA, M.N; ALVES, G.A.S. Suporte familiar e saúde mental: evidência de validade baseada na relação entre variáveis. **Aletheia**, n. 28, p.45-59, 2008.

SROUFE, A. **Attachment and development: A prospective, longitudinal study from birth to adulthood.** *Attachment & Human Development*, v. 7, n. 4, p. 349-367, 2005.

SUÁREZ, A. S. Crise de identidade na adolescência: breve análise e implicações para a práxis religiosa segundo a teoria de Erik Erikson. **Acta Científica. Ciências Humanas**, v. 2, n. 9, p. 31-38, 2005.

TACHIZAWA, T. **Organizações Não Governamentais e o Terceiro Setor: criação de ONGs e estratégia de atuação.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

TAVERNA, C. B: **Depoimentos de moradores de rua.** São Paulo: Nascente Livraria e Editora Ltda, 2008.

TUSTIN, F. G. **A metodologia de trabalho dos assistentes sociais.** Problemas do cotidiano: Rio de Janeiro: Imago, 2005.

WINNICOTT, D. W. **A preocupação materna primária.** In: Winnicott, D. W. Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas (pp. 399-405). Rio de Janeiro: Imago. 1956/2000.

_____. **A família e o desenvolvimento individual.** 1965. Disponível em:
http://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Donald_winnicott.pdf. Acesso em: 29 de junho de 2022.

_____. **O brincar e a realidade.** Trad. J. O. A. Abreu e V. Nobre. Rio de Janeiro: Imago.1975.

APÊNDICE A – Instrumento 1: Questionário de perfil sociodemográfico

Código		Data	____ / ____ / ____	Idade	
Raça/cor	() preta () parda	Estado civil	() solteira () casada () união estável		
	() branca () amarela () indígena () outro		() separada () viúva		
Escolaridade			Ocupação		
	() ensino fundamental incompleto			() ensino médio completo	
	() ensino fundamental completo			() ensino superior incompleto	
	() ensino médio incompleto			() ensino médio completo	
Renda mensal	() < 1 salário mínimo	Habitação	() Própria arrendada	()	
	() 1 a 3 salários mínimos		() Alugada Ocupação	()	
	() > 3 salários mínimos		() Hotel Social Outros	()	
	() Auxílio Brasil/Bolsa Família		Cidade onde nasceu /Natural:		
	() outros				
Q. filhos		Faixa de idade			

APÊNDICE B – Instrumento 2: Roteiro de entrevista de Anamnese

Entrevista com a mãe: história de vida

1. Comente sobre: Idade da gravidez, experiência e emoções durante a gestação.
2. Fale sobre: Quanto tempo fica longe de casa? As crianças ou adolescentes fica com quem? O que fazem?
3. Qual é o seu maior sonho como mãe? O que você mais deseja para o futuro do seu filho/filha?
4. Na sua opinião, quais são os principais fatores que influenciam em uma boa relação entre mãe e filho?
 - a) A qualidade da comunicação e diálogo entre mãe e filho.
 - b) A presença e disponibilidade da mãe para o filho.
 - c) A afetividade e o carinho demonstrados pela mãe.
 - d) A forma como a mãe impõe limites e regras.
 - e) A capacidade da mãe de compreender e respeitar as necessidades emocionais do filho.
 - f) A forma como a mãe lida com os conflitos e desafios do relacionamento.
 - g) O nível de estresse e ansiedade que a mãe enfrenta em sua vida cotidiana.
 - h) A presença de outras pessoas na vida do filho, como pai, avós e irmãos.
 - i) A situação socioeconômica da família.
 - j) A existência de eventuais traumas ou experiências negativas na história de vida da mãe e/ou do filho.
 - k) Outros...
5. Você acredita que a relação entre mãe e filho pode influenciar a resiliência da criança/adolescente em situações de vulnerabilidade?
 - a) Sim, acredito que uma relação materna positiva pode fortalecer a resiliência da criança/adolescente em situações de vulnerabilidade.
 - b) Não necessariamente, a resiliência depende de diversos fatores além da relação materna.
 - c) Não tenho certeza, é uma questão complexa que envolve muitos aspectos.
 - d) Depende da intensidade e natureza da vulnerabilidade, em alguns casos pode ser mais importante que em outros.
 - e) Outros...

Entrevista com a criança:

1. O que gosta de fazer durante o dia? O que faz em casa?
 - a) Eu gosto de brincar com meus brinquedos, jogar jogos de tabuleiro, assistir TV ou desenhar.
 - b) Eu gosto de jogar videogames, andar de bicicleta ou brincar com meus amigos.
 - c) Eu gosto de ler livros, fazer atividades criativas como artesanato ou pintura, ou simplesmente descansar e relaxar.
 - d) Não gosto de fazer nada na minha casa
 - e) Outros...

2. Comente sobre qual opinião você tem sobre sua mãe?

3. Comente: O que você admira na sua mãe e o que gostaria de ouvir/fazer com ela?

4. Tem alguma dificuldade de convivência com a mãe?
 - a) Sim, tenho dificuldade em conversar com ela sobre certos assuntos.
 - b) Não, nos damos bem e conversamos sobre tudo.
 - c) Às vezes, temos pequenos desentendimentos, mas sempre conseguimos resolver
 - d) Tenho dificuldade em entender suas decisões e atitudes.

5. Como você se sente quando está com a sua mãe?

APÊNDICE C – Instrumento 3: Barema de observação participante

A observação livre será realizada durante a oficina de sucatas, com o objetivo de examinar a relação mãe-filho e como eles interagem enquanto trabalham juntos na construção de um objeto. Durante a oficina, serão fornecidas instruções básicas sobre como construir o objeto, mas os participantes terão liberdade para escolher seus materiais e desenvolver a ideia de acordo com suas próprias criatividade.

A oficina de sucatas será realizada com o objetivo de permitir que as mães e seus filhos trabalhem juntos para criar um objeto que represente sua relação. A oficina será conduzida pela pesquisadora que é psicóloga e possui experiência com grupos, que fornecerá instruções básicas sobre como construir o objeto, mas os participantes terão liberdade para escolher seus materiais e desenvolver a ideia de acordo com suas próprias criatividade.

A oficina será realizada em uma sala do Núcleo e durará cerca de 1 hora e meia. Serão convidadas a participar da oficina um total de 05 mães e 05 crianças, que foram selecionadas por conveniência a partir da observação de sua participação no Núcleo.

A observação será registrada em um caderno de campo. O observador registrará as interações entre mãe e filho, incluindo suas comunicações verbais e não-verbais, o grau de colaboração e ajuda mútua, o diálogo, respeito e a escuta mútua, bem como outras formas de interação social e emocional.

Os dados coletados serão analisados usando métodos qualitativos. A análise qualitativa envolverá a categorização das observações registradas no caderno de campo em temas ou categorias relevantes, como comunicação, colaboração, respeito, escuta e outros aspectos da interação mãe-filho.

Por fim, os resultados da pesquisa serão apresentados em um relatório detalhado, que incluirá gráficos, tabelas e exemplos de comportamentos observados para ilustrar as descobertas. O relatório também destacará as principais conclusões da pesquisa, bem como as implicações práticas para o trabalho com mães e filhos em programas sociais.

APÊNDICE D – Roteiro de oficina de sucatas

Após o convite da pesquisa, as mães e seus filhos participarão da oficina de sucatas apenas após a conclusão dos encontros de entrevista e anamnese. Os participantes serão informados sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa antes de confirmarem sua participação na oficina.

A oficina de sucatas terá uma duração de 1 hora e meia e será realizada em uma sala do Núcleo. A oficina será conduzida pela pesquisadora que é psicóloga e tem experiência com grupos, que dará instruções básicas sobre como construir um objeto usando materiais de sucata. Os participantes terão liberdade para escolher seus próprios materiais e desenvolver sua ideia.

Durante a oficina, os participantes serão observados para avaliar sua interação, incluindo sua colaboração, ajuda mútua, diálogo, escuta, respeito e atitude de proximidade. O pesquisador/observador treinado estará presente para registrar essas interações, bem como outros aspectos de sua interação social e emocional.

A oficina será registrada por escrito pela pesquisadora, logo após sua realização para permitir uma revisão mais detalhada da interação mãe-filho durante a atividade. Após, será realizada uma roda de conversa com os participantes, sendo que os mesmos serão convidados a partilharem como foi o momento, os sentimentos e aprendizagem. E em seguida serão solicitados a avaliarem a atividade, de forma espontânea expressarem sua experiência na oficina e fornecer comentários e sugestões adicionais.

Os dados coletados durante a observação e a avaliação serão registrados e analisados posteriormente para determinar o grau de interação positiva e colaborativa entre mãe e filho. A análise incluirá os dados registrados pela pesquisadora, bem como as informações obtidas durante os encontros de entrevista e anamnese.

Os resultados da análise serão usados para aprimorar a compreensão da relação mãe-filho e como as atividades colaborativas podem ser usadas para fortalecer e melhorar essa relação. A pesquisa também contribuirá para o desenvolvimento de abordagens mais eficazes de psicoterapia e intervenção no que se refere a problemas relacionados à relação mãe-filho.

APÊNDICE E – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa: **A RELAÇÃO MATERNO-FILIAL E SUAS REPERCUSSÕES NO DESENVOLVIMENTO INFANTO JUVENIL EM CONTEXTO DE VULNERABILIDADE** e que tem como objetivo, conhecer e analisar a relação das mães com seus filhos e, com isso, pode ajudar na saúde mental de crianças e adolescentes que convivem em contexto de vulnerabilidade. Para esse estudo, você responderá a um questionário com questões sobre como é seu contato com sua mãe.

PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO

Sua participação é livre e voluntária, então você poderá escolher se quer participar ou se não quer participar. Você pode decidir participar ou não, e nada vai acontecer com você. Portanto, pode escolher à vontade.

RISCOS E BENEFÍCIOS

Podemos afirmar que sua participação na pesquisa poderá ser muito importante, como por exemplo você estará contribuindo para que Psicólogos e Assistentes Sociais consigam ajudar mais as crianças e os adolescentes a se sentirem melhor e serem mais saudáveis.

Você também poderá sentir alguns desconfortos ao participar da pesquisa, mas isso será mínimo, bem pouco, e se você precisar, a pesquisadora é psicóloga e poderá ajudar você a se sentir melhor. Ela se chama Irlândia Oliveira Almeida (CRP 06/000983-IS) e o contato dela está aqui abaixo neste documento.

SIGILO E PRIVACIDADE

De acordo com as exigências do CONEP, pelas resoluções 196 (CNS), 466/12 e 510/16, eu pesquisadora garanto a você que seu nome não vai aparecer, nem nada que identifique quem é você. Tudo será mantido em sigilo. Estarei como responsável pela guarda e confidencialidade dos dados.

CONTATO

A pesquisadora que vai realizar a pesquisa é a Psicóloga Irlândia Oliveira Almeida CRP 06/000983-IS, aluna do curso Mestrado Profissional em Psicologia, Desenvolvimento

e Políticas Públicas que está vinculada à Universidade Católica de Santos.

Caso você queira, você pode entrar em contato com a pesquisadora Irlândia Oliveira Almeida, através do telefone: (75) 99146-6615 ou pelo e-mail irlandia.almeida@hotmail.com,

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) pode ser contatado pelo telefone 3205-5555 **Comitê de Ética** da Universidade Católica de Santos poderá ser contatado pelo e-mail comet@unisantos.br, sendo que poderá também ser contatado no seguinte endereço: Comitê de Ética em Pesquisa da UNISANTOS está localizado no Campus Dom Idílio José Soares, na Avenida Conselheiro Nébias, nº 300, Sala 202 do Centro Administrativo, Bairro Vila Mathias, em Santos, SP, CEP: 11015-002, telefone: (13) 3205-5555 ramal 1254, e-mail: comet@unisantos.br.

Dessa forma, se concordar, por sua livre vontade, em participar desta pesquisa, por favor, assine este documento em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora, e a outra será fornecida a você. Saiba também que sua mãe ou responsável já assinou um documento autorizando você a escolher se vai ou não participar da pesquisa.

Eu _____ aceito participar desta pesquisa. Entendi quais os seus benefícios e riscos. Sei que bem que posso desistir de participar, que não terei nenhum prejuízo e nenhum ganho participando. A pesquisadora tirou minhas dúvidas. Recebi uma cópia deste Termo de Assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

São Paulo-SP, _____ de _____ de _____.

Assinatura da criança /adolescente
participante

Assinatura do (a) pesquisador (a)

APÊNDICE F – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Você está sendo convidada a participar como voluntária da pesquisa intitulada “**A RELAÇÃO MATERNO-FILIAL E SUAS REPERCUSSÕES NO DESENVOLVIMENTO INFANTO JUVENIL EM CONTEXTO DE VULNERABILIDADE**” que está sendo desenvolvida por Irlândia Oliveira Almeida, mestranda do Curso de Pós-Graduação- Mestrado Profissional de Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas da Universidade Católica de Santos – SP, sob orientação da Prof.^a Dra. Hilda Rosa Capelão Avoglia do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas da Universidade Católica de Santos _ UNISANTOS.

O objetivo dessa pesquisa é analisar a relação das mães com seus filhos e saber como isso influencia no desenvolvimento da criança ou do adolescente que convivem em condições de baixa renda e dificuldades econômicas.

Caso você aceite participar dessa pesquisa, sua participação vai gastar um tempo de mais ou menos uma hora. Nesse tempo, você irá responder a um formulário sobre sua idade, suas condições de vida, sua casa, sua renda mensal, entre outras perguntas. Depois, você vai responder a uma entrevista individual sobre como foi a história de vida de seu filho.

Em um outro dia, a ser agendado de acordo com sua disponibilidade de horário, convidaremos você seu filho para participar de uma oficina com materiais de sucatas. Nessa oficina você poderá brincar com seu filho e acontecerá em uma sala do Núcleo, que você já conhece e onde seu filho frequenta. Para esta atividade você gastará uma hora e será agendada de acordo com seus horários, de modo que não atrapalhe seus afazeres no dia a dia e nem atrapalhe as atividades da criança.

As informações obtidas serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar sua identidade e de seu filho(a). Os registros escritos serão armazenados confidencialmente sob a responsabilidade da pesquisadora por um período de 5 (cinco) anos e após esse período serão descartados. Você poderá pedir para consultar esses registros quando quiser, enquanto estes estiverem sob os cuidados da pesquisadora e relacionados à elaboração da pesquisa.

Os resultados desta pesquisa poderão ser utilizados para publicação de artigos e comunicações científicas, assegurando total sigilo da sua identidade e a de seu filho(a).

Você poderá ter acesso aos resultados através do relatório final que será produzido pela pesquisadora ou a qualquer publicação relacionada a pesquisa.

Se você participar da pesquisa, poderá sofrer algum risco, mas serão mínimos, mas pode ocorrer algum desconforto seu diante de alguma pergunta do roteiro de entrevista e isto poderá fazer surgir emoções desconfortáveis como, por exemplo, ansiedade e insegurança ao compartilhar suas lembranças. Se isso acontecer, os procedimentos da pesquisa serão interrompidos e será prestado o devido acolhimento, pois a pesquisadora é psicóloga, devidamente credenciada para desenvolver essa atividade (Irlândia Oliveira Almeida CRP 06/000983-IS) e poderá acolher suas dificuldades, caso seja necessário. Esse serviço será gratuito para você ou para seu filho(a).

Você pode recusar-se a participar ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isso lhe acarrete qualquer ônus ou prejuízo.

Como benefício, participar desta pesquisa facilita a construção do conhecimento científico na área da saúde mental, em específico da Psicologia e Assistência Social, de modo a contribuir com o desenvolvimento psicossocial saudável de crianças e fortalecimento da relação que as crianças têm com suas mães em situação de vulnerabilidade.

Caso necessite de maiores informações sobre esta pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora Irlândia Oliveira Almeida, através do telefone: (75) 99146-6615 ou pelo e-mail irlandia.almeida@hotmail.com., bem como o Comitê de Ética em Pesquisa da UNISANTOS, **que** poderá ser contatado pelo e-mail comet@unisantos.br , sendo que poderá também ser contatado no seguinte endereço: Comitê de Ética em Pesquisa da UNISANTOS, localizado no Campus Dom Idílio José Soares, na Avenida Conselheiro Nébias, nº 300, Sala 202 do Centro Administrativo, Bairro Vila Mathias, em Santos, SP, CEP: 11015-002, telefone: (13) 3205-5555 ramal 1254.

Dessa forma, se concordar, por sua livre vontade, em participar desta pesquisa, por favor, assine este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido depois de lido junto com você e entregue em duas vias, visto que uma cópia será arquivada pela pesquisadora, e a outra será fornecida a você.

São Paulo-SP, ____ de _____ de _____

Irlândia Oliveira Almeida

Participante

APÊNDICE G – Termo de anuência da instituição concedente

DOCUMENTO DE SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

A EXMA. Sr. ^a diretor (a) do Núcleo de Convivência para Adultos em Situação de Rua -

Prof.^a ME.

Solicito autorização para a realização da pesquisa “A relação materno-filial e suas repercussões no desenvolvimento infanto-juvenil em contexto de vulnerabilidade a ser desenvolvida pela mestranda Irlândia Oliveira Almeida, aluna do Curso de Mestrado Profissional em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas da Universidade Católica de Santos, sendo orientada pela Profa. Dra. Hilda Rosa Capelão Avoglia, docente do referido Mestrado.

Com os seguintes objetivos: Analisar a relação mãe-filho e seus desdobramentos para a saúde mental infanto-juvenil em contextos de vulnerabilidade.

- a) Descrever o perfil sociodemográfico das mães e filhos participantes;
- b) Relatar e analisar a história de vida das mães das crianças participantes;
- c) Analisar aspectos psicossociais da relação materno-filial em crianças em contexto de vulnerabilidade social;
- d) Identificar fatores de risco e proteção da relação mãe-filho para saúde mental infanto-juvenil.
- e) Propor estratégias promotoras do desenvolvimento infanto juvenil, subsidiadas pelos resultados da pesquisa.

Para tanto, necessita-se de autorização para contatar mães ou responsáveis pelas crianças, no caso, 5 crianças de 7 a 12 anos de idade, inscritas e matriculadas nessa instituição. Utilizaremos uma sala, sigilosa e confidencial para realização de entrevistas (com a mãe e com a criança) e, posteriormente, com a mãe e a criança juntas.

As atividades da pesquisa serão agendadas conforme horários disponíveis na instituição e de modo a não afetarem o cotidiano das crianças em suas atividades. Permanecemos a disposição para qualquer esclarecimento que seja necessário.

Atenciosamente

São Paulo, de maio de 2023

APÊNDICE H - DECLARAÇÃO DOS PESQUISADORES E COLABORADORES**DECLARAÇÃO DOS PESQUISADORES E COLABORADORES**

Eu, Irlândia Oliveira Almeida, do Curso Pós-graduação-Mestrado Profissional de Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas da Universidade Católica de Santos - UNISANTOS, declaro que concordo em participar como pesquisadora colaboradora da Pesquisa intitulada: **“A RELAÇÃO MATERNO-FILIAL E SUAS REPERCUSSÕES NO DESENVOLVIMENTO INFANTO JUVENIL EM CONTEXTO DE VULNERABILIDADE”**, tendo como Pesquisador (a) Responsável Prof.^a. Dra. Hilda R.C. Avoglia. Declaro ainda que cumprirei as orientações contidas na Resolução nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, só iniciando a coleta dos dados após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UNISANTOS.

São Pulo-SP, _____ de _____ de _____

Irlândia Oliveira Almeida

APÊNDICE I – Termo de Anuência da Instituição Concedente**CARTA DE ACEITE**

A EXMA. Sra Dalileia Lobo diretor(a) do Núcleo de Convivência para Adultos -

Declaramos, para os devidos fins que se fizerem necessários, que concordamos em disponibilizar o espaço de convivência para coleta de dados por meio da entrevista semiestruturada, com mães e filhos que frequentam o Núcleo de Convivência para Adultos, localizado em São Paulo-SP, para o desenvolvimento da pesquisa intitulada “ A relação materno-filial e suas repercussões no desenvolvimento infanto juvenil em contexto de vulnerabilidade. Sob a responsabilidade da pesquisadora a Psicóloga Irlandia Oliveira Almeida CRP 06/000983IS, mestranda do Curso de Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas da Universidade Católica de Santos. Tendo como Orientadora a Prof.ª Dra. Hilda R.C. Avoglia. Pelo período de execução previsto no referido projeto.

Atenciosamente

Daliléia Lobo

Coordenadora do Núcleo de Convivência para Adultos

São Paulo -----/-----/2023



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE SANTOS
INSTITUTO DE PESQUISAS
CIENTÍFICAS E TECNOLÓGICAS

APÊNDICE I – Termo de Anuência da Instituição Concedente

CARTA DE ACEITE

A EXMA. Sra Daliléia Lobo diretor(a) do Núcleo de Convivência para Adultos em Situação de Rua - Chá do Padre

Declaramos, para os devidos fins que se fizerem necessários, que concordamos em disponibilizar o espaço de convivência para coleta de dados por meio da entrevista semiestruturada, com mães e filhos que frequentam o Núcleo Chá do Padre, localizado em São Paulo-SP, para o desenvolvimento da pesquisa intitulada "A relação materno-filial e suas repercussões na promoção da saúde mental infanto-juvenil em contextos de vulnerabilidade. Sob a responsabilidade da pesquisadora a Psicóloga Irlandia Oliveira Almeida CRP 06/00098315, mestranda do Curso de Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas da Universidade Católica de Santos. Tendo como Orientadora a Prof.ª Dra. Hilda R.C. Avoglia. Pelo período de execução previsto no referido projeto.

Atenciosamente

Daliléia Lobo
CREAS: 55.062
São Paulo / SP
COORDENADORA

Daliléia Lobo

Coordenadora do Núcleo Chá do Padre

São Paulo 30 / Maio / 2023

APÊNDICE J – FOTOGRAFIAS DA OFICINA COM SUCATAS











ANEXO A – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A RELAÇÃO MATERNO-FILIAL E SUAS REPERCUSSÕES NA PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL INFANTO JUVENIL EM CONTEXTOS DE VULNERABILIDADE.

Pesquisador: IRLANDIA OLIVEIRA ALMEIDA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 70597623.5.0000.5536

Instituição Proponente: Universidade Católica de Santos - UNISANTOS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.148.044

Apresentação do Projeto:

Trata-se de amestramento profissional em psicologia, desenvolvimento e políticas sociais intitulado A RELAÇÃO MATERNO-FILIAL E SUAS REPERCUSSÕES NA PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL INFANTO JUVENIL EM CONTEXTOS DE VULNERABILIDADE. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho descritivo e exploratório, de corte transversal, que permite analisar a relação mãe-filho e suas repercussões na promoção da saúde mental infanto-juvenil em contextos de vulnerabilidade.

A amostra consistirá por um total de 05 mães e 05 crianças, escolhidas e selecionadas por conveniência a partir da observação de sua participação na APASEM e convidadas a participar da pesquisa

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar a relação mãe-filho e seus desdobramentos para a saúde mental infanto-juvenil em contextos de vulnerabilidade.

Objetivo Secundário:

- a) Descrever o perfil sociodemográfico das mães e filhos participantes;
- b) Relatar e analisar a história de vida das mães das crianças participantes;
- c) Analisar aspectos psicossociais da relação materno-filial em crianças em contexto de

Endereço: Av. Conselheiro Nébias, nº 300 Campus Dom Idílio José prédio administrativo, 2º andar, sala202
Bairro: Vila Mathias **CEP:** 11.015-002
UF: SP **Município:** SANTOS
Telefone: (13)3228-1254 **Fax:** (13)3205-5555 **E-mail:** comet@unisantos.br



Continuação do Parecer: 6.148.044

vulnerabilidade social;

- d) Identificar fatores de risco e proteção da relação mãe-filho para saúde mental infanto-juvenil;
- e) Propor estratégias promotoras de saúde mental infanto-juvenil, subsidiadas pelos resultados da pesquisa

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A participação na pesquisa poderá oferecer algum risco, mas serão mínimos, mas pode ocorrer algum desconforto diante de alguma pergunta do roteiro de entrevista e isto poderá fazer surgir emoções desconfortáveis como, por exemplo, ansiedade e insegurança ao compartilhar suas lembranças.

Como benefício, esta pesquisa facilitará a construção do conhecimento científico na área da saúde mental, em específico da Psicologia e Assistência Social, de modo a contribuir com o desenvolvimento psicossocial saudável de crianças e fortalecimento da relação que as crianças têm com suas mães em situação de vulnerabilidade.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

- 1) O projeto é elaborado com clareza, apresentando sólido referencial teórico no anexo principal (Informações Básicas do Projeto)
- 2) O cronograma apresenta etapas de produção científica;
- 3) O anexo das Informações Básicas do Projeto contempla metodologia coerente aos objetivos éticos da pesquisa. Apresenta roteiro de entrevista que também guarda consonância ética aos objetivos propostos.
- 4) Apresenta documento legível que ateste a autorização para realização da pesquisa, com assinatura de responsável, devidamente carimbada.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- 1) O TCLE possui linguagem clara e adequada ao público destinado; após retificações de endereço e contato do CEP, passou a ficar adequado.
- 2) O TCLE apresenta mitigação de riscos, como indicação de clínica de apoio psicológico.

Endereço: Av. Conselheiro Nébias, nº 300 Campus Dom Idílio José prédio administrativo, 2º andar, sala202
Bairro: Vila Mathias **CEP:** 11.015-002
UF: SP **Município:** SANTOS
Telefone: (13)3228-1254 **Fax:** (13)3205-5555 **E-mail:** comet@unisantos.br



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE SANTOS

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
SANTOS - UNISANTOS



Continuação do Parecer: 6.148.044

3) O TALE poderia ter linguagem mais adequada ao público infantil, embora seja adequado para faixa dos 12 anos.

Recomendações:

Ponderar todas as considerações supracitadas quanto ao TCLE e demais cominações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Entende-se pela aprovação do presente projeto.

Considerações Finais a critério do CEP:

Cumprindo a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, o Protocolo de Pesquisa foi analisado por um relator e, em Reunião Extraordinária ocorrida em 27/06/2023, o colegiado do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Santos o considerou Aprovado.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2150617.pdf	12/06/2023 20:25:17		Aceito
Outros	Resposta_Pendencias.docx	12/06/2023 20:24:34	IRLANDIA OLIVEIRA ALMEIDA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Instituicao_Participante.pdf	12/06/2023 20:12:37	IRLANDIA OLIVEIRA ALMEIDA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	12/06/2023 20:11:50	IRLANDIA OLIVEIRA ALMEIDA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.docx	12/06/2023 20:10:43	IRLANDIA OLIVEIRA ALMEIDA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Pesquisa.docx	12/06/2023 20:10:03	IRLANDIA OLIVEIRA ALMEIDA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_Rosto.pdf	31/05/2023 18:51:45	IRLANDIA OLIVEIRA ALMEIDA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Dec_Pesquisador.pdf	31/05/2023 18:49:57	IRLANDIA OLIVEIRA ALMEIDA	Aceito
Outros	Barema_Obs_Participante.docx	29/05/2023	IRLANDIA OLIVEIRA	Aceito

Endereço: Av. Conselheiro Nébias, nº 300 Campus Dom Idílio José prédio administrativo, 2º andar, sala202
Bairro: Vila Mathias **CEP:** 11.015-002
UF: SP **Município:** SANTOS
Telefone: (13)3228-1254 **Fax:** (13)3205-5555 **E-mail:** comet@unisantos.br



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE SANTOS

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
SANTOS - UNISANTOS



Continuação do Parecer: 6.148.044

Outros	Barema_Obs_Participante.docx	09:59:30	ALMEIDA	Aceito
Outros	Roterio_Ent_Mae_Crianca.docx	29/05/2023 09:57:42	IRLANDIA OLIVEIRA ALMEIDA	Aceito
Outros	Roteiro_Oficina_Sucata.docx	29/05/2023 09:57:11	IRLANDIA OLIVEIRA ALMEIDA	Aceito
Outros	Questionario_socidemografico.docx	29/05/2023 09:56:37	IRLANDIA OLIVEIRA ALMEIDA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SANTOS, 28 de Junho de 2023

Assinado por:
Cezar Henrique de Azevedo
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Conselheiro Nébias, nº 300 Campus Dom Idílio José prédio administrativo, 2º andar, sala202
Bairro: Vila Mathias **CEP:** 11.015-002
UF: SP **Município:** SANTOS
Telefone: (13)3228-1254 **Fax:** (13)3205-5555 **E-mail:** comet@unisantos.br